



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CULTURA – PPGEDUC
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO E CULTURA

MEURYGREECE CALDAS FARIAS

**PRÁTICAS, SABERES E RESISTÊNCIAS DE MULHERES NO CONTEXTO
HISTÓRICO E CULTURAL NO PERÍODO DA EXTRAÇÃO DA BORRACHA NA
ILHA DE ITANDUBA, MUNICÍPIO DE CAMETÁ/PA.**

CAMETÁ/PA

2019

MEURYGREECE CALDAS FARIAS

**PRÁTICAS, SABERES E RESISTÊNCIAS DE MULHERES NO CONTEXTO
HISTÓRICO E CULTURAL NO PERÍODO DA EXTRAÇÃO DA BORRACHA NA
ILHA DE ITANDUBA, MUNICÍPIO DE CAMETÁ/PA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC), da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Tocantins/Cametá, como requisito para obtenção do título de Mestra em Educação e Cultura, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Benedita Celeste de Moraes Pinto.

Linha de Pesquisa: Educação, Cultura e Linguagem

CAMETÁ/PA

2019

MEURYGREECE CALDAS FARIAS

**PRÁTICAS, SABERES E RESISTÊNCIAS DE MULHERES NO CONTEXTO
HISTÓRICO E CULTURAL NO PERÍODO A EXTRAÇÃO DA BORRACHA NA
ILHA DE ITANDUBA, MUNICÍPIO DE CAMETÁ/PA (1937 -1957)**

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Benedita Celeste de Moraes Pinto
PPGEDUC/UFPA-Cametá
Orientadora

Prof.^a. Dr.^a. Andrea Silva Domingues
PPGCL/UNIVAS – MG
Examinador Externo – Titular

Prof.^a. Dr.^a. Mara Rita Duarte de Oliveira
PPGEDUC/UFPA-Cametá
Examinador Interno – Titular

Profa. Dra. Gilcilene Dias da Costa
PPGEDUC/UFPA-Cametá
Examinador Interno- Suplente

Prof. Dr. Salomão Antônio Mufarrej Hage
PPLSA/UFPA-Bragança
Examinador Externo-Suplente

Dedico a minha família, em especial a minha mãe, mulher de luta, força e muita fé. A memória de minha avó Laureça, a quem devo todas as minhas conquistas. Essa vitória só foi possível porque ela sempre acreditou na educação.

A todas as mulheres seringueiras da ilha de Itanduba, que contribuíram com suas mais remotas lembranças de bravuras e resistência em meio às seringueiras.

AGRADECIMENTOS

Em uma trajetória de conquistas, o ato de agradecer é fundamental.

À Deus, essa força que me permite resistir todos os dias, pela vida, pelos sonhos e oportunidades.

À minha família por tudo o que vivemos e por tudo o que somos: Meus filhos, Melc Farias e Kauê Farias, amores de minha vida, motivos de minhas conquistas.

Meus queridos irmãos, Gleybson, Deise, Maeli e Gideão, pelo apoio e incentivo nos momentos de angústia.

Gratidão eterna aos meus Pais, João Batista Caldas e Raimunda de Souza Caldas, duas pessoas que sempre foram a base de nossa família, nos proporcionando amor incondicional e por confiar na educação como possibilidade de transformação.

Ao meu marido e parceiro de vida, Manuel Ribamar Farias, por tudo o que passamos e o que construímos, pela paciência e aconchego nos momentos difíceis.

À minha avó materna, Loureça, (in memoriam) a quem vi me aplaudi ao começar essa caminhada, mais não consigo vê-la agora ao terminar. A perseverança em forma de mulher, me atrevo a defini-la em minha vida como: importante, fundamental e necessária. Dela herdei a coragem, o atrevimento e o valor de ser mulher.

À minha vó paterna, Cristina Caldas, (in memoriam) uma mulher que viveu e conviveu com todos os tipos de preconceitos e discriminação, em uma sociedade feita por pessoas perfeitamente imperfeitas, para uma mulher insistentemente resistente. A ela devo a cor, a resistência, a determinação e o valor da independência feminina.

Gratidão sempre a minha orientadora, professora Dra. Benedita Celeste de Moraes Pinto, pelo acompanhamento, atenção, sabedoria, incentivo e pelo olhar sempre muito afetuoso ao meu texto. Pela credibilidade e confiança a qual depositou no meu trabalho. Sem falar nas inúmeras acolhidas, em sua residência nos momentos de dúvidas.

Aos professores do programa em pós-graduação em educação cultura e linguagem em especial as professoras e professor, que cooperaram com este estudo durante a banca de qualificação: Dra. Andreia Domingues, pela disponibilidade e contribuição, falas que me impulsionaram e me proporcionaram um novo olhar para com a minha pesquisa. Dra. Mara Rita Duarte de Oliveira, sempre muito atenciosa, prática e cuidadosa em elaborar um parecer com fontes que muito colaborou com este estudo. Ao professor Dr. Flavio Bezerra Barros, pela atenção destinada à leitura tão minuciosa e plausível, evidenciando detalhes importantes para meus estudos.

Toda minha gratidão e respeito à comunidade de Itanduba, em particular às mulheres seringueiras, estas que me receberam e acolheram com a atenção e carinho. A vocês, obrigada pela aprendizagem, ensinamentos que irão perpetuar meu caminho enquanto fizer parte desse plano, a força expressa no olhar de cada mulher que me deu honra a de conversar, que por inúmeros momentos, foram também minha força, saibam que sem vocês, não chegaria até aqui.

As minhas amigas e amigos, que sempre lembravam de passar uma mensagem incentivadora, sempre compartilhando meus desesperos e alegrias nessa caminhada. Especialmente as professoras, Kelly Veiga e Evanilza Baia, pessoas especiais que Deus colocou na vida, que por inúmeras vezes me substituíram com meus alunos para que eu pudesse estudar e realizar minha pesquisa.

Aos meus colegas da turma 2017 do PPGEDUC, pelas conversas, pelos momentos de partilha e até mesmo os de aflição, afinal tem horas que tudo acontece de forma um tanto quanto desafiador, mas sempre necessário em nossa formação enquanto ser humano.

Imensamente grata a UFPA, por me proporcionar a realização de um sonho, um lugar de lutas, conquistas, aprendizagem e resistência sempre. Espaço onde somos desafiadas o tempo todo, mas sempre com grandes oportunidades de nos fortalecer enquanto MULHER.

Obrigada a todos!

RESUMO

A presente pesquisa, intitulada **Prática, Saberes e Resistência de mulheres no contexto histórico e cultural no período da extração da borracha na ilha de Itanduba, município de Cametá/PA** investigou a participação de mulheres ribeirinhas durante a extração da borracha nessa localidade, tendo como base de análise a história das mulheres que cortavam seringa, através da oralidade e memórias, falas que retratam como aconteciam suas vivências na diversidade do mato, durante as práticas no corte, coleta e comercialização da seringa. Entre relatos, olhares e silêncio apreender respeito da presença dessa mulher nas práticas socioculturais e na dinâmica de coletar e comercializar a seringa. No relato de cada percalço vivido e vivenciado, saberes também foram internalizados pelo tempo como forma de identidade das mulheres seringueiras. Nesse sentido, buscou-se ouvir vozes que se propuseram traduzir experiências como símbolo também de resistência. Metodologicamente buscou-se auxílio teórico em estudos de autores que abordam temáticas relacionadas a gênero, oralidade, memória, saberes culturais, economia da borracha na Amazônia, entre os quais destacam-se: THOMPSON (1992), POLLAK (1986) LUDKE E ANDRÉ (1986), WOLFF (2001), SIMONIAM (2010), PINTO (2004, 2010), LAGE (2015), BONDÍÁ (2002) entre outros. Acrescida a pesquisa de campo, mediante a realização de entrevistas e conversas informais, sempre em busca de vestígios, vivências e experiências das mulheres cortadeiras de seringas. Dessa forma, optou-se por realizar uma investigação qualitativa a qual possibilitou em lócus de estudo, fazer análises, cujas informações estejam o mais próximo possível das histórias de vida das mulheres seringueiras, tendo como base sua participação nas diversas etapas da produção do Sarnambi. Nesse sentido, foi possível contar com a colaboração através dos relatos de 08 mulheres, moradoras dessa localidade, com idade que varia entre 60, 70, 80 e 89 anos, cujas narrativas trazem a vida dessas mulheres a partir de um olhar individualizado, durante o trabalho nos seringais. Pode-se analisar no decorrer da pesquisa, ouvindo as lembranças de cada mulher, que o trabalho delas realizado no mato, cortando seringa, foi de grande importância para sua formação enquanto mulher trabalhadora e também como administradoras de suas famílias, sempre cumprindo com suas obrigações dentro de casa, fosse ela casada, solteira ou amante da própria sorte, buscava sempre meios para o sustento de sua prole. Ainda, articulando o cotidiano de labuta com a prática de resistir, encontrou-se no rememorar de cada mulher, o valor feminino através da sua posição de poder, dentro de um sistema cultural, social e religioso com viés marcados por pensamentos e atitudes machistas, vestígios de uma vida registrada na memória, no corpo e na alma de cada mulher seringueira da ilha de Itanduba.

Palavras-chave: Mulheres. Economia da borracha. Práticas, Saberes e Resistências.

ABSTRACT

This research, which has the title of Practice, Knowledge and Resistance of women in the historical and cultural context in the period of rubber extraction on the island of Itanduba, municipality of Cametá / PA, investigated the participation of riparian women during rubber extraction in this locality, I try to analyze the history of women who cut syringes through orality and memories, as they describe their experiences in the diversity of the forest during practices in the cutting, collection and commercialization of the syringe. Among reports, looks and silence, the respect of the presence of this woman in sociocultural practices and the dynamics of collecting and marketing the syringe is understood. In the story of each lived and experienced moment, knowledge was also internalized by time as a form of identity of rubber women. In this way, we seek to hear voices that set out to translate experiences as a symbol of resistance. Methodologically, we seek theoretical assistance in studies of authors that deal with themes related to gender, orality, memory, cultural knowledge, and rubber economy in the Amazon, such as: Thompson (1992), Pollak (1986) LUDKE AND ANDRE (1986), WOLFF (2001), SIMONIAM (2010), PINTO (2004, 2010), LAGE (2015) and BONDIÁ (2002) among others. In addition to field research, interviews and informal conversations were carried out, always in search of traces, experiences and experiences of women collecting syringes. In the course of the research, we were able to analyze in the course of the research, listening to the memories of each woman, that their work in the bush, cutting a syringe, was of great importance for their training as a working woman and also as administrators of their families, always fulfilling their obligations within house, whether she was married, single, or lover of her own fortune, always sought means to support her offspring. Still, articulating the daily work with the practice of resisting, the feminine value through its position of power was found in the memory of each woman, within a cultural, social and religious system with years marked by machismo thoughts and attitudes, vestiges of a life registered in the memory, body and soul of every rubber woman of the island of Itanduba.

Keywords: Women. Economy of rubber. Practices, Knowledge and Resistance.

LISTA DE IMAGENS.

IMAGEM 01 - Mapa da localidade de Itanduba e suas limitações empírica da área de estudo.....	24
IMAGEM 02 - Mapa do trajeto de Cameté sede, até a localidade de estudo.....	25
IMAGEM 03 -Igreja e o barracão de São Benedito, padroeiro da localidade.....	26
IMAGEM 04 - Máquina calculadora, pertencente ao antigo e extinto Banco da borracha, hoje faz parte do acervo do Museu municipal de Cameté.....	28
IMAGEM 05 - Maria da gloria dos Santos, 68 anos, moradora da localidade de Itanduba.....	38
IMAGEM 06 - Maria José Nunes, 72 anos, moradora da localidade de Itanduba.....	40
IMAGEM 07 - Maria das graças Gomes, 61 anos, moradora da localidade de Itanduba.....	41
IMAGEM 08 - Maria José de Freitas,72 anos, moradora da localidade de Itanduba.....	43
IMAGEM 09 - Lindalva Caldas Soares, 79 anos, moradora da localidade de Itanduba.....	45
IMAGEM 10 - Margarida Mendes de Souza, 89 anos, moradora da localidade de Itanduba.....	47
IMAGEM 11 - Benedita de Nazaré Macia de Melo, 71 anos, moradora da localidade de Itanduba.....	49
IMAGEM 12 - Benedita Prazeres dos Santos, 77 anos, moradora da localidade de Itanduba.....	50
IMAGEM 13 - Raimundo Lopes, 67 anos, morador da localidade de Itanduba.....	104
IMAGEM 14 - Manoel Serrão de Moraes, 91 anos, morador da localidade de Itanduba...	110

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS: CAMPO DE ANÁLISE DA PESQUISA	11
CAPITULO I: ENTRE RIOS, IGARAPÉS E AS MULHERES SERINGUEIRAS	23
1.1 Perfil histórico e geográfico da ilha de Itanduba	24
1.2 A venda da seringa na ilha de Itanduba	27
1.3 O trabalho e a força da mulher seringueira	33
1.4 As mulheres seringueira da ilha de Itanduba	36
1.5 Histórias de mulheres extrativistas	51
1.6 Práticas e saberes das mulheres seringueiras da ilha de Itanduba	56
1.7 A identidade da mulher extrativista da ilha de Itanduba	60
CAPÍTULO II: A MEMÓRIA E A VOZ NA TRADUÇÃO DE EXPERIÊNCIA E SABERES DAS MULHERAS DE ITANDUBA	71
2.1 Vozes da memória na definição da história	72
2.2 Experiências, saberes e religiosidade de mulheres seringueiras	75
2.3. No eco da sapopema, o silêncio e as resistências das mulheres seringueiras de Itanduba	83
CAPITULO III: O CORPO COMO RETRATO DA HISTÓRIA NA DIMENSÃO DO VIVIDO	93
3.1 O corpo como registro da mulher seringueira	94
3.2 Eles falando a respeito delas: “mulherada trabalhava pra espantar qualquer macho”	102
3.3 A violência na história da mulher seringueira.	114
3.4 Vivências e encontros em meio às seringueiras	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	125
ANEXO A	128

CONSIDERAÇÕES INICIAIS: CAMPO DE ANÁLISE DA PESQUISA

O presente estudo, intitulado **Práticas, Saberes e resistências de Mulheres no contexto histórico e cultural no período da extração da borracha na ilha de Itanduba, município de Cametá/PA** originou-se das inquietações de minha história, por ser neta de duas mulheres que viviam entre as seringueiras¹, que marcaram suas histórias de vida em um período de muito trabalho e pouco reconhecimento, construíram suas famílias e criaram seus filhos, contando apenas com suas lutas de resistências, a proteção das divindades, nas quais acreditavam, além da soberania do mato que era o local de onde elas tiravam o essencial para a sobrevivência. Tais inquietações impulsionaram meus interesses de pesquisa, principalmente, devido parte de minha história de vida estar atrelada a essas lutas de resistências, pois quando menina, entre meus 08 a 10 anos, moradora dessa localidade, pude acompanhar minha avó materna durante suas idas e vindas para cortar seringa. Nas minhas lembranças, esta era uma das mais belas aventuras de menina que pude ter, sem saber que também estava participando de um momento histórico, muito importante para a região do Tocantins, além de também já estar fazendo parte do mundo do trabalho das mulheres da minha família, cujo ensinamento acontecia na prática, na vivência do dia-a-dia.

Entrelaçados com a minha origem, lembranças de mulheres fortes e corajosas, comecei a buscar respostas nos livros, para a curiosidade que me acompanhava, principalmente as que tratavam a respeito da história da Amazônia, em particular do Pará, no que se refere ao processo de corte, coleta e comercialização da seringa, mais precisamente do período que ficou conhecido e reconhecido como Belle époque paraense, em cujos registros não constavam nada que se reportasse aos trabalhos das mulheres cortadeiras de seringa com machadinhos, que havia existido aqui na nessa região pertencente a Amazônia Tocantina.

Somente com o passar dos tempos fui percebendo o quanto o trabalho executado por mulheres, como minhas avós, contribuiu para que eu me tornasse a mulher que sou. Naquele momento não conseguia refletir a respeito da importância desta atividade para a cultura e economia da Amazônia brasileira, pois suas histórias, sempre atreladas às experiências adquiridas entre as seringueiras, foram fundamentais para minha formação.

¹ A seringueira é uma árvore nativa da Amazônia, da família das euforbiáceas que produz o látex ou borracha. Seu nome científico é *Hevea brasiliense*. (PINTO, 2004, p.28).

O ato de buscar vestígios destas vivências e experiências das mulheres nos seringais da região, que não as encontrava em livros ou periódicos se tornou neste estudo um exercício desafiador. Thompson (1992), ao se referir sobre história e comunidade, afirma que:

Por meio da história, as pessoas comuns procuram compreender as revoluções e mudanças por que passam em suas próprias vidas: guerras, transformações sociais como mudanças de atitude da juventude, mudanças tecnológicas como o fim da energia a vapor, ou migração pessoal para uma nova comunidade. (THOMPSON, 1992, p. 21)

Contudo, direcionei esta pesquisa para uma época das histórias e memória de habitantes da região em estudo, que correm o risco de ficar esquecidas, silenciadas, carecendo de uma análise prática, na dimensão do passar dos tempos, valorizando seu potencial, reconhecendo a importância de se voltar o olhar para a cultura, histórias, memórias e lutas das mulheres seringueiras, que por muito tempo foram invisibilizadas, daí o desafio de realizar este trabalho com o intuito de torná-las visíveis, fazê-las emergir.

Para tanto, é importante primeiramente mencionar que o Município de Cametá é formado por inúmeras ilhas, todas contornadas e banhadas pelas águas do Rio Tocantins, que atravessa este município de norte a sul, serpenteando matreiro entre belas paisagens ornadas de palmeiras, como açazeiros e buritizeiros. Nas ilhas vivem ribeirinhos, pessoas que residem às margens de rios e igarapés, cuja principal atividade de sobrevivência é a pesca artesanal, pequenas lavouras e extração de frutos das matas, como açaí, cacau, andiroba, que são importantes referências para seus modos de vida.

Quando se trata de produtos extrativistas, principalmente, no que se refere às relações de produção e comercialização destes, o Município de Cametá sempre manteve uma relação bastante próxima com a cidade de Belém, capital do estado do Pará. Visto que, o referido município vivenciou alguns dos ciclos econômicos mais importantes da região Amazônica, como exemplo, o da borracha. Na região das ilhas, no interior cametaense, por muito tempo a economia da borracha interferiu de forma significativa nas condições de vida da população ribeirinha. Segundo Almeida (2009) a exploração do látex, o líquido leitoso que escoava das seringueiras e a comercialização da borracha, configuraram a cena econômica e cultural na região do baixo Tocantins por muitos anos.

A partir dessa análise, reporto-me ao período conhecido como o ciclo da borracha na Amazônia, não para falar de Belém, dos luxos que vivenciou a capital paraense no auge da borracha, mas sim para falar das mulheres seringueiras, suas histórias, memórias e práticas socioculturais por elas dinamizadas nesse período, com sua importante participação na

produção da borracha e no desenvolvimento da região. Evidenciando assim, que ao longo da história o árduo trabalho executado por essas mulheres nos seringais foi deixado às margens de todo um contexto econômico, cultural e até mesmo, religioso.

Durante o chamado ciclo da borracha, as mulheres das quais se fala amplamente ou aparecem nos escritos se remetem a suas posturas diante da sociedade paraense, evidenciando as heranças europeias que recebem no período. Nesse sentido, como afirma ZENTI (2006), não é difícil encontrar diferentes fontes de pesquisa evidenciando as mulheres elegantes que desfilavam seus belos vestidos de seda, feitos por costureiros belgas, exibindo perfume, glamour e luxo nas ruas de Belém. Contudo, para relatar a vida de mulheres que exerciam diversificadas atividades nos seringais, como foi o caso das mulheres que extraíam o látex de seringueiras nas ilhas da região Tocantina, tais fontes ainda são raras.

As mulheres que assumiram a função de mulher seringueira tinham uma rotina completamente isenta de qualquer estilo ou referência de moda, suas roupas tinham como exigência cós firme para ajudar no carregamento dos produtos, ou ainda prender seus pertences. E assim, durante horas de trabalhos no meio das matas, entre as árvores de seringa, acarretadas de deveres e fazeres viviam com simplicidade, porém eram portadoras de muita dignidade, sabedorias, resistências e fé.

Dessa forma, o presente estudo, por evidenciar histórias, memórias, resistências e formas de trabalho de mulheres seringueiras na Amazônia Tocantina tem valor para a história da região, pois contribui para a reconstituição de narrativas de vidas, afazeres e modos de sobrevivência empreendidos por tais mulheres, que muito fizeram no âmbito cultural, histórico, econômico e social desta região.

No acadêmico e científico a colaboração deste trabalho pode ser evidenciado devido a carência de estudos que abordem tal temática, ficando, assim, uma lacuna imensurável no que se refere à participação de mulheres ribeirinhas e suas atuações na prática do corte da seringa na região Tocantina². Em relação à realidade sócio cultural e econômica desta região, a importância do presente estudo pode ser destacada devido abordar evidências históricas e culturais de uma população, que muito tem contribuído para o conhecimento e a valorização de diferentes saberes de grupos historicamente excluídos e silenciados. Desta forma, a elaboração deste trabalho de pesquisa busca fortalecer a identidade de mulheres ribeirinhas e extrativistas, com suas memórias, histórias, resistência e formas de sobrevivência.

² Composta pelos municípios Paraense de Abaetetuba, Baião, Cametá, Igarapé-Miri, Limoeiro do Ajuru, Mocajuba e Oeiras do Pará. (PINTO 2004, p. 20)

Tendo as mulheres seringueiras como sujeito de pesquisa optou-se por realizar uma investigação qualitativa, por compreender que essa abordagem nos possibilitará uma visão ampla do sujeito a ser pesquisado, tendo a dimensão clara de sua complexidade e totalidade. Como explica Ludke e André (1986):

Qualitativa porque se contrapõe ao esquema quantitativo de pesquisa (que divide a realidade em unidades possíveis de mensuração, estudando-as isoladamente), defendendo uma visão holística dos fenômenos, isto é que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas. (LUDKE E ANDRÉ, 1986, p.17).

Com o objetivo de investigar a participação da mulher ribeirinha na atividade do corte da seringa durante a economia da borracha nessa localidade, no primeiro momento delimitamos o número de oito mulheres, sendo de idades diferentes, com o recorte entre 60 e 89 anos. Contudo durante a realização de entrevistas e conversas informais ou “prosa”, como dizem as mulheres em estudo, houve a necessidade de incluir na pesquisa as falas de alguns homens, que se faziam presentes nas lembranças das mulheres entrevistadas. Nesse sentido, foram incluídos dois homens como fontes orais, não para tratar de seus trabalhos no processo do corte da seringa, mas sim para que se pudesse entender qual a percepção destes e o que pensavam a respeito do trabalho dessas mulheres.

Nessas condições, a pesquisa qualitativa, possibilitou-me desenvolver uma investigação onde a informação fosse mais próxima possível das histórias de vida dessas mulheres extrativistas, no período da extração da borracha e da sua participação nos diferentes trabalhos que desenvolviam. Sempre com a intenção de coletar mais falas, em busca de memórias expondo diversos saberes.

E assim, na perspectiva da valorização das vivências dessas mulheres envolvidas na prática da extração da borracha com seu processo histórico, social e cultural, se centrou o presente estudo na ilha de Itanduba, optando-se por mulheres que viveram e ainda vivem na referida localidade. Destas, consta que cinco mulheres nasceram no local e as demais vieram de outras localidades, dizem que chegaram ainda meninas, para se tornarem Itandubense.

Cabe aqui ressaltar que, embora esta pesquisa tenha sido realizada dentro de todas as normas e padrões preestabelecidos por regimentos institucionais, tendo termo de consentimento para utilização das falas, no entanto, por questões éticas, haverá ocasiões que os nomes verdadeiros serão ocultados, cuja as falas poderão lhe trazer algum tipo de constrangimentos.

O recorte temporal está, proporcionalmente, direcionado pelos relatos das mulheres em estudo. Visto que o trabalho com história oral e memória é entendido pelas relevâncias dos acontecimentos dentro de um contexto cultural, social e religioso. Sendo que na Amazônia iniciou-se o processo de trabalho nos seringais a partir da década de 1870 e se estendeu até o seu declínio em 1930 (Picoli,2006). Na ilha de Itanduba o processo da atividade extrativista também acompanhou o processo de adesão desse período, porém ocorreu após o auge, em um período em que ficou conhecido como “era da machadinha”, o uso da oralidade e memória irá expressar todas as informações dentro da realidade dessas mulheres.

Para tanto, “o historiador oral tem que ser um bom ouvinte, e o informante um auxiliar ativo”. Visto que história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Assim, a história oral “traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato- e a compreensão –entre classes sociais e entre gerações”. (THOMPSON, 1992, p. 43-44).

Dessa forma, como instrumento para a coleta de dados, utilizamos a entrevista semiestruturada, a fim de apreender eventos importantes relacionados à vida dessas mulheres. Assim, ao evidenciar a memória, através das escutas feitas, relaciona-se o fato se serem cúmplices de uma experiência, nos proporcionando elementos que nortearam diversos contextos de vida, dentro de uma única época, tudo feito por meio do cruzamento de elementos da história oral e memória, tendo como suporte sempre a entrevista semiestruturada. Thompson (1992), ao falar sobre entrevista ou diferentes estilos de entrevista, enfatiza que podem ir desde o ato de uma conversa informal, amigável até a mais formal e padronizada. Assim, “o bom entrevistador acaba por desenvolver uma variedade de método que, para ele, produz os melhores resultados e se harmonizam com a sua personalidade”.

E assim, o uso da metodologia da história oral, possibilitou-me registrar e entender as memórias individuais, analisar suas ações no passado, no ato de exercitar a memória e também os meios que elas se identificassem dentro de uma história no processo de rememoração. Compreender o cotidiano dessas mulheres e os importantes papéis desempenhados pelas mesmas, tudo com base nas lembranças arquivadas pelo tempo e transformadas para um silêncio adormecido em mentes esquecidas. Visto que, como afirma Thompson:

O trabalho com a história oral pode auxiliar as pessoas a reconhecer e dar valor a experiência silenciada ou reconciliar com os aspectos difíceis de seu passado. E tudo isso pode ser evocado tendo como base os dados da memória. (THOMPSON, 1997, p 70).

A história oral pode ser surpreendente e comovente, mas precisa de relevância que os torne realmente fatos contidos em uma história, tomada por evidências concretas desde que seja um relato mencionado dentro de um grupo de indivíduos. Cabe nesse caso um processo de seletividade, como defendido por Michael Pollak (1986), o qual enfatiza que o ato de poder contar com quem realmente vivenciou tal momento possibilita aproximar-se de um resultado convincente e acima de tudo coerente para um estilo de vida e de sociedade. Ainda o mesmo autor nos ensina não apenas a seletividade da memória, mas também um processo de “negociação” para conciliar a memória coletiva e a memória individual.

Diante dos relatos das mulheres seringueiras presentes nesta pesquisa é possível intercalar as vivências em meios às práticas extrativistas realizadas por essas mulheres. Em todas as análises sempre deparamos com detalhes recheados de elos que ligam as histórias individuais às coletivas. Muitas vezes pode parecer que estamos diante do mesmo fato, mas sempre há um fundamento que denomina cada vida, com sua individualidade e especificidades.

A primeira coisa que torna a história oral diferente, portanto, é aquela que nos conta menos sobre os eventos e mais sobre significados. Isso não significa que a história oral não tenha validade factual. Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre aires inexplorados da vida diária das classes não hegemônicas. (PORTELLI, 1997, p.31).

Desta forma, busca-se fazer análises para a construção do presente texto, com auxílio teórico de autores que discutem a respeito dos diferentes papéis desempenhados por mulheres, fundamentalmente das extrativistas que se ocuparam da extração da borracha na região Tocantina, tendo como instrumento base de pesquisa a oralidade que muito contribuiu com a elaboração das análises dos dados. Além, também, das fontes teóricas que possibilitaram a compreensão das histórias relacionando-as com as vivências dessas mulheres. Assim como, analisamos questões atreladas ao papel da mulher na sociedade, a forma de se entender dentro desse contexto, as relações de gêneros, análise de costumes, hábitos e, também, as referências ligadas a práticas e comportamentos religiosos. Devido ao trabalho desenvolvido por estas mulheres extrativistas se configurar no passado, não foi possível conseguir imagens dessa atividade, visto que fotos ou “retratos” eram um bem que essas mulheres praticamente não

tinham acesso. Contudo, no decorrer deste estudo serão inseridas fotografias de momentos atuais dessas mulheres.

Não restam dúvidas, ao se propor fazer análise das histórias de mulheres nos seringais, no período da borracha na Amazônia, observa-se que sua presença e seus afazeres não eram divulgados, pois eram histórias construídas no anonimato das florestas. Trata-se de histórias que se aprendeu a viver, sem se compartilhar com a sociedade como um todo, o que se sabia era que nas ilhas se produzia o sarnambi, porém não se conhecia as conjunturas que esse produto era extraído das seringueiras, o que se tornava notícia de forma geral, era o lado da lucratividade da seringa, como diria Portelli (1997, p.11), “os excluídos, os marginalizados, *os sem-poder sim, têm voz, mas não há ninguém que os escute*”.

Trata-se de um período em que o capitalismo mostrou sua força em todas as ramificações da sociedade paraense, tudo em volta da grande e próspera economia da borracha, nesse período do século vinte, onde ser importante era ter atitudes e dotes europeus, considerado na época o símbolo da modernidade, enquanto isso, nas ilhas e demais localidades do interior, seres humanos retiravam o que se conhecia como o produto mais cobiçado do momento.

As mulheres sempre estiveram presentes em diversas atividades da nossa história, mas foram relegados os piores lugares, pois a elas foi imposto um silêncio, que por muitos era entendido sempre como uma luta de classe e de gênero PERROT (1988). De classe por entender que as mulheres que viviam às margens das riquezas proporcionadas pela produção e venda da borracha, sendo tratadas como um ser humano sem nenhuma importância social, sendo vistas como mercadorias, como se referem, WOLFF (1992) e SIMONIAN (2001). Da mesma forma, WEISNTEM (1993) que realizou o estudo “A Borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)”, um dos primeiros estudos a respeito do assunto nesta região, se refere às vantagens da elite, isto é, da classe que dependia de maiores e melhores condições, submetendo em situações opostas quem não tinha um poder aquisitivo mais elevado.

Contudo, o foco principal do trabalho na prática do extrativismo da seringa, era visível para mostrar a importância dos homens, chegando até serem reconhecidos como “os soldados da borracha”. Analisada sempre como um ser humano “frágil”, a mulher foi vivendo em meio às adversidades dos seringais, sempre resistindo as demandas sociais que lhe rodeava.

Em 1992, Cristina Wolff realizou uma das primeiras pesquisas no alto rio Juruá, no Acre, cujo campo de análises são as mulheres da floresta, nesse trabalho ela discute, entre outros assuntos, a categoria gênero buscando evidenciar como acontecia a presença da mulher na prática da extração do látex. Chamando, portanto, atenção para a questão da exploração e formas de tratamentos dadas a essas mulheres pelo governo e pelos seringueiros, segundo essa autora.

Gênero e sustentabilidade articulam-se, na história dos “povos da floresta amazônica”, com experiências históricas e sociais que deram a homens e mulheres diferentes papéis na produção de sua sobrevivência, na sua sustentabilidade, já que a sobrevivência desses povos extrativistas depende da preservação da floresta. Esses papéis, formais ou informais, improvisados no cotidiano e interpretados e refletidos com elementos culturais disponíveis, precisam ser entendidos em sua especificidade para que se possa inclusive repensá-los em busca de uma nova sustentabilidade (WOLFF, 1999, p, 257).

Observa-se, assim, que as relações de gênero ao serem entendidas nessa articulação presente entre os povos, evidenciam o trabalho e a importância de ambos, como seres ativos e presentes nas analogias das vivências extrativistas. Contudo, o fazer da mulher nesse meio ainda era silenciado, mesmo executando funções tanto quanto as dos homens, ainda prevalece na história uma imagem inferiorizada da mesma em relação à figura masculina.

Nesse sentido, as mulheres que cortavam seringa na ilha de Itanduba tiveram sua participação na história cultural e econômica do município cametaense, visto que a relação delas com o mato, foi uma construção herdada e ampliada de acordo com o estilo de vida de cada uma delas. Uma vez que, quando são solicitadas para se auto definirem dentro desse período de extração da borracha, nota-se que, entre elas, existem mulheres que não se veem como parte importante do processo de extração da borracha, mas sim como trabalhadoras sem grandes relevâncias, visto que entendem o trabalho nos seringais como uma extensão dos afazeres de casa.

Contudo, suas resistências foram determinantes para que hoje pudéssemos descrevê-las, contar suas bravuras e venturas em um universo que foi por muito tempo entendido como insalubre a presença feminina, tido como predominantemente masculino.

Ligia Simonian (2001), ao escrever sobre mulheres seringueiras, fala a respeito do trabalho duro destas, afirmando que tais trabalhadoras eram pertencentes desse processo produtivo e que em:

Geral tais mulheres internalizam ideologia que trata estas atividades como masculinas, em detrimento ao seu próprio interesse e potencial enquanto força de

trabalho ativa e produtiva, e que gradativamente elas vêm revalorizando seu trabalho como seringueira, mesmo quando referido ao passado (SIMONIAN, 2001, p. 76).

Pode-se entender que devido à situação em que eram submetidas nos seringais eram invisibilizadas, mas a sua valorização certamente advém de suas lutas e conquistas. Pois, como afirma Simonian (2001), eram vistas como “mercadorias” baratas e abusivas, sendo vítimas de graves violências, abusos e desmandos, entre elas estavam as mulheres seringueiras não índias, as índias, as caboclas ribeirinhas, todas as quais foram denominadas por Wolff (1999) como “povos das florestas”.

Por tais violências, como violência sexual, físicas, psicológicas, também passaram as mulheres seringueira do local deste estudo. Pois, elas mesma relatam fatos que traduzem uma vida de temor, medo e de muita resistência. Tudo isso em consequência de um pensamento ainda machista em relação ao trabalho desenvolvido pelas mulheres seringueiras, que por mais determinadas que tenham sido havia situações, que pretendia recuar das suas atividades, mas a situação econômica da sua família lhe obrigava permanecer entre nos seringais, lutando pela sobrevivência dos seus.

Devido à internalização de tais pensamentos machista, não é difícil encontrar relatos com teor de culpabilidade, pois elas também aparecem na literatura, conforme nos mostra Simonian (2001), como causa de todo um processo de violência e criminalidade nos seringais, partindo do entendimento que, “um lugar propício para eles, o que fazem elas? ”, transformando as vítimas em principais culpadas. Existem fontes, que afirmam terem sido as mulheres o pivô, sem dúvidas, não fez uma pesquisa consistente, ouviram somente um lado da história, não certamente as mulheres.

Esses autores falharam, porém, por não demonstrar base das duas afirmações - ouviram-se as mulheres sobre as quais falaram ou apenas os homens - e, ainda, por deixarem de se questionar se tais atos eram efetivamente praticados “de livre e espontânea vontade” ou se a eles eram forçadas pelas armas ou pela força (SIMONIAN, 2001, p. 83).

Pode-se observar, desta forma, que nunca foi fácil a vida das mulheres que viviam no processo do corte da seringa, por causa do preconceito, e até mesmo a discriminação sofridos pelas mulheres. No caso em estudo, mulheres negras se definem em suas falas como “negras do cabelo bravo”, outras por terem raízes indígenas, definem-se como “rebelde”, assim, cada uma se auto identifica conforme suas origens. No entanto, por passarem grande parte do seu dia entre as seringueiras, no mato, criaram vínculos e aprenderam a conhecer suas histórias,

através das quais adquiriram saberes herdados mediante a oralidade, que interagiam com suas rotinas. Por isso, muitas delas eram entendidas como feiticeiras ou macumbeiras, o que faz com que as mulheres Itandubense neguem veemente tal condição. Pelo contrário, se identificam como benzedeiros, curandeiras, parteiras, ou adeptas de tais saberes. Devotas em meio baseadas em crenças, cujas origens e entendimentos buscam nas suas próprias vivências e história-

Neste sentido, Pinto (2010) evidencia histórias das “mulheres mágicas” e “leigas”, cujo campo de ação das parteiras e curandeiras tradicionais da região Tocantina.

As práticas e saberes destas mulheres vão se consolidando ao longo dos anos no meio de uma clientela que confia no poder de suas palavras, de suas ervas, de suas orações e de suas mãos; daí porque são historicamente rotuladas pela medicina oficial como “curiosas”, “práticas”, “comadres”, “leigas”. Por outro lado, através dos dons que dizem possuir, tornam-se confiáveis, dignas de cura e “milagres” no meio em que atuam (PINTO, 2010, p. 106).

No caso das mulheres seringueiras da ilha de Itanduba, estas dizem que não acreditavam e continuam não acreditando nos “remédios dados pelos médicos”, conforme fala dona Margarida Mendes de Souza, que para o remédio fazer efeito tinha que ser “caseiro, com cheiro da terra”, e só se entendia este universo de cura, somente quem estivessem imersos na terra. Há relatos de caso de acidentes no mato, assim como de várias doenças e infecções, para os quais buscavam a curam mediante seus conhecimentos. Da mesma forma, quando pessoas de localidades vizinhas tinham algum problema de saúde chamavam por elas que conheciam o poder curativo e as forças das ervas intercaladas com suas rezas.

O fato de dominarem os saberes populares faziam diferenças na forma com que essas mulheres encaravam a vida e também como eram reconhecidas pelas pessoas, a influência dessas mulheres ia além das atividades de trabalhos, eram vistas como especiais. Tais saberes atrelados às experiências de vida, principalmente, em relação ao uso de ervas, raízes e “cascas de árvores”, por muitas vezes eram usados em momento de desespero, até mesmo para evitar ou coibir gravidez indesejada, que poderia ocasionar danos imensos à saúde física dessas mulheres e, principalmente, as psíquicas, que elas definem como “agonia da alma”.

De vez que, que nos mulherada, estava cuntando com a regra de tudo mês, se esperava, se esperava, daí se constatava que num vinha. A gente já tinha, se sabe, aquela vida de sacrifício, que pra começar tudo de novo...resguardo, as dificuldades

...a gente as vezes bebia chá, pra descer a regra, [...]. Numa era faci, a gente perdia muito sangue, ficava fraca, [...] tudo era enterrado no mato, não muito longe da casa, as vezes perto da estiva de traz da casa. A gente de alguma forma tinha que guarda os dia dado pela parteira né. Mais tu sabe que depus assim...dava uma agonia na alma, mais já se pensava, na lida do dia a dia. Num tinha dotra forma de se fazer (Margarida Mendes de Sousa- 89 anos. Moradora da localidade de Itanduba - 14/07/2017).

Neste relato, pode-se analisar um estouro de uma dor que atingiu um dia lá no passado, o psicológico dessa mulher e que ainda é presente, uma violência as quais elas se submetiam em momentos de desesperança em meio seu estado social, já vulnerável por todo um contexto machista e instável. Mas seguramente sem planejamento, uma vez que o aborto para elas, embora fosse feito devido à preocupação com forma de sobrevivência encarada no seu cotidiano, fazia parte de história de suas histórias de vida, pois se trata de uma época em que as informações de controle da natalidade eram completamente distintas. Contudo, o móvito era visto por elas como momento de grande angústia, a ponto de se sentirem culpadas com tal situação, que diziam sofrerem do que elas denominam de agonia da alma.

Este estudo está estruturado em três capítulos, sendo que o primeiro capítulo traz como tema “Entre rios, igarapés e as mulheres seringueiras”, este apresenta o espaço *in lócus* de pesquisa, um perfil histórico da ilha de Itanduba e as formas de compra e venda da seringa produzida pelas mulheres, sua importância para a economia do município de Cameté e, ainda, sua junção para sobreviver em meio ao sistema capitalista que consumia com seu poder o dia-a-dia de mulheres seringueiras no tecer de seus dramas. Trata-se ainda, do primeiro contato feito com as mulheres sujeitas deste estudo, onde de forma bem suscita tento trazer para o leitor, minhas primeiras impressões enquanto pesquisadora e também as primeiras indagações e questionamentos feitos pelas mulheres intitulada aqui, como mulheres seringueiras. Neste também, apresento cada uma das mulheres que, durante esta trajetória, muito contribuíram na construção deste trabalho, analisando suas falas, inquietações e acima de tudo sua especificidade incluindo a forma de entender a vida social, cultural e religiosa dentro do contexto em estudo, e também de se definir enquanto mulher, mãe, filha, irmã e comadre, estas, que sempre se apoderaram de seus saberes em suas atividades diárias como prática de resistência.

O Segundo Capítulo, A memória e a voz na tradução do saber, discorre a respeito das lembranças dessas mulheres, construída a partir do que elas viveram e vivenciaram nos pés das seringueiras, relatos de um passado que marcaram as vidas dessas cidadãs, dentro de um contexto histórico, baseado na invisibilidade feminina, silenciada por uma sociedade imperceptíveis. Com base nos relatos, vozes que ecoam saberes herdados dos seus

antepassados e também os adquiridos através do contato direto com as forças da natureza, tendo também como forma de proteção e resistência, as suas experiências místicas, pois eram sempre atreladas a sua rotina extrativista, o respeito a mãe natureza e as conquistas que a mesma lhes proporcionariam diante das dificuldades diárias. Este também busca analisar as diversas formas que as mulheres seringueiras se apropriavam, como um meio de comunicação, usando o eco da sapopema como instrumento, até mesmo de busca por socorro, visto que no decorrer dos relatos ecoaram neste estudo denúncias de diversas formas de violência e abusos vivenciados por tais mulheres.

O terceiro capítulo descreve a respeito do corpo como registro do tempo, marcas, sequelas, relatos silêncios e dores que ainda vivem presentes no viver de cada mulher, histórias que não se perderam com o passar do tempo. Traz um relato do outro lado, a voz masculina ao rememorar o fazer das mulheres seringueiras, dentro desse contexto em estudo, estes que formados por concepções culturalmente machistas, de forma impositiva dentro de um conceito autoritário se define homem, como se reconhecer e valorizar o trabalho de mulheres, no caso as extrativistas, fosse uma forma de se curvar diante de seus próprios princípios internalizados pela história. Para além das adversidades do mato, a violência também se caracterizava na vida das mulheres, ato este, infelizmente cultivado por uma cultura machista arraigada em meio a tanto desamor e sempre por muita resistência da mulher.

Contudo, como prova que o mato também era um espaço de vivências, uma história de amor e bem querer que se constitui para além dos trabalhos em meio aos odores do sarnambi.

CAPÍTULO I:

ENTRE RIOS, IGARAPÉS E AS MULHERES SERINGUEIRAS

-1.1- Perfil histórico e geográfico da ilha de Itanduba

Cametá um município que é formado por ilhas e terra firme, onde de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de geografia e estatística), se estende por 3.881,4 km² e com 120, 904 habitantes de acordo com o último senso realizado em 2010. A densidade demográfica é de 39,2 habitantes por km² (dados do IBGE- 18/01/19). Nas inúmeras ilhas deste município vivem os ribeirinhos, com estilos de vidas bastante similares, onde as águas, matos e guapos são base de suas sobrevivências. Na etimologia o vocábulo “Itanduba”, provem dos termos “Ita” (pedra) e “duba” (abundância), em Tupi significa “lugar onde há muitas pedras”.

Muitas são as ilhas que cercam nossos lócus de estudo, sempre separadas pela grandiosidade do rio Tocantins, como nos permite identificar no mapa abaixo.

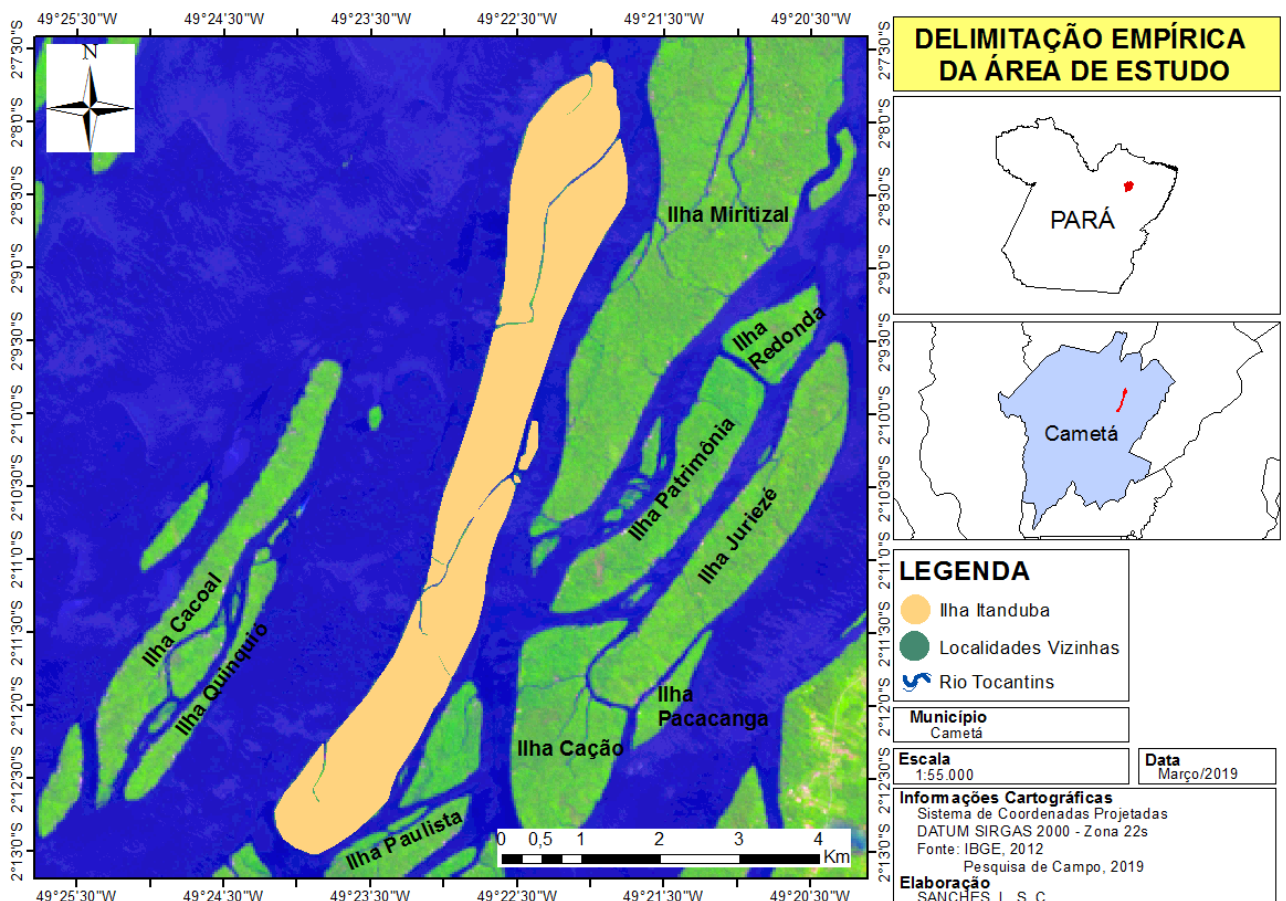


Imagem 01- mapa da área de estudo. Fonte IBGE, 2012.

Esta ilha está localizada à aproximadamente uma hora e meia da cidade de Cameté (sede). Ainda segundo o instituto brasileiro de geografia e estatística a ilha de Itanduba faz parte do distrito de Curuçanbaba, que é uma das vilas contidas neste território. Ainda de acordo com informações do IBGE, dados coletados também no referido ano (2010), feita a sinopse por setores concluíram que na localidade citada existem 205 domicílios com 1.042 pessoas, (dados do IBGE- 18/01/19), tendo rios e igarapés como referência de deslocamento, sendo que o meio de transporte mais usado é a canoa a remo ou motorizada, ainda dependendo muito da situação financeira de cada indivíduo.

Na imagem abaixo busca-se identificar a rota utilizada para deslocar-se da cidade de Cameté, até em *locus* de pesquisa, tendo como ponto de referência a escola, que fica localizada aproximadamente ao meio da ilha, um dos motivos também é por ser nessas proximidades que vivem 05 das 08 mulheres presentes nesta pesquisa.

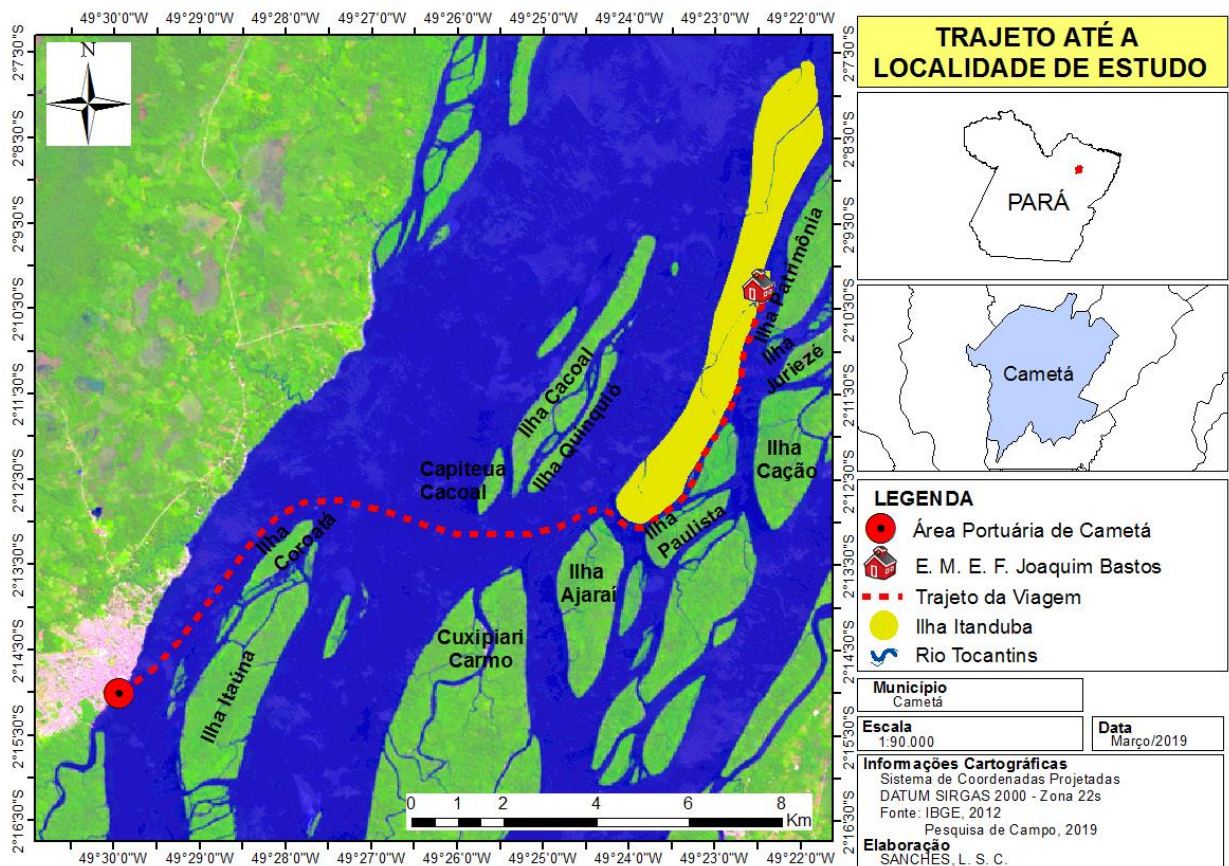


Imagem 02 - Mapa da Trajetória de Cameté sede até a localidade de estudo. Fonte: IBGE, 2012.

No rememorar das moradoras e moradores mais antigos da localidade, eles não conseguem dizer ou afirmar como surgiu tal ilha, o que se sabe é que sempre foi composta por pessoas simples, que desenvolviam suas vidas de acordo com o que se tinha por ali. O extrativismo e a pesca sempre foram a base do sustento de mulheres e homens que habitam esse espaço. Relatam que uma atividade muito presente era o de carpinteiro, um profissional que usava suas habilidades para construir casas, canoa ou casco e o remo, este que há algum tempo era indispensável na casa de qualquer ribeirinho.

Porém, Manoel Serrão de Moraes, nos informa que quando era criança e até sua juventude, o açaí e a pesca não se vendia igual como se vende hoje, a base do comércio era somente a fruta da ucuubeira, da andirobeira e da seringueira. O mato oferecia tudo, porém este alega que não se tinha um valor muito alto, mas dava para viver. No rio os peixes eram a base de alimentação, onde todos dizem que a abundância era o deleite de se viver nas ilhas, principalmente no verão.

Quando vamos fazer uma análise nos relatos de tais ribeirinhos, vestígios de suas devoções ou fé, a presença da religião católica se funde em suas memórias com o candomblé, justamente por essas misturas de povos que intercalam suas histórias.

O santo que faz parte da crença e fé dos Itandubense, muito lembrado principalmente pelas mulheres seringueiras é o São Benedito, Santo conhecido pelos seus devotos por ter histórico de proteção com os negros e cozinheiro. Símbolo de confiança que persiste para além dos tempos.



Imagem 03. Igreja de São Benedito, Padroeiro da localidade de Itandunba. Fonte: Meury Farias/ 2017.

A história e o poder do Padroeiro influenciam diretamente na vida dos seus fiéis, segundo moradores, a ilha e suas vizinhanças param para participar das noites de rezas e festejo em homenagem a São Benedito, todos os anos no mês de agosto.

Hábitos de conduzir o dia sempre modesto, a forma de cultivar as ervas, frutos, raízes e sementes, proporcionou uma relação respeitosa com os espíritos do mato, buscando nos ensinamentos dos antigos as respostas para as perguntas do presente, são formas de se entender enquanto mulher ou homem, ribeirinho dependente de suas crenças para entender a natureza, vestígios também das reverências indígenas, fazendo parte do processo histórico do povo Itandubense.

1.2 A venda da seringa na ilha de Itanduba

O látex ou sarnambi, foi responsável por muito tempo, pela riqueza e prosperidade de algumas regiões do nosso País. No estado do Pará, seus vestígios são referências de lucratividade nesse período, ou pelas lembranças do trabalho pesado e constante dos extrativista. Desde o início do século XIX já se produzia e comercializava a borracha na Amazônia, mas o que os historiadores como Barbara Weisntem (1993) e Fiorelo Picoli (2006) citam como o boom da borracha ocorreu no final do século XIX e início do XX. Tudo em decorrência do início da industrialização e principalmente da construção de carro, onde a borracha era a matéria prima fundamental na elaboração dos pneus. A partir desse momento a economia de um país inteiro passou a depender do líquido das árvores que só tinha na Amazônia, até o dado momento.

A Capital paraense era referência em comprar e vender o produto, tudo produzido na região, sendo então responsável, pela relação de compra e exportação do látex. Aqui, na região pertencente a Amazônia Tocantina, existia o banco de credito da borracha, este tinha sede na capital paraense, mas segundo dados e relatos de um funcionário do Museu de Cametá, nesta cidade havia uma filial do referido banco, que foi fundado durante a segunda guerra mundial e tinha como objetivo valorizar e expandir lucratividade da borracha, este que após o auge do processo de compra e venda da borracha mudou para o Banco da Amazônia (BASA).

Ainda segundo relatos de um funcionário do Museu, senhor Paulo Lacerda, afirma só restar do Banco da borracha, uma máquina utilizada na época para fazer cálculos.



Imagem 04: Máquina calculadora do banco da Borracha. Dados do Museu Municipal de Cametá. Foto: Meury Farias 29/ 02/19.

Informações importantes, de que Cametá fazia uma relação de comércio do látex direto com Belém, sendo a borracha produzida ou extraída das ilhas ou comunidades ribeirinhas, pois, é válido registrar que também regiões de colônias ou centros que produziam a borracha, isto é, de forma diferente, mas com os mesmos objetivos, como afirma Pinto (2004, p.145):

Quando os “seringais dos centros” (em matas de terras firme) por serem longe eram cortados (riscava-se o tronco da árvore com facões apropriados) e o leite da seringa era aparados em tigelas. “Os seringais da beira” (localizados nas ilhas) por serem mais perto eram cortados com machadinhos e o leite era aparado na casca do uruá, coladas nos troncos das seringueiras com barro.

Contudo, no final do século XX em decorrência de que muitos historiadores, citam como “fraude na Amazônia”, iniciou-se então a produção do látex fora do país, que ocasionou o declínio da borracha na Amazônia, as vendas começaram a não oferecer tanto lucro como antes, pois o comércio exterior já não dependia mais só das árvores nativas da nossa Amazônia (Barbara Weisntem 1993).

Porém, existem localidade que mesmo após o auge da borracha, continuou trabalhando no processo de corte coleta e comercialização do produto, uma época, conhecida também como a “era da machadinha”. Nas ilhas do nosso município, essa pratica perdurou por muito tempo, sendo a base da economia de muitas famílias oriunda das ilhas,

como aconteceu na localidade de Itanduba, uma ilha que produziu e comercializou seringa além do auge, não com grande lucratividade, mas sim possibilitando meios do seu povo sobreviver, um trabalho agora voltado para uma situação de resistência e subsistência.

Analisando tal situação, a fraude também foi citada pelas mulheres em estudo, as quais alegam que existiam pessoas que se apoderavam da deslealdade para vender seus produtos, com a introdução de barro ou até mesmo do carroço do miriti, tudo muito escondido nas bolas de sarnambi, contudo, em nenhum momento houve a afirmação de tal prática por conta de alguma mulher, a frase era sempre *“tinha gente que fazia, eu nunca fiz”* (Maria das graças Gomes, 61 anos).

Dentro desse contexto, descrevemos como ocorria o processo de corte, coleta e comercialização da borracha, na localidade de Itanduba, tendo como base o trabalho desenvolvido pelas mulheres, mas levando em consideração que os homens também executavam tal atividade, intercalar as informações e entender dentro desse contexto histórico, o papel da mulher nesse processo que ocorria de diversas formas e em várias etapas.

A primeira etapa da comercialização era feita justamente quando ocorria o combinado de trabalho entre a mulher que ia para o mato e o dono ou a dona da propriedade, quando este era executado em terras “alheias”, como elas se referem. Nesse momento, os interesses de classes já estavam presentes, pois, visto que havia sempre uma desvalorização do trabalho e esforço de quem passava o dia em função de tal tarefa, em detrimento de quem era o “dono das terras”. Nessa etapa, ocorria que “o seringueiro deve ao patrão, o patrão deve a casa aviadora e assim por diante” (WEINSTEIN, 1993, p. 38).

As mulheres nesse caso, não negociavam direto com o comerciante e sim com o dono do terreno, sendo este responsável por ir até o comercio ou a taberna, como era conhecido na época, e aviar o que tal mulher ou o grupo precisava, para iniciar o trabalho, nesse caso entrava a compra dos próprios instrumentos de trabalho, quando tinha pendência, que era o machadinho, esmeril e o terçado, instrumento sempre solicitado ao trabalhar no mato.

Uma outra etapa, acontecia quando as mulheres, chefes de família se disponibilizavam a assumir uma determinada quantidade de terra, em demandas de linhas ou estrada (forma de contagem das árvores) das seringueiras leiteiras, sem ter condições de manter-se no mato sem ajuda dos comerciantes ou taberneiros, visto que iam passar a maioria do tempo entre as árvores, sem disponibilizar o alimento nos pratos dos seus,

contudo, era obrigada a solicitar crédito ao comerciante, nesse caso se tornaria seu patrão, esse processo também ocorria quando a mulher trabalhava nas suas próprias terras, por mais que pequenas mais mesmo assim dependia do aviador.

Os comerciantes faziam suas relações diretas com a mulher seringueira, nesse elo de interesse, quem saía sempre em desvantagens eram elas, pois compravam os produtos no preço que o taberneiro ou patrão estabelecia em troca da borracha. Sendo que quando esse mesmo indivíduo ia realizar a venda da borracha, ele vendia por valores muito mais elevados do que havia comprado. A entrevistada Benedita Melo lembra que nunca pegou dinheiro, sempre quando tinha um lucro, já levava em produto, e também não sabia os preços de que consumia.

Na hora de vender era assim: a gente entregava todo o sábado de tarde, porque sábado, era dia de cortar e tirar. A gente levava pra taberna, no nosso caso era lá pro Migueir Braga. [Miguel Braga- comerciante e comprador], lá ele mandava pesar, a gente já tava devendo, aí se somava tudo, via o que tinha de lucro e já cumprava. Daí nos levava, charque, jacaré, feijão, querosene, um pedaço de tabaco [...], ele via lá o que se dava pra levar. Tudo já pensando no dia de amanhã (Benedita de Nazaré M. Melo, 71 anos. Moradora da localidade de Itanduba. 12 -12-2017)

O fato delas não saberem o quanto custava seu trabalho e os produtos que consumiam, não era visto pelos comerciantes como um acaso da situação, mas sim, se tomavam dessa situação e agiam de propósito, sendo que quando eram questionados por algumas das mulheres, que de certa forma queriam saber o valor do seu trabalho e produto, tinham como uma ofensa. Como exemplo, temos a Margarida Mendes de Souza, alega nunca ter deixado de discutir no balcão do taberneiro, onde afirma que ela era lesada, mais sempre questionava o assunto, *“ele sabia que eu desconfiava dele”*. Infelizmente atitudes semelhantes fazem parte do mundo capitalista, onde o valor da mercadoria não corresponde o total do dinheiro. Como ressalta PICOLI (2006), quando fala sobre o salário e a vida social na superexploração, fala sobre a jornada de trabalho e sua forma ilusória de constituir-se acaba desenvolvendo um mecanismo ou uma forma de dependência, entre trabalho e o capital, tendo como objetivo a mais valia.

No caso específico do capitalismo periférico, e a Amazônia faz parte desse cenário, além de extrair excedentes do trabalhador através da mais-valia relativa, é possível ao capitalismo se apropriar de parte do trabalho necessário para a subsistência por meio da superexploração da mão-de-obra. (PICOLI, 2006, p. 239)

Ainda nessa relação, também existia um certo faturamento em cima de que se comprava, no caso a seringa, pois o comerciante sabia o preço que vendia a borracha e que

comprava novas mercadorias, com o lucro, investia em mais produto para ter cada vez mais atrativo em sua prateleira, com isso ter sempre a mulher seringueira sobre seus domínios, dessa forma não havia necessidade principalmente em época de festa na localidade, desta ir procurar tecidos, enfeites e tudo mais em outra localidade ou na cidade, comprando novamente não no preço que se era “justo”, mas sim, no dado pelo comerciante, sendo que está nunca tinha dinheiro em mãos.

Dessa forma, o capital de giro ficava sempre em torno de quem articulava, os mandos da economia. Margarida Mendes de Souza nos relata que nessa época que se vendia muita borracha, dois comerciantes uniram-se para construir uma igreja, o barracão e uma escola, que funcionavam sempre de acordo com ordens políticas. A igreja era conhecida como sendo do “São Benedito da Barra”, sendo tudo incendiado no final dos anos 80, por disputa que incluía política e poder.

Os comerciantes geralmente acumularam muitas terras nessa localidade, se tornando cada vez mais agentes e donos dos imensos seringais. A cidade de Cameté também viveu dias de glórias, onde com as riquezas advindas do comércio da borracha, se investia também em luxos e beleza. Atraídos pelas riquezas e prosperidades da nossa região Tocantina pessoas investidoras e até outros países vieram fazer fortuna em nossa cidade, principalmente cidadãos portugueses, holandeses e outros.

O que definia os casarões, construídos com azulejos portugueses, uma das referências de status e poder, de quem tinha suas fortunas baseadas na extração do látex, que advinha tanto das regiões das ilhas, como no caso o trabalho das mulheres, mas também vinha de outras localidades desse município, como várzeas e colônias.

Lindalva Caldas Soares lembra das dificuldades que enfrentava para cortar seringa em terras estranhas, “alheio”, filha também de mulher seringueira alega que trabalhava muito, mas não conseguia viver dignamente, por não ter sua própria terra, desde menina sua mãe sempre buscava trabalho em grupo de mulheres que se reuniam para executar tal função. Nesse processo, Lindalva lembra que o dinheiro sempre vinha em forma de mercadoria, as vezes para se dividir entre as outras mulheres, que no entendimento dela era completamente desleal.

A dona das terras, perguntava se a mamãe queria alguma coisa, mas como a produção era junto, tinha que se combinar com as outras. Se pedisse tinha que se dividir entre todas, o trabalho era contado tudo junto. Se adiantava a compra de semana, aí no final se produzisse mais, mas não era somado. [...], no fim entregava tudo pra ela, se ela quisesse dava mais alguma coisa, se não ficava por isso mesmo (Lindalva Soares Caldas, 79 anos. Moradora da localidade de Itanduba-16-12-2017).

Essa senhora ainda relata que seu problema com comércio era ainda maior quando sua mãe, tinha que se afastar. Exemplo quando estava de parto, por ser a filha mais velha, tinha que assumir as responsabilidades da família, pois sua mãe não tinha marido, cabia as responsabilidades todas para os filhos mais velhos. O maior bem que se buscava e se almejava todos os dias era a alimentação, tudo era a base de pesca ou marisco, mas essa senhora alega que tinha produto que tinha que ser comprado, como a farinha de mandioca, indispensável na alimentação dos povos ribeirinhos, o café que era a companhia delas também no mato, e outros produtos que só era financiado na taberna ou mercearia, esses produtos e outros que elas consumiam acabavam por ter um valor muito alto, sendo capaz de desvalorizar o preço da borracha.

Era tudo muito caro. Tu ia com uma porção de vez de salambi, no paneiro, vinha com um bucadinho de cuisa. [...] era uma carístia... parece que não tinha valor nosso produto, mas a gente tinha nossa precisão. [...], mas lá na cidade, onde ele entregava, ele não negociava barato não, ele dava o preço dele [comerciante]. Fonte – Lindalva Soares Caldas – 79 anos. Moradora da localidade de Itanduba-16-12-2017.

As mulheres da ilha de Itanduba alegam que nunca fizeram a venda dos seus produtos direto para o comprador da cidade (Cametá), por falta de meios de transporte, condições de transportar o salambi e ainda pela falta de informação, de conhecimento, tudo hoje lembrado pela dona Benedita M. Melo como prejuízo para elas, pois afirma que desse jeito tinha gente que lucrava em cima do trabalho dela, informa que não era pouca borracha que entregava por semana, só que não atentavam para certas contas.

A entrevistada também afirma que durante muito tempo confiou em seu companheiro para vender sua produção, porém, observou que estava trabalhando para manter o vício que este tinha de bebida alcoólica. Contudo, passou a administrar sua produção desde o corte à coleta e o armazenamento para então vender, “*Me tomei uma pusição... e não fiz mais esse tipo de negócio, mais*”. Continuou realizando suas compras sem precisar de intermediários, sabia que trabalhava mais do que recebia, mas alega que não tinha muito o que fazer diante de tal circunstância, por morar longe do local que se vendia o sarnambi, ela comercializava mensalmente, isto é, durante a semana ia, segundo ela, enterrando o produto.

A gente trabalhava, já pensando em ir na taberna, negociar e trazer os bagulhos que a gente precisava. Quando de vez, ele ia beber...[marido] tu ver que não dá certo. Me tomei uma pusição, fui lá na taberna... e não fiz mais esse tipo de negócio. Guardava meu salambi, no fim de cada mês ia lá...fazia meu negócio” (Benedita de Nazaré M. Melo, 71 anos. Moradora da localidade de Itanduba. 12 -12-2017).

Cada mulher ou grupo de mulheres encontravam uma forma de negociar seus produtos, ou direto com o comerciante ou taberneiro ou então deixando por completo na mão dos donos e donas dos terrenos, onde se produzia a seringa. Tudo sempre voltado para a obtenção de lucros sobre o trabalho dessas mulheres, a prática da extorsão do comerciante, má fé do proprietário dos terrenos com os seringais tornam evidente na história das mulheres seringueiras da ilha de Itanduba um certo acostamento, sobre o qual Cristina Wolff (2001) escreveu sobre o funcionamento do comércio na década de 1940, aproximando a situação até mesmo de um trabalho escravo. Porém, quando feita essa indagação para uma das mulheres, responde que:

Nós era muito trabalhadora, mas eu acho que eles abusava do nosso trabalho, eu digo mermo... nos trabalhava pra comer. Se não trabalhava num cumia, mas é assim em tudo tempo, tudo lugar. Nós era má paga, ah! isso era..., mas a gente ia porque necessitava (Maria José Nunes - 72 anos. Moradora da ilha de Itanduba- 15-12-2017).

Essa forma de opressão com relação aos mais necessitados é uma situação muito presente na memória dessas mulheres. A vida delas se resumia na busca pela sobrevivência, essa relação de aceitação é também fruto de um sistema social capitalista que sempre desenvolveu formas de se impor diante dos trabalhadores. A consciência que elas têm hoje, ao rememorar sua história no trabalho da seringa, pode não ser diferente do que tinham em tempos passados, mas hoje discorre até mesmo com domínio do seu querer, tem força para se impor diante de tais circunstâncias, não que essa ideia fosse oposta, mas sim a situação em evidência passou-se em um outro tempo. Para Barbara Weinstein (1993, p. 15), “a economia da borracha representava uma economia acessível de uma sobrevivência pobre para os caboclos da região”.

1.10 trabalho e a força da mulher seringueira

A atividade de corte e comercialização da seringa tinha como finalidade o capital, pois se propunha a suprir, mesmo no pós-auge da borracha o comércio do produto como forma de obtenção de renda e lucratividade, onde esse processo por si só ocasiona modos ou métodos coerentes com o próprio sistema de lucro.

Dentro desse aparelho, que rege toda uma configuração ou estratégias de submissão como formas de controlar, principalmente a trabalhadora, sendo infelizmente histórico o comportamento da sociedade no que diz respeito a desigualdade de gênero, quando levado em consideração o fator trabalho e remuneração, há ainda mais vestígios desse desequilíbrio, sobretudo quando se faz referência a um trabalho que possa ser caracterizado ou internalizado como “deles”. O efeito desse fator é cada vez mais evidente em cidadãs, que tem um perfil financeiro menos elevado.

O trabalho pode-se entender como meio de melhorar a situação ou a forma de viver ou de sobreviver como a base da dignidade de mulheres e homens, nesses termos, intercalados com a cultura herdada, as mulheres seringueiras buscavam meios de também fazer parte ou ir em busca do tão sonhado lucro, na relação de trabalhadora, trazendo consigo a figura de um patrão como “compadre”, “amigo” ou uma outra mulher, excepcionalmente com a principal meta, explorar a força produtiva, extrativista de tais senhoras. Herval Pina Ribeiro (2001) ao escrever sobre “Meio e violência do trabalho no capitalismo: Dimensões e complexidade” define o meio, o trabalho e o sujeito, da seguinte forma:

O meio é uma dimensão que inclui constituintes naturais, ecológicos e sociais em permanentes espaços. É, portanto, simultânea e indissociavelmente histórico antrópico. O trabalho é uma dimensão transcendente e dinâmica, ao mesmo tempo, uma categoria histórica e sociológica central de análise, necessidade e interface do sujeito com o meio que ele transforma. O sujeito é aqui referido no substantivo, como o trabalhador ou os trabalhadores na condição de classe social, cujo o atributo primordial é vender força de trabalho pela necessidade de sobrevivência e pouco importa a forma de remuneração, se assalariada ou qualquer outra forma qualquer. Implicitamente, significa a existência, em contraposição, de um outro sujeito (patrão) e de outra classe, a patronal, que compra a força de trabalho. (RIBEIRO, 2001, p. 107).

Na localidade em estudo, tais mulheres tinham de estabelecer seu ritmo de vida e sustento, sem outras opções, conciliavam suas dinâmicas sociais, que de certa forma fomentava esse comportamento de exploração, como o ato de vender seu produto por um preço inferior ao que realmente constava no mercado, sabendo que as mulheres com seus saberes e articulações com a natureza, de alguma forma dominavam ou domavam esse meio, que era o mato.

A relação comercial exercida pelas mulheres seringueiras de acordo com suas falas caracteriza a exploração por ser mulher, por ter pouco estudo, por ser dependente de tal produto, ou ainda por ter a responsabilidade de garantir o sustento da sua prole, sem grandes alternativas de escolha. Marx ao descrever a relação do trabalho que o homem estabelece com a natureza, como um agente até mesmo regulador, diz que:

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo como a natureza. [...]. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a natureza, ele modifica, ao mesmo tempo sua própria natureza (MARX, 1996, p. 297).

Contudo, existia essa relação de preponderância entre o trabalho da mulher que conhecia os mandos do mato, sua ação, a força produtiva eficiente, onde o resultado era o valor como base de lucro ao comerciante. Diante de tal situação é fato que ocorre a exploração dessa força feminina, como efeito de um sistema que mais exige do que contribui.

A relação com o patrão em nada contribuía com a sobrevivência dessas mulheres, ao se analisar a forma que acontecia a prática de cobrança, seguindo regras completamente abusivas e sem comum acordo com as mulheres, característica de exploração que ia muito além de se ser pobre, com poucas condições ou até mesmo por fazer parte de um meio social sem grandes informações de direitos e deveres, constatando-se, em tais relatos, a presença de discriminação por se estar “tratando” com mulheres. Porém, por mais que a resistência fosse a um sistema acovardado, elas tinham consciência de suas ações produzidas, o que definia o “aceitar” ou “não” era a forma como essa mulher vivia, neste caso, o falar e o cobrar acontecia por mais que não fosse alarmante, mas elas sabiam o que se defendiam.

Trabalhar sempre foi a forma que todas e todos organizavam e organizam suas vidas, sendo relativo a qualquer tempo ou meio social. Para elas, mulheres ribeirinhas, lutar sempre, significava ou significa enfrentar os comandos da natureza, tirando dela e com suas próprias mãos, habilidades e destreza a satisfação conduzir os seus, podendo ser pais, filhos, demais parentes e até mesmo o companheiro, o resultado de sua busca diária era sempre em prol do coletivo. O que a história não pode negar é que cada mulher enfrentou o sistema e venceu seus desafios como forma de superação e sempre na prática de resistência.

1.4- As mulheres seringueiras da ilha de Itanduba.

Será que vale apenas lembrar de tanto momento difícil, a essa altura da vida? (Margarida Mendes de Souza, 89 anos. Moradora da localidade de Itanduba, 12/07/2017).

É importante mencionar que as primeiras viagens, em busca de tais dados da pesquisa serviram de elo para uma relação de cumplicidade, pois como pesquisadora precisava conquistar a confiança das mulheres para então conhecer seu universo. No primeiro momento, as apreensões eram múltiplas para ambos os lados, contudo, buscar as histórias de mulheres ribeirinha e a participação destas no corte da seringa durante a economia da borracha nessa ilha foi um desafio.

Apesar de ter nascido e vivido nessa localidade até os 10 anos de idade, descendente de mulheres que viviam no mato, cortando seringa, no entanto, já faziam aproximadamente 20 anos que eu não retornava a esta localidade. Um lugar onde aprendi desde cedo que da natureza tira-se o sustento das pessoas que dela necessitavam, onde vivi, cercada de saberes e histórias contadas e vivenciadas por membros de minha família. Família essa que me deu possibilidade de estudar e escrever uma nova história de vida e também voltar as minhas raízes para escrever o que ainda ninguém tinha registrado de forma escrita, mas muita gente viveu e guardou o vivido no relicário de suas memórias.

Dessa forma, após tanto tempo de ausência física de tal local faço retorno para falar de mulheres fortes e de seus tempos, uma experiência muito gratificante para esta pesquisadora, descendente de tais mulheres que tentam traduzir suas raízes com olhar do outro lado. Observo que sou também “biscuitada”, como costumam falar as pessoas da localidade, quando ficam curiosa com algo que não consegue definir nos primeiros momentos. Pois, ao mesmo tempo que almejava saber a respeito de suas histórias e memórias, também era questionada sobre minha história enquanto, profissional, estudante e mulher, o fato nítido era: observo e sou também observada, e assim percebo o entusiasmo das pessoas em falar suas histórias de vida e rememorarem suas lembranças.

Contudo, a mais difícil de todas as perguntas, não foi feita por mim, mas sim, para mim: “Será que vale a pena lembrar de tanto momento difícil, a essa altura da vida?” Como indagou dona Margarida, uma senhora de 89 anos de idade, que no decorrer deste estudo nos apresentava com relatos grandiosos e emocionantes a respeito de sua vivência na condição de

mulher seringueira. Quanto a mim coube a promessa de tentar responde-la até o final dessa pesquisa.

E assim, seguindo as pegadas destas mulheres, que sem dúvidas estão me ajudando a compor o mosaico de histórias e memórias do presente estudo, apresento primeiro dona Maria da Glória dos Santos, mais conhecida por Glorinha, 68 anos, mãe de 16 filhos, destes 14 vivos, atualmente é viúva, e diz que não consegue contar a quantidade de netos que já tem. Lembro-me que cheguei em sua residência à tarde, como passageira de um barquinho motorizado, um dos meios de transporte muito utilizado na região. O rio Tocantins estava em seu estado de enchente, exuberante e grandioso, colaborando com o silêncio das ondas, deixando a bravura e potência por conta do sol. Desci em uma ponte longa, que parecia balançar sobre o rio, sob gritos e olhares de estranhamento, tendo a permissão para “se achemar”. Sou recebida por pessoas que desconhecem o que veem, mas me recebem com delicadeza e aconchego, afinal é o “diferente que temos que buscar assemelhar-se”, conforme diz dona Glorinha. As apresentações foram feitas, identifiquei-me e a reação seguida foi de curiosidade, da parte de uma senhorinha bastante alegre e acolhedora, e como ela mesmo se define “prosista”. E entre conversas e reconhecimentos, foram expostos os motivos da visita.



Imagem:05- Maria da Glória dos Santos, seringueira, 68 anos. Fonte: Pesquisa de Campo, Farias, 2017

Eu diria que ela reconheceu e se identificou com o tema da pesquisa, tanto que foi se antecipando em perguntar, como se aquela época, onde construiu sua história, tivesse sido vivido e entendido somente por ela, e por mais ninguém.

Mas moça será que essa época é mesmo importante para você, pois era um trabalho só quase de mulher burra, que não tinha o que fazer ia pro mato, era o que restava pra nós? (Maria da Glória dos Santos, 68 anos, moradora da ilha de Itanduba, 05/07/2017).

Apreendo que estou diante de uma situação de inferioridade internalizada pela história, inconscientemente Maria da Glória, reproduz o que são vestígios de suas lembranças, memórias silenciadas por uma submissão desumana, onde o seu trabalho, fonte de seu sustento, era visto ou entendido como uma consequência de “não ter o que fazer, vai para o mato”. Dentro deste contexto de humildade, se cultivava a sujeição, que infelizmente se faz presente na fala dessa mulher, ouvindo o rememorar de sua história, as habilidades articuladas com as experiências do dia a dia, percebe-se que são mulheres fortes, inteligentes e por que

não dizer “poderosas”, as quais me desafiam tentar entender ainda mais o motivo pelo qual está se auto identifica de tal forma.

O resultado de tudo o que experimentou da vida, sendo de forma conturbada ou “apreciada”, como ela mesmo a define, serviu para construir sua base de força, de equilíbrio e até mesmo de fé, diante das sequelas do vivido. Certamente, o que os torna enorme nesse estudo são conhecimentos acumuladas durante anos trabalhando de extração da seringa, fato este, que os diferencia das quais fazem parte da atual realidade. Se para BONDIA (2002), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece o que nos toca”. Assim sendo, tudo o que tais mulheres viveram durante a prática do extrativismo serviu como base para toda sua vida, e são esses experimentos repletos de saber que são essenciais nesse trabalho.

Ao ouvir Glorinha articulando suas lembranças estamos possibilitando que algo, que é tão raro, seja do conhecimento de todos, pois “a experiência é o representante do conhecimento acumulado por gerações que é transmitida em geral por meio de fábulas, histórias, parábolas, estórias, anedotas entre outros” (BENJAMIN, 2011, p. 114).

Portanto, registrar conhecimentos de tais mulheres é facilitar sua propagação, cooperar com informações de gerações futuras e até mesmo as atuais, pois, no que se refere existem jovens que desconhecem a relação que as mulheres tinham com os seringais, principalmente suas formas de resistência e sobrevivência entre eles. Nesse momento, os laços se atrelavam e o desafio teve início, visto que, Maria da Glória, assim como as demais entrevistadas, se convertia em uma personalidade de suma importância para este estudo.

Maria José Nunes, 72 anos, mãe de 05 filhos, todos vivos, que se define como mulher seringueira por ter sido criada e também ter criado seus filhos com recurso advindo do leite precioso extraído da seringueira. É felicidade e gentileza personificada em mulher, suas lembranças trazem detalhes de uma vida, cujos caminhos se imbricam entre as árvores de seringa. O fato de ter sido casada³ no período em que cortava seringa não faz com que a mesma deprecie a importância do seu trabalho, enquanto mulher, mãe e esposa, pois ao lembrar, está representando sua própria vida. “A história oral, que é uma construção de diferentes tempos da memória, para valorizar múltiplas experiências contidas nas diferentes formas de se fazer refletida pela cultura oral que é uma vivência, um estar no mundo, o modo de vida dos sujeitos sociais” (DOMINGUES e CARROZZA, 2013, p.45).

³ As mulheres que fizeram parte desse estudo em sua maioria eram solteiras, outras viviam de forma maritalmente ou amigadas. Destas apenas uma se identificou como casada de acordo com as normas institucionais.

Quando Maria José Nunes leva seus pensamentos para o passado, na prática do recordar, ela se sensibiliza com os seus próprios valores enquanto ser humano, visto que são estes, que construíram suas experiências nas diversas formas de se aprender com as tradições, costumes que comparecem para além dos tempos, sabedoria presente em tudo o que se viveu e passou durante sua existência, lembranças do ontem que se reporta hoje. É o que faz desta mulher um ser forte, destemido, detentor de saberes, es o motivo pelo qual suas histórias e memórias ajudam a tecer a trama deste estudo.



Imagem 06: Maria José Nunes, 72 anos. Fonte: Farias, 2017.

Maria das Graças Gomes, 61 anos, mãe de 12 filhos, se define como “amante da própria sorte”, e que hoje tem sua casa “florida por netos”. Um pouco tímida, ou temerosa pelo desconhecido, que “se achega” em seu porto, me encontra com a receptividade ribeirinha de sempre. Ao ouvir do que se trata o meu trabalho, percebo em sua aparência, que o possível temor imprime marcas de sua história, tem fala calma, olhar distante, sabe que seu trabalho de

cortar e coletar seringa foi algo fundamental para sua sobrevivência e de seus parentes. Afirma que, durante muito tempo: “se comia, se bebia e se vestia”, do que se tirava do mato: “[...] do que eu sei não me retraiu de falar. Te conto tudo sim, tomara que te sirva, como serviu pra mim um dia. Nos se vivia com a labuta do salambi. Ninguém ficu rico...mais de fome só se morria vadio. (Maria das Graças Gomes, 61 anos, moradora da ilha de Itanduba-06-07-2017).



Imagem 07: Maria das Graças Gomes, 61 anos. Fonte: Farias, 2017

Maria das Graças tem em sua fala o alento de uma mulher que tem discernimento da importância do seu trabalho na construção de sua história de vida, é ciente de sua força e da seriedade que a seringa teve em sua vida como, mulher seringueira e dona de seus anseios.

Apego que essa senhora direciona ao seu trabalho como base de sua sustentação e sobrevivência, em um discurso tomado de empoderamento e ao mesmo tempo de crítica a um sistema que de alguma forma reprimia as mulheres e até mesmo os homens que

exerciam tal atividade. O trabalho realizado na coleta da seringa era tido apenas como base de sustentação, isto é, dentro da dinâmica de compra e venda era quase que impossível a cortadora de seringa que vivia embrenhada no meio do mato ter algum tipo de reserva financeira ou poupança, no intuito de pretear uma vida com mais conforto e comodidade, lógico tudo voltado também para uma luta de classe. Quem tinha condições de comprar, detinha um poder aquisitivo maior, sobre quem só consegue coletar e vender para seu sustento diário.

Na revista tempos históricos, Domingues e Carrozza fazem uma abordagem sobre a memória também como um campo de lutas sociais.

Como qualquer experiência humana, a memória é também um campo minado pelas lutas sociais: Um campo de luta política, de verdades que se batem, no qual esforço de ocultação e de clarificação estão presente na disputa entre sujeitos históricos diversos, produtores de diferentes versões, interpretações, valores e práticas culturais. (DOMINGUES; CARROZZA, 2013, p. 148).

O que se conhece ou se conhecia sobre a produção de seringa é que foram dias de grandes farturas e abundâncias, que Maria das Graças não se “retrai” ou não se envergonha de negar e contar, pois a fome era infelizmente muito presente no meio social das mulheres seringueiras. A vida sempre acarretada de desafios transformava suas rotinas em lutas por sobrevivência, a batalha diária muitas vezes com fome no meio do mato era a esperança na disputa pelo viver.

Os valores herdados por Maria das Graças Gomes a faz admirável no processo de construção e de descrição de sua história, enquanto mulher seringueira, de lutar dentro de um contexto social e histórico, que só nos impulsiona em contar a sua verdade, sobre a sua batalha de resistência e interpretação do vivido.

Outra seringueira que ajudou na tessitura deste estudo é dona Maria José de Freitas, 70 anos, viúva, mãe de 05 filhos, conta que na época em que cortava seringa já era casada. É portadora de uma receptividade baseada na alegria e esperança, muitas vezes, em meio as nossas conversas, fala da alegria de ter vivido uma época: “que se vendia borracha e se comprava sonho, por dias melhores”. Em frases curtas, de duplo sentido, afirma que a melhor condição de vida era na verdade que em “cada venda uma puqueca de desilusão”, ou seja, sonhos e desilusões por dias melhores faziam parte de uma linha tênue nesta região ribeirinha da região Tocantina. Dona Maria José coleciona entre suas memórias muitas mágoas e alegrias, que se impregnam nos relatos, cujas análises estão compondo este trabalho.

É fato que tudo o que se vendia na comercialização da borracha era uma lucratividade desenfreada, em que tudo podia acontecer de bom e próspero na vida das pessoas. Na verdade, para o trabalhador os sonhos eram trocados por muito trabalho e pouco lucro, pois, quando dona Maria José deixa transparecer suas angústias diante desse processo, que muito lhe ajudou no que tange o sustento de sua família, mas não deixa de expor o excesso de trabalho e a venda com lucratividade para uns e rendimento muito abaixo para outros, principalmente para os que se ocupavam da extração do leite da seringa.



Imagem 08: Maria José de Freitas, 72 anos: fonte- Farias, 2017.

Uma mulher cheia de história, vivências e experiências, sempre teve o trabalho como referência em sua vida, faz parte de seus costumes, pois o trabalhar se fez e se faz presente em todas as etapas da vida da mesma, sendo enquanto menina ou mulher, visto que fazia parte desde muito cedo, as filhas acompanharem as mães nas atividades realizadas por elas, pois nesse período, perpetuava a ideia de que as meninas tinham que, de alguma forma, apreender os fazeres domésticos com suas genitoras.

O trabalho de cortar seringa era simplesmente uma extensão do trabalho doméstico, sendo uma obrigação da mulher enquanto esposa, mãe e mulher, nesse caso o ir para o mato, pegar camarão nos igarapés, corta lenha, coletar azeite, corta seringa, quando esses era praticado pelas mulheres, entre outros, fazia parte do processo de se “aprender” ou de “treinar” ser uma boa dona de casa. O fato da mulher trabalhar e ser provedora do lar, entendia-se como obrigação, anexas as de realizar as tarefas de casa, o ir para o mato cortar seringa, era como uma prática ociosa de quem “não tem o que fazer”, como nos relata a informante Glorinha, pois fazia parte de uma educação baseada em princípios patriarcais.

No entanto, o que se percebe entre uma fala e outras das mulheres seringueiras, é que, O trabalho realizado por elas, era também, para além do ato de se sustentar, como uma fuga da rotina, uma forma de viver e ter seu recurso de forma digna. Nesse contexto, ao lembrarem suas vidas como trabalhadoras da seringa, observa-se que esse momento se torna um importante elemento da definição do seu “EU”, enquanto mulher, tudo sempre muito atrelado a suas raízes culturais, como significado de sua identidade.

Outra entrevistada, do presente estudo é dona Lindalva Caldas Soares, 79 anos, viúva há mais de 20 anos, mãe de 13 filhos. Se autodenomina como filha e irmã de mulher seringueira, conta que sempre viveu cortando seringa para ajudar a manter primeiro, seus irmãos e depois seus filhos. Afirma em tempos de corte de seringa a mulheradas se perdia no mato, esquecia o horário até de comer, “tinha terreno que contratava muitas mulheradas que desde as 06 da manhã, já se ouvia o toc-toc- do machadinho”. Lindalva Caldas Soares, 79 anos. Moradora da localidade de Itanduba-14/ 12/17.

Contudo, para dona Lindalva Caldas Soares, este era o único meio de criar seus filhos. E assim, entre uma e outra fala evidencia um certo descontentamento pelas vivencias que teve cortando seringa sempre em terras “alheias”. A vida desta mulher foi executando tarefas extrativistas, relata que sua mãe nunca teve marido, e que está sempre sustentou todos os filhos com o trabalho vindo do corte da seringa, acrescido a outras atividades, como: o trabalho na produção do azeite de andiroba. Afirma que sua mãe a tinha como “braço direito” no processo de corta seringa, e que isso não lhe deixava feliz. Visto que, quando sua mãe estava de resguardo de pós-parto pelo nascimento dos seus irmãos mais novos, Lindalva assumia sozinha os afazeres, isto é, a responsabilidade de manter a alimentação da família. Enquanto, seus irmãos maiores eram “dados” para morar com outras famílias.

“Ela dava eles, eles iam trabalhar pros zotros, pelo um prato de comida, podendo está ajudando lá em casa” (Lindalva caldas Soares – 79 anos – moradora da ilha de Itanduba – 15/12/ 2017).



Imagem 09: Lindalva Caldas Soares, 79 anos. Fonte: Farias, 2017.

Ao analisar as lembranças mais presente de Lindalva, percebe-se a presença de um costume muito comum entre os povos ribeirinhos, considerado pela classe dominante, como menos favorecido. O hábito de se “dá para morar” com quem provavelmente tinha mais condições, não é entendido nesse contexto como uma boa ação, e sim mais uma forma vista por certas pessoas de oprimir quem já estava em situação de desvantagem social, visto que, só se pretendia “adotar”, meninas e meninos que tivesse condições de trabalhar, tudo como forma de recompensa “por um prato de comida”.

Percebe-se que o que se pretendia diante dos dias de sacrifícios e poucas condições era diminuir a quantidade de pessoas em uma casa, sem se atentar para os danos ocasionados aos filhos. Para tal mulher, sua angustia é bem maior do que a falta de ajuda no trabalho, mais também pela falta de laços entre seus irmãos, que por muito tempo a ausência ocasionou

distanciamento. O recordar de Lindalva, tem um alento muito especial neste trabalho, pois mostrou todas as formas de se ser menina e mulher seringueira.

Margarida Mendes de Souza, 89 anos, viúva há mais de 30 anos, mãe de 10 filhos e netos, como ela afirma, “a perder de vista”, é mais uma das mulheres que estão fazendo parte do presente estudo, que conta que viveu extraindo tudo o que a natureza podia lhe oferecer. No decorrer de suas falas, algumas vezes, observa-se um descontentamento a respeito da sua história, que me atrevo a definir como, emocionante, delicada e atenciosa. Trata-se de uma senhora que, no auge dos seus 89 anos, está lucida, apesar de uma história de vida difícil, ao longo da qual executou muito trabalho pesado, em cujo corpo o tempo fez questão de deixar suas marcas, que sua memória também não deixar apagar, esquecer.

Margarida atualmente enfrenta sérios problemas de visão, afirma que enxerga somente vultos, e desse jeito consegue imaginar as “coisas”, e assim fica sempre a descansar no balançar de sua rede, quando nos atende para as entrevistas e conversas informais, melhores momentos, quando faz suas confidências. Entre as marcas do tipo de trabalho pesado que executava destaca-se a curvatura de seu corpo, causando-lhe uma postura desconfortável, que dificulta a sua locomoção, conta que tal problema é resultados de quedas, e por ter carregado muito peso excessivo nas costas por muito tempo, que teria agravado seu problema de saúde.



Imagem 10: Margarida Mendes de Souza, 89 anos. Fonte: Farias, 2017

A história de vida dessas mulheres, estão sendo contada através da oralidade advinda de suas lembranças, mais também sem deixar de lado, as marcas do seu corpo como registro de uma memória presente e visível em dias atuais, o corpo como protagonista de uma história, mostra o retrato de uma existência que superou um período de trabalho excessivo, por ter que dispor sempre de força física e mental, onde estas, são heranças presente, diante de tanta grandeza, busca-se desenvolver uma percepção ativa de tudo o que Margarida Mendes, tem para nos relatar e mostrar, diversas formas de entender o que tal corpo viveu e resistiu em tempos de corte e colheita da seringa.

Um olhar que insiste em refletir como um espelho, as dores, alegrias e os transtornos que ainda aparece nesse refletor da alma. Um olhar profundo, as vezes de longo alcance ou ainda um olhar que foge, ambos capazes de comunicar-se, quando em meios tais falas, cheias de palavras simples e fortes, revelam em seu estado sério e desafiador da violência física e psicológica, vivido dia pós dia entre as seringueiras, destas, que tal corpo não estava abrigado.

As marcas presentes em um corpo fazem parte de sua história de luta de resistência, a um sistema que infelizmente era desfavorável ao ser mulher seringueira. Contudo, memória corporal, é sem dúvida ver e entender o “falar desse corpo” num relato de identidade da

realidade vivida em tempos passados. Para Michelle Perrot (2015, p 15), “[...]o Corpo, tem uma história, física, estética, política, ideal e material”.

Benedita de Nazaré Macia de Melo ,71 anos, casada, mãe de 08 filhos e 10 netos. Muito curiosa, atenta e prática, buscou descobrir nas entrelinhas da nossa primeira conversa, qual seria a sua função neste trabalho. Visto que para ela, ser uma mulher seringueira é motivo de orgulho, pois afirma que:

“Se posso gritar na beira do Girau por qualquer um dos meus filhos, é por quer abaixo de Deus, tinha seringa para se vender. Cumprei meu pedaço chão, de vez passei a ter onde mariscar...procurar o que dá pra os meus filhos cumer. Graças à Deus” (Benedita de Nazaré M.de Melo – 71 anos- moradora da localidade de Itanduba- em – 06/ 12/17).

Afirma que os tempos não eram fáceis, mais a seringa era a uma fonte de renda certa. Não esquece os perigos, e tem consciência que foi e é uma mulher de muita força e coragem. A fala referente a ajudar e cuidado é muito presente na história de vida de dona Benedita de Nazaré, cujo maior orgulho é ter uma casa para poder abrigar os seus, casos precisem. Trata-se de uma vida repleta de resistência e dignidade, construída com o que de melhor a natureza podia oferecer, para sua sobrevivência. As histórias e lembranças de suas vivencias, formas de vida e resistências estão sendo de extrema importância na composição deste estudo.

A natureza sempre foi sua fortaleza, segurança enquanto protagonista de sua vida, assim como para sua família, pois era sua cúmplice nas lutas por sobrevivência, representava referência de estabilidade e dignidade. Ter um espaço, “um pedaço de chão”, para chamar de “seu” era o resultado de uma parceria que sempre deu certo. Expressam gratidão ao chão que sempre lhe acolheu e lhe fez vencer os desafios do vivido.



Imagem 11: Benedita de Nazaré Macia de Melo, 71 anos. Fonte: Farias, 2017

Benedita Prazeres dos Santos, 77 anos, mãe de 04 filhos, atualmente casada, diz que na época em que cortava seringa era solteira, depois se amigou, separou e se tornou solteira, e depois se casou novamente. É uma das mulheres mais práticas que encontrei durante esta caminhada, lembro-me que durante nossa primeira conversa ela logo se identificou, ressaltando que faz questão de falar tudo sobre essa época. É uma pessoa inquieta ou um tanto quanto imperativa, gesticula e fala ao mesmo tempo; sua maior preocupação é me deixar a vontade durante nossas conversas. Afinal, diz que o seu maior sonho é que alguém escreva, além das suas vivências no mato da região, quando trabalhava cortando e extraindo o leite das seringueiras, também a sua história de romance e amor.

Contudo, para dona Benedita Prazeres dos Santos, nem tudo era bonito no mato, trabalho pesado, perigoso, porém foi onde conheceu seu marido e companheiro de vida. Esta

entrevistada conta que, por ser difícil se conseguir um pouco de liberdade, no período, para se “encabular por alguém”, foi conquistada entre o corte de uma seringueira e outra, e que precisou de muito tempo para retomar ao amor que havia perdido entre os desencontros da vida. E assim, evidencia entre uma conversa e outra, que o ato de viver cortando seringa, não a fez nem mais e nem menos importante do que outras mulheres, apenas se sente diferente. “*À labuta era pesada, eu não ia pro mato de bota no pé*” [Benedita P. dos santos - 77 anos- Moradora da localidade de Itanduba 12/ 07/ 2017].



Imagem 12: Benedita Prazeres dos Santos, 77 anos. Fonte: Farias, 2017

Para além do trabalho de cortar a seringa como base de sustentação, o mato também era visto e entendido por essas mulheres como um espaço de sociabilidade, de convívio e

descontração, onde a troca de experiência coletiva ia desde o lazer e até mesmo ao prazer. Este, atrelado aos valores culturais tradicionais e de vínculo amorosos baseado em romance que perdurariam por pouco tempo, ou ainda para a vida inteira. Portanto, saber viver cada oportunidade que a vida lhes proporcionava também faz parte da história acontecida nos interiores das matas ou “nos barrancos dos igarapés”, onde o que lhes era proibido, movia a rotina e os hormônios de tais mulheres.

As falas, histórias, aventuras e memórias dessa mulher, assim como de outras que foram entrevistadas lá na localidade de Itanduba, está também sendo imprescindível para as análises de composição deste estudo.

Trata-se de mulheres com personalidades diferentes, histórias parecidas, mas sempre vistas e entendidas cada uma com suas especificidades, que nos proporcionam deste estudo caminhos de oportunidades, através dos quais se visibilizam histórias e saberes de mulheres que desafiaram seus limites e construíram suas próprias histórias na região estudada. Desta forma, este trabalho está sendo construído mediante as falas, histórias, memórias e saberes de tais mulheres. Contudo, suas falas são regadas a risos e lágrimas, que aparecem no intervalo de algumas doses de café. As minhas inquietações estão atreladas à uma sensação de desespero e angústias, mas também de grandes aprendizagens, tanto no campo prático, quanto no teórico. Sei que tenho muito a contribuir com essa temática, e que um leque de aprendizagem se amplia em cada fala, gesto, silêncio e emaranhado de possibilidades.

1.5 Histórias de mulheres extrativistas

No decorrer de aproximadamente 20 anos, algumas pesquisas começaram a ser realizadas em várias regiões pertencentes aos espaços amazônicos, com o propósito de investigar os trabalhos realizados pelas mulheres extrativistas. Contudo, essa temática ainda foi pouco evidenciada, por isso o interesse de investigar e discutir o modo de vida de mulheres que vivem nas ilhas da região Tocantina. Trata-se de uma pesquisa de caráter temporal, que busca mostrar a contribuição das mulheres nas atividades extrativistas, assim como há pesquisas tratando de mulheres pescadoras, sempre intercalando seus saberes com suas práticas sociais. (Furtado, 2017).

Nesse sentido, tem-se como objetivo analisar o ser mulher extrativista dentro de um contexto histórico, em uma sociedade que traduzia em suas margens a exploração e o abuso

dos direitos humanos. Reporto-me a uma região onde essas cidadãs construíram suas vidas em meios as adversidades regionais e principalmente sociais, trata-se da região amazônica, nas ilhas, barrancos e povoados que constituíram o Estado do Pará. A história dessas mulheres é apresentada pela pluralidade, advinda de um contexto de misturas entre todos os povos que deram origem uma miscigenação. A região Amazônica, mais precisamente, no interior ou lugares mais afastados, no período da belle époque, foi apresentada ao mundo, visto que nela pulsava a economia de todo o país.

Uma visibilidade grandiosa que tinha uma dimensão continental, da compra e venda do látex extraída das matas Amazônicas, sendo justamente essa visibilidade que aguçava o interesse pela imigração de outros povos, oriundo de outras regiões como a região Nordeste, Lage & Morga (2015). Ainda esses mesmos autores, segue a firmando que as mulheres surgem numa “pluralidade de possibilidades”, onde a sua feminilidade vai se apropriando do espaço, que até a presente data, era prioridade apenas deles. Homens que iam em busca das riquezas que a borracha podia lhe proporcionar. A professora e pesquisadora Ligia T. L. Simonian, ao publicar um artigo na coleção Eduardo Galvão em 1995, intitulado “A mulher existe? ”, ela já apresenta a figura da mulher nesse mundo da seringa, mesmo que de uma forma, completamente fora dos padrões da legalidade, sendo vista e entendida como “mercadorias”, sendo capaz de vencer todos os obstáculos diários como violência física e psicológicas, elas resistiram sempre. Sendo que em 1999, Cristina Sheibe Wolf, ao pesquisar e escrever sua tese de doutorado, sobre Alto-Juruá Estado do Acre trata também de como era a vida das mulheres, nos seringais, as inúmeras situações de agressividade desde a forma de serem conduzidas até tal destino incluindo índias e não índias. Mulheres que foram levadas a essa localidade pelo também processo de imigração, geralmente acompanhadas de homens de suas famílias.

Nesses termos levando em consideração a questão da relação entre homens e mulher, numa perspectiva de completa desigualdade na prática do extrativismo da seringa, uns dos trabalhos mais recentes, ainda voltado para o Estado do Acre, é de Aldenira Ferreira de Almeida, no ano de 2016, uma pesquisa de mestrado, onde fez um recorte entre 1960 e 1980, nesta, busca dentro de suas análises a coleta e o beneficiamento do látex e também outras práticas como a agricultura, que foi uma das atividades que foi implantada pelas mulheres nas áreas próximas de suas estadias, práticas oriundas de suas origens. Sempre tento como o elo de diferença a presença da mulher, seja pela forma de resistir as adversidades ou ainda pela maneira de converter suas dificuldades para colaborar com suas famílias.

BEZERRA NETO (1995) quando escreveu sobre o “as práticas e representações sociais sobre a educação feminina em Belém (1870/1888), nos mostra que o papel da mulher nesse período que intercala entre o final do século XIX, ao século XX, ia entre os extremos, sendo definido entre as instituições religiosas, sociais, culturais e econômica. As igrejas repletas de regras e tradições que cada vez mais evidenciava quem cumpria as atribuições definida por suas crenças, podendo desfrutar de certos paradigmas considerados importante dentro da concepção do “certo ou errado”, quem tinha uma reputação completamente ilibado ou quem cumpria com os mandamentos pré-estabelecido dentro da disciplinas normas ou regras, para serem consideradas pertencente e contribuinte das determinadas instituições tinham que ser, solteiras ou moça de família, casada com as benção do padre ou viúva, tendo uma vida completamente voltada para a fé e as suas devoções.

Para ZENTI (2006), fazer parte da alta sociedade, com requinte europeus, ia além de ter uma boa situação econômica, ser detentora de bons modos era também fazer parte de toda uma rica e grandiosa cultura completamente importada, em um período em que das matas saiam uma riqueza que era referência de lucratividade. Porém, ALMEIDA (1995), afirma, que não era somente o embelezamento das pessoas que fez parte dessa prosperidade, havia também dentro da cidade de Belém, uma preocupação com as vias e setores público da cidade. No entanto, cabe analisar como todo esse “embelezamento”, se apresentou para quem vivia, quase de forma isolada nas ilhas pertencente a região Tocantins, levando em consideração as dificuldades de se manter diariamente, diante de uma “economia gumífera”, articulada pela desigualdade social do povo paraense e também, como no caso da “imigração”, de quem buscava meios para estabilizar-se nesse Estado (ALMEIDA, 1995). Podemos entender, que nesse período existia um grupo que tinha uma maior lucratividade no processo de exploração e comercialização da seringa, no entanto, era desgastante e até mesmo desumano a forma como homens e mulheres, buscavam se aproximar de tanta fartura PICOLI, (2006), pois o mesmo, ainda ressalta que:

O Látex, era quase que na sua totalidade produzida na Amazônia, principalmente nos Estados do Pará, do Amazonas e do Acre, esse último na divisa com os países vizinhos, o peru e a Bolívia. O Brasil tornou-se o maior exportador mundial do produto, contribuindo com 100% de toda a produção do mercado mundial. A Amazônia no ciclo da borracha foi monoextrativista (PICOLI, 2006, p. 27).

A atividade de explorar as matas, era de grande valia para manter o ciclo de produtividade e lucratividade, se expandia também para a exploração de seres humanos, com ênfase o trabalho ilegal feminino (PICOLI, 2006). Nesse período o trabalho delas em meios as

matas, não era se quer reconhecido, algumas iam com o simples proposito ou dever de ajudar o marido, outras iam acompanhar seus pais ou irmãos, de alguma forma eram lançadas em meios as estruturas dos seringais, sem sequer ter o direito de cobrar por condições melhores de trabalho. Sendo que, para quem era o dono ou responsável pelo seringal, esse processo era lucrativo, pois, “as mulheres eram mais cautelosas e produtivas no processo de extração”, mais mesmo assim elas não eram reconhecidas, tanto quanto os homens, quando remuneradas, eram com quantias bem menores que eles (SIMONIAN, 2001).

Nesse período, do final do século XIX, as mulheres, que não detinham de um poder aquisitivo mais elevado, eram o foco do trabalho de extração do látex. Mas tinha algumas que devido um contexto histórico, baseado em uma vida de lutas e duras conquistas, eram quem vivia entrelaçada nessa cobiça humana, trata-se das índias, negras e ribeirinhas. Mulheres que tem em sua identidade, marcas de um passado um tanto quanto, triste, doloroso mais de resistência (SIMONIAN, 2001).

Para Simonian (2001), as índias sempre tiveram suas raízes cravadas nas entranhas das matas amazônicas. Viviam de acordo com suas possibilidades e necessidades, sem precisar apresar-se ou superar-se, em detrimento a nada nem a ninguém. As negras trazem em sua origem as marcas de exploração, mas também de soberania e força, viviam em seus ambientes adquirido e construído com determinação e coragem. Exatamente, suas vidas mudam, quando a cobiça do homem em busca de expansão territorial e lucros abusivos, extrapola os direitos humanos e o respeito pelo semelhante (ALMEIDA, 1995). Quando se iniciou o processo de extração da borracha na Amazônia de forma exacerbada e desregrada, as mulheres indígenas, negras e não índias que tinham suas vidas comandadas por forças e mandos da natureza, passaram a ser presa fácil, dos senhores que se titulavam donos de grandes áreas de terras, com o único intuito a exploração do trabalho das mesmas, por serem conhecedoras das matas e de reais dificuldades, passaram por uma série de humilhação e crueldade (SIMONIAN, 2001).

Como no interior das matas, o trabalho dessas mulheres era baseado em um silencio, sombroso, que para a elite paraense, que desfilava e desfrutava os luxos europeus, o trabalho de ir coletar a seringa, era uma ação somente dos homens, elas os tornavam-se invisíveis, facilitando o desmando a que elas eram submetidas (ZENTI,2006). Mas sempre cabe a nós uma indagação; Diante de tantos indícios, será mesmo que não era de conhecimento da sociedade, que as mulheres, nesse caso a nativa da região sofriam no interior dos seringais, ou

será uma justificativa encontrada por um grupo de seres considerados humanos, que viviam baseada na vantagem capitalista?

Visto que muitas dessas mulheres, segundo Simonian (2001), eram vítimas de vários tipos de violência e humilhação, viviam de forma completamente longe de seus costumes e rotinas, mesmo estando em seu território de origem. Passavam grande parte de seu dia executando uma tarefa que nunca chegava ao fim. A ingenuidade, não ultrapassava a força de resistir e lutar por sua liberdade, muitas vezes sendo o passaporte para a sua finitude. As mulheres não-índias, que eram capturadas em Belém e Manaus e levadas para os seringais, para servirem de prostitutas ou concubina, (SIMONIAN, 2001). Essa ação era feita completamente contra suas vontades, e tinham como reais destino juntar-se às demais, mulheres, oriundas de tal localidade para serem usadas como objetos sexuais, para aqueles homens que também tinham seus trabalhos explorados, recebiam como forma de agrados, verdadeiros desrespeito com a cidadania, (SIMONIAN, 2001), que também afirma enfatiza a seguinte situação:

Crueldade e abusos, similares ou mesmo piores, foram impostas às mulheres indígenas da região. As evidências existentes demonstram que elas foram aprisionadas, torturadas e escravizadas e, depois distribuídas entre os seringueiros mais pobres (SIMONIAN, 2001, p. 81).

Esse processo de prisão era justamente pelo motivo, da não aceitação de estar ali, em meio ao seu ambiente natural, sendo forçada a viver as mais terríveis situações de constrangimento e dor. Sendo tratadas como seres completamente sem importância e dignidade. Tudo isso, faz parte de uma história de riqueza da sociedade paraense que envergonha toda uma classe. Justamente a bela época no Pará, trouxe tanta angústia em meio a uma situação de vulnerabilidade, mulheres que não tiveram a oportunidade de usufruir, de uma riqueza que só quem tinha postura europeia, pôde vivenciar. Em quantos umas se desdobrava para usar os vestidos longos com mangas a cobrir seus braços, chegando até mesmo a serem lavados em países europeus, por acreditarem que não teria alguém com tanta destreza para lavar tecidos tão nobres. As mulheres seringueiras usavam suas roupas tratadas à sabão de cacau, fruto da nossa região Amazônica, isso dependendo de suas economias, entre uma venda e outra, caso contrário usavam como tecido a sacola usada para armazenar açúcar. Contando sempre com a boa ação do comerciante, como pode se analisar pela fala de Lindalva Caldas Soares.

Nós lá em casa, se acostumemo a fazer as nossas...cuisas, cum forme a gente ia aprendendo. Pôr exemplu, nos fazia nosso próprio sabão. Tinha de duas formas de se fazer. Uma du potássio e outra era du cacau. Do potássio ficava branco[...], do cacau porquer usava a casca queimada, ficava preto [...] Mamãe também, trazia da taberna⁴ a saca que desucupava da açucra, num sei se eles devam ou não...só sei que dava pra fazer lindos carção, blusa, saia[...], lavava...ficava arvu...nós vistia, e num reclamava, deusulivre era rupa de festa. (Lindalva Caldas Soares, 72 anos, moradora da localidade de Itanduba. Entrevista realizada em 15/ 12/ 2017).

Mulheres que buscavam por desempenhar determinados conhecimento, no intuito de alguma forma conviver ou sobreviver na esperança de dias mais acessíveis a todos, buscavam através do seu trabalho, recompensa por dias melhores (ALMEIDA). Dessa forma deu-se e vivenciou-se a história das mulheres seringueiras nas regiões da Amazônia, escrita com lágrimas e sangue de cidadãs que sempre tiveram um único objetivo comum à várias outras mulheres, viver e trabalhar de acordo com sua possibilidade de vida e de costumes (SIMONIAN, 2001). Esse estilo de vida, pode até não ter acontecido de forma semelhante em outras regiões que tinha em sua base econômica a produção da borracha, ou melhor o látex, mais algo de semelhante, certamente foi internalizado e exportado para outro lugarejo, o que não os torna menos pior, visto que o ser humano é humano em qualquer lugar.

Desta forma, lutas diárias, decepções, risos, danças, gritos, vitórias fizeram parte da construção das mulheres ribeirinhas da ilha de Itanduba, seringueiras por profissão extrativistas de raízes, nos deixaram suas histórias, na força e na coragem de vencer as dificuldades, o preconceito por ser mulher, por conhecer os mandos da floresta, e eficiente para resistir.

1.6 Práticas e saberes das mulheres seringueiras da ilha de Itanduba

A região Tocantina é formada por um povo que detém uma riqueza, que se alarga dos conhecimentos culturais e religioso, tudo muito latente em suas memórias, e certamente muito contribuíram em nossa formação. Para que todos tenham acesso, a história de vida das pessoas que ajudaram a construir a nossa, é preciso direcionarmos e atentar para os saberes das mulheres seringueiras, quando seu cotidiano era vivenciado atrelado a várias atividades em busca de uma autonomia de liderança familiar e principalmente de vida.

⁴ A taberna era o nome dados para os comércios, que na época era o único ponto de referência de compra e venda de produtos ou mercadorias, utilizados pelos moradores da região das ilhas do município de Cametá.

A partir de então os caminhos passaram a ser de descobertas mais muitas turbulências, a cada relato, a cada memória exposta, uma história de luta, superação e resistência. Uma nova forma de ver e entender enquanto pesquisadora essas mulheres, pois até então tinha a uma ideia, construída, completamente opostas em relação as suas falas, e só após à cada nova informação que chegava aos meus ouvidos pode aos poucos desconstruí-las. A figura da mulher que ia para o mato, que tinha toda uma dinâmica de vida em função das suas famílias, não os tornavam frágeis, o fato de algumas serem obrigadas a sustentar suas famílias, até mesmo quando tinham um marido, não os tornariam submissas, pelo contrário, a sua aparente dependência em determinada situação, era por uma imposição social da época.

Tais mulheres podem até não deterem o saber formal, construído e adquirido no banco da escola, visto que, conforme relatam, não tinham a mesma facilidade que seus irmãos e parentes do sexo masculino, para estudar, devido a escola ser definida por elas como “rios de distância”, e somente seus irmãos e primos tinham a permissão dos pais para irem à escola. Assim, todos os saberes que fazem parte de suas vidas são heranças de suas vivências nas matas, igrejas, terreiros e encontros festivos, cujas principais doutrinas era respeitar o que os pais e líderes religiosos falavam, e quando arrumavam um marido deviam obediência a ele, conforme normais e regras pré-estabelecida culturalmente. Segundo afirma Veiga-Neto (2000), ao escrever sobre cultura e educação, dentro do conceito de civilidade, entendida como uma dominação, que era dado aos seres humanos em que os comportamentos eram cada vez mais autorregulados:

Ela representava a substituição da espontaneidade pela contenção dos fatos. Por outro lado, a cultura era entendida como um conjunto de produções e representações que eram da ordem dos saberes, da sensibilidade e do espírito. (Veiga- Neto. 2000. p. 09).

Com esse entendimento, busco dentro de um contexto histórico analisar que saberes essas mulheres que viviam emparelhadas com os conhecimentos naturais, culturais e também os espirituais, desenvolveram como rotinas e práticas no seu dia a dia. Visto que, o saber pode ser adquirido, construído ou aprendido diante do que lhe é apresentado. E que, de acordo com os dados dessa pesquisa, partindo da oralidade de algumas dessas mulheres, verificou-se que, tais saberes foram construídos através das atividades práticas e também na complementação com a oralidade. Heranças adquiridas e construída na relação que essas mulheres tinham com o meio, incluindo seus limites e possibilidades dos saberes sociocultural e religioso (BEZERRA NETO,1994).

O saber sociocultural para a comunidade ribeirinha, da ilha de Itanduba, era o meio pelo quais os significados iam de alguma forma, organizando suas vivencias. Pois tratava-se de uma realidade construída pelas gerações que lhe antecederam. Nessa perspectiva, primava-se a cultura de um povo extrativista seus conhecimentos sociais e os valores que buscavam conforme suas possibilidades uma relação de preservação.

Assim sendo, as mulheres entrevistadas relatam que o barro, não era usado somente para o processo de colar a casca do uruá, na seringueira, mas também era utilizado para fabricação de outros utensílios, como por exemplo: a panela que cozinhava, conhecida como a “panela de barro”, o aguidá⁵ que era usado para amassar (beneficiar) o açaí; também era fundamental para confecção dos seus cachimbos, algo indispensável nas suas idas ao mato para o corte da seringa. Atrelado ao uso do barro, estava também a habilidade para fazer outros materiais que eram usados no seu trabalho, como a pratica de fazer paneiro, pairé e peneira tudo com talas de palmeiras ou cipós, retirados do seu meio ambiente, como relata dona Maria das Graças Gomes.

Tudo o que nos tinha, quase tudo, era tirado do mato ou do barranco. O barro, na hora de tirar pro corte da seringa, já se tirava o melhor pra fazer as vasilhas que a gente precisava, nos passava bem Jutaí-seca, e durava, era só ter cuidado, de lá[mato] também vinha, o urumã e a jacitara pros teçumes do objeto, ninguém ia pro mato sem ter um. [Paneiro] (Maria das graças Gomes, 61 anos. Moradora da localidade de Itanduba, 14- 07-2017).

Tudo era feito de acordo com suas necessidades, é perceptível que elas buscavam meios para viver o que a natureza lhes proporcionava, entendia sua realidade, lutava por dias melhores sempre na perspectiva dos seus trabalhos, esforços e conhecimentos.

O saber religioso, era centrada nas suas raízes, as crenças nas ervas, as devoções e venerações em suas buscas por compreensão naturais. Desta forma, fazem parte desse mundo das mulheres seringueiras as práticas herdadas de veneração e respeito as energias superiores da mata; como o temor das divindades denominadas de “mãe das matas”, “mãe das águas” e outaras crenças que faziam parte do seu mundo de coragem e respeito. Eram nessas energias que elas buscavam direção para cumprir com suas tarefas diárias, uma espécie de companhia para superação:

⁵ Uma espécie de bacia feita de barro; muito usada no Tocantins para amassar o açaí, guarda o vinho deste e depositar o tucupi para em descanso recolher a tapioca (Pinto,2004. Pág. 141)

Nosso trabalho, havia de ser ter risco⁶, caso eu não tivesse sempre com o “corpo fechado”, recomendado pôs espíritus, uma proteção no cós [da saia], era assim que se fazia. Tudo que ia pro mato tinha que fazer sua recomendação. Nos num vivia só lá mato, e se tinha precisão de ir tudo dia. (Maria das Graças Gomes 61 anos. Moradora da localidade de Itanduba. 14- 07- 2017).

Para sua sobrevivência, essas mulheres além de desenvolver o saber extrativista, detinham e detém outros saberes, que era importante para complementar suas atividades diárias. O saber pescar, caçar e subir em determinadas árvores, fazia parte do seu estilo de vida, pois conhecer as matas, os igarapés os rios e as baixinhas⁷, onde poderiam ser encontrados, na época camarões e peixes pequenos. Fazer armadilhas, como por exemplo, o mundé⁸, muito utilizado pelas mulheres extrativistas para prender animais, citado por elas como caças, entre os mais citados está a mucura⁹, que também faziam parte do roteiro dessas mulheres durante os dias de labutas, quando por sua vez, reservavam um determinado tempo para “arrivista o mundé” como conta, Margarida M. de Souza, Eram saberes que necessitavam de habilidades e estratégias, quando relata que usavam como isca frutas com aroma bem forte, cipó e pedaços de açazeiro para atrair as presas.

Os conhecimentos das marés eram saberes que se intercalavam com suas atividades entre as árvores de seringa pois eram fundamentais para o êxito da prática da coleta, visto que na maré alta o casco (pequena canoa) podia adentrar os igarapés na hora certa da coleta para escoar a produção do dia ou da semana, assim como também transportava o produto até o comercio, onde acontecia as devidas negociações. Da mesma forma, obedecendo os mandos das marés, se pescava peixes, camarões e demais mariscos, base da alimentação da população ribeirinha da região. A maré também era útil no processo de coleta do uruá¹⁰, cuja casca era utilizada para aparar o leite da seringueira, assim como, faziam a coleta do barro nos barrancos, que utilizavam na confecção de vasilhas e demais objetos utilizados no seu cotidiano, além de servir para colar a casca de uruá na seringueira. Segundo afirma dona

⁶ -Referência aos perigos que existiam durante a execução dos seus trabalhos, nesse caso, ela se reporta não só as coisas matérias e reais, como um acidente com objetos cortantes, ou uma queda de alguma seringueira, ou ainda uma picada de inseto, mais sim também aos acontecimentos imateriais, como os assombramentos e ainda os feitiços, crenças muito presentes na vida das mulheres seringueiras dessa localidade.

⁷ Baixinha, expressão bastante usada pelos ribeirinhos para identificar pequenos igarapés, onde a água, segue o ritmo da maré. Espaços que são formados nas margens dos igarapés, pela força da correnteza.

⁸ Uma armadilha feita no meio da mata para pegar o animal, no caso a caça, que serviria de alimento. Posicionada de forma suspensa e horizontalmente no solo, visto qual seu peso serve para imobilizar a presa, essa que geralmente é atraída pelo aroma de frutas regionais.

⁹ Mucura é um animal mamífero, se alimenta de frutos, ovos e pequenas aves, não é roedor mas parece com rato. Para muitos ribeirinhos um prato bastante apetitoso.

¹⁰ Um gastrópode que vive nas praias e nos úmidos das florestas, cujo a carapaça é muito utilizada na coleta do látex da seringa, o sarnambi. Também é atribuído ao uruá certas propriedades de barômetros, pois afirmam os mais velhos que dependendo de sua posição nos paus, marcará a altitude em que as águas dos rios podem alcançar na época das cheias (Pinto, 2004. Pág. 145).

Maria da Gloria, era possível prever o movimento da maré o mês inteiro, a partir do acompanhado das fases da lua: como crescente, minguante, cheia e nova. Dessa forma estas mulheres se planejavam, organizavam suas tarefas, tudo de acordo com os mandos da natureza, articulando os saberes as suas práticas diárias, como um elo de respeito, obediência e cumplicidade, entre elas e o meio ambiente natural, ligado ao universo cultural e religioso.

1.7 A identidade da mulher extrativista da ilha de Itanduba

Nos seringais da Amazônia Tocantina, durante muito tempo prevaleceu a ideia de que eram os homens quem proviam a casa, a família, e caso a mulher não tivesse um companheiro era vista como uma mulher “solitária”. Contudo, as mulheres ribeirinhas aprenderam desde cedo o preço da sobrevivência, protagonizaram uma outra história, que por muito tempo foi silenciada, escondida nos matos da ilha de Itanduba. Pois, caracterizam como “sujeito iluminista”, por serem “...indivíduo centrados, unificado, possuidor de uma identidade que surge desde o nascimento e lhes acompanham até o longo da vida” (Stuart Hall, 2001). Ainda este autor, ao definir as identidades culturais diz que:

As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feito no interior dos discursos da cultura e história. Não uma essência mais um posicionamento. Onde haver sempre uma política de identidade, uma política de posição, que não conta com nenhuma garantia absoluta numa lei de origem sem problemas, transcendental (HALL, 1996.P,70).

São esses pontos de identificação, que surgiram no instante que cada mulher regrediu e definiu o seu “eu”, como uma pessoa que durante todo o seu trajeto de persistência e existência, sempre teve o seu ponto de menção na vida, daí então, se empoderar ainda mais como mulher. Para muitos e principalmente os mais jovens, que não vivenciaram determinados trabalhos, executados pelas mulheres seringueiras e que por algum motivo ainda não foram apresentados a história destas mulheres, como de fato aconteceu, tem a concepção de que o ciclo da borracha como atividade econômica na região, tenha sido atividade realizada somente por pessoas do sexo masculino, excluindo, portanto, um contexto histórico no qual tais mulheres viveram grandes e inúmeras experiências nos pés das imensas arvores de seringueiras.

Neste sentido, a identidade das mulheres seringueiras que vivem na ilha de Itanduba, aparece neste estudo a partir da definição que cada mulher que foi entrevistada apresentou, se identificando como pertencente a um meio social, conforme a época que vivenciaram. Conforme afirma Pollak (1986), ao analisar a forma da construção da identidade a partir da referência aos outros, enfatizando que a memória e a identidade podem ser negociadas.

Neste sentido, a análise dessa temática, tem o propósito de identificar essas mulheres seringueiras a partir de uma compreensão feita dentro de sua faixa etária, levando em consideração os valores que os definem. Desta forma, as extratoras do leite de seringa, eram mulheres de negócios, trabalhadoras e detentoras de responsabilidades, faziam seus os débitos semanais, tudo garantido pela seringa. Além de acumularem o dever e a responsabilidade de serem boas mães, cuidando e zelando pelo bem-estar dos filhos, muitas vezes sem a presença de maridos ou companheiros, responsáveis sozinhas pela família, tinham que superar até o cansaço diário:

Era assim, nos tinha que acompanhar a cara do sol¹¹ no trabalho, nos num tinha tempo pra papo furado. Te falo mermo, “eu não podia ficar cansada, se ficasse perdia tempo, hora de aproveitar a maré pra entrar no garapé, tirar a borracha do mato ou pra ir pra taberna, era assim, num se tinha paradeiro, quando num era uma cuisa era outra. Ainda parece que o dia num dava, quando se olhava pra cima o sol já estava com a cara vermelha [...], pronto pra ir embora (Lindalva caldas Soares – 79 anos – moradora da ilha de Itanduba – 15/ 12 2017).

A partir de seus afazeres e experiências, observa-se quanto é latente a presença da cultura indígenas mescladas as raízes culturais africanas que emergem nas falas e atitudes dessas mulheres, demarcando a força e resistência negra e indígena na alma, no corpo, na pele. Com as idades que variam entre 60 a 89 anos, algumas são também descendentes de famílias que dependiam do extrativismo para encontrar seus meios de sobrevivências, e que certamente, de acordo com suas lembranças, viveram em um ambiente, bem mais conturbado, visto que alegam que, conforme o tempo ia passando, aos poucos as “coisas” iam melhorando.

Não era uma vida de grandes alegrias, pois, diante de suas lembranças trazem vivencias em meios as adversidades dessa época, que é evidente e não tem como escapar dos olhos de quem observa, um certo descontentamento a respeito da forma que eram entendidas e

¹¹ As mulheres seringueiras, usavam a posição do sol para avaliar os horários do dia. Desprovida de relógio ou qualquer outra forma de se situar durante suas atividades, recorriam aos seus conhecimentos para planejar sua rotina diária. Com o uso também de um galho de árvore fixado na terra, de acordo com a posição da sombra pela incidência do sol no galho também servia de referência na previsão das horas.

vista por grande parte da população. Não pelo fato de serem mulheres pobres, sem possuírem grandes oportunidades na vida, mas sim, por serem vítima da falta de oportunidades.

No que se refere ao processo do corte da seringa, são poucas as pesquisas ou estudos acadêmicos que enfatizam ou creditam o trabalho destas mulheres, destacando-as como mulheres seringueiras. Mas as lembranças e memórias destas extrativistas, detentora de conhecimentos ímpares, são latentes nas diferentes formas de viver em meios as diversidades. São descendentes, filhas e mães de uma população ribeirinha, que vive as margens do rio Tocantins e sempre desenvolveram modos de vida, que se entrelaçam com as normas naturais, estabelecida ou pré-estabelecida pela natureza. Seus costumes hábitos fazem aparte de um estilo de vida próprios dos habitantes da região em estudo.

As mulheres da ilha de Itanduba, uma localidade banhada pelo rio Tocantins, onde no período do auge da borracha, tiveram sua importância no que diz respeito a economia dessa região. Eram possuidoras de uma riqueza nativa, típica da época, sendo também detentoras de técnicas de manipulação e cultivo de plantas, ervas, árvores e frutos, aliando-se as conquistas do seu povo que lhe tinham como parceiros na árdua tarefa de viver, conviver e sobreviver com as “artimanhas do mato”, como afirma uma das entrevistadas desta pesquisa, quando de alguma forma, dentro de seus conhecimentos sobre linguagem, define a vida entre as árvores, vivida nesta região.

Mesmo estando entre rio, igarapés e árvores, o clima era basicamente, como define dona Maria das Graças Gomes, “o sol era de ferventar a cuca”, isto é, bastante quente. Sem contar com os medos e solidão que enfrentavam em determinadas situações, com as intemperes da natureza, a escuridão e a chuva, que chegava “sem mandar ninguém para casa”. Afinal não se pode esquecer que estamos em uma parte da Amazônia, na região do Tocantins, onde viviam e ainda vivem as mulheres seringueiras da ilha de Itanduba, município de Cametá.

Entre as dificuldades e diversidades, essas mulheres buscavam meios de adquirir estratégias, cumprindo sempre com as determinações naturais e resistindo as sociais. Resistências que as tornavam parte de uma história, como “fortes demais” diante de homens que pareciam “frágeis demais”, mas que cujas histórias escritas da região não lhe permitia aparecer, ser visível. Nesta perspectiva, construíram suas histórias, que em tempos atuais vem à tona a partir de suas memórias, que fazem conhecer e reconhecer que estas mulheres não desistiram dos seus desafios, delegando lições de como fazer-se em um contexto que tinha a intenção de subjugar-las, caracterizando-as como personagens sem grande relevância.

A ilha de Itanduba é formada por mulheres e homens, com histórias de vidas bastante similar e com origens bastantes diversificadas, cujos relatos nos evidenciam que essa comunidade, localizada a aproximadamente à uma hora e meia da cidade local, é constituída por negros, indígenas e descendentes de portugueses. Os povos indígenas têm presença marcante entre a população ribeirinha distribuída às margens do rio Tocantins, visto que na região os indígenas tiveram grandes influencias nas lutas de resistência e por sobrevivência.

Assim como, a população negra construiu da região amazônica, e foi decisiva no seu processo de desenvolvimento. E de onde esse povo “se achegava”, na ilha de Itanduba tem inúmeras histórias, mas sempre com proposta de adquirir um pedaço de terra para labutar, ou construir seus sonhos de vida. Muitos oriundos, oriundos de localidades diversas, e não resistiram as formas díspares de se agregar, se fixar, ou simplesmente, buscar meios que possibilitassem as melhorias dos seus. Assim ocorreu com negros que encontram suas raízes em outra localidade, como por exemplo, na comunidade de São Mateus, terra de origem de dona Maria da Gloria dos Santos, que afirma não ter nascido na ilha de Itanduba, onde chegou bastante pequena para reparar “criançada”, deixando para traz mãe, pai, irmãos e demais parentes.

Só, me alembro que eu era bem muleca ainda, me alembro também que nesse intermédio de tempo, num era de faci, lidar com a vida pra se criar muita criança, o que num me falha da memória é que nos era muito filho, e minha mãe mandava a gente com os zotro, pra dizaguniar um o povo, a vida... eu acho né. Que fui que eu me alembro que vim, pra cá, o homem que me trouxe, viajava num batalhão, que cumprava e vendia as cuisas, disse que minha estadia era pra reparar criançada, filhos dele. Só que eu já estava bem taludinha, a mulher do homem que me trouxe, me levou foi pra cortar seringa, ajuntar e estilar azeite, junta ucuubá (Maria da Gloria dos Santos, 68 anos. Moradora da localidade de Itanduba. 08 / 07/2017).

Verifica-se a partir do relato de Maria da Gloria dos Santos que as vivencias que estas mulheres tiveram envoltas em diversificados trabalhos extrativista, se estendem e entrelaçam com suas histórias de vida, visto que no decorrer de toda sua trajetória emergem práticas, saberes, hábitos e vivencias que exercidos desde meninas, e depois de mulheres adultas construía-se a partir de diferentes tipos de trabalhos pesados em busca da subsistência. Dona Maria da Gloria, diz não lembrar da sua infância, enquanto menina, longe do trabalho do mato, que aprendeu desde menina.

Algumas eram viajantes, trabalhavam em localidades, que denominam de “alto rio Amazônia”, nessas suas idas e vindas faziam grandes amizades com vários grupos indígenas. Assim, relatam histórias de homens e mulheres indígenas que se embelezava por conhecer outros territórios, a partir do contato com viajantes e negociantes astuciosos, se desbandavam e acabavam por criar raízes em outras terras, como foi a situação de Benedita Pereira dos

Santos, que afirma ser filha de indígena, seu pai conheceu seu avô no leme de um marabá (tipo de barco que tinha o leme localizado na parte de traz do casco), responsável e conhecedor de toda a roda dos rios:

Numa dessa viagem do meu avô com o patrão dele, veio povos estranhos, brabo e que gostava do trabalho, era índio, que ajudavam na pesca no rio Amazonas, pra pegar o pirarucu e um deles se embebeceu pela nossa mãe e ela nos falava que meu avô entregou porquê já estavam fazendo coisa errada (...) E muitos outros, que vinham pra cá, pra vila Caniço, pra ilhas do Pretos¹² tudo povo trabalhador (Benedita dos P. dos Santos. Moradora da localidade de Itanduba - 12 / 07/2017).

Dona Benedita Macia de Melo é outra entrevistada que se diz descendente indígena, relaciona tudo o que é e o que sabe a sua vó, “uma índia que num dava o braço a torcer”, que “era forte como uma âncora”. Observa-se, a partir desses relatos, que tais mulheres buscam e denominam suas origens, e celebram suas raízes como justificativa por terem vivido e superado todo um percurso de dificuldades. Ao demarcarem suas origens, se auto identificarem, afirmam terem herdado dos seus antepassados a sabedoria de falar com os espíritos e receber previsões do que ainda está por vim:

Se num fosse eu entender muita coisa da natureza, eu num tinha germinado tanta coisa boa. Esperei tudo acontecer, sabia que ia dá certo ou não. Meu dever era viver de forma certa, trabalhava direito, tinha meus cumprimentos, mais uma coisa é certo, a sabedoria dos antigos tem que ser respeitado direitinho [...] (Benedita M. Melo, 71 anos. Moradora da localidade de Itanduba - 12- 12- 2017).

Esta tem em suas lembranças a importância de seu saber lidar com o que os mandos da natureza. Afirma que sabia articular suas premonições com os seus afazeres do dia a dia, sendo esse um dos elos que serviam de base para realizar seu trabalho. O respeito pelo que afirma ser heranças de suas raízes, são também primordiais para que de alguma forma está, se identifique enquanto cidadã, mulher de respeito e negócios.

Com relação ao comércio, existia na região um capital citadas pelas sujeitas da pesquisa, como “a renda que vinha da seringa” no caso de compra e venda, dizem as mesmas que eram bastante forte e consistente, baseado nas atividades extrativista, as pessoas que movimentavam esses recursos, era justamente os comerciantes ou negociadores, fazendo as grandes viagens em busca dos rios para pescar ou comprar os peixes, nas comunidades ou povoados localizados as margens do rio, onde era muito farto, certos tipos de peixes e mariscos, sendo de suas preferências o pirarucu.

¹² São ilhas, localizadas próximo a ilha de Itanduba.

A produção da pescaria, segundo os relatos, era transportada em peneiros cobertos com sal e palha de buiuçú, uma palmeira, cujas folhas se parecem com folhas de bananeira, para posteriormente, ser negociado entre comerciante e as mulheres seringueira na ilha de Itanduba e nos arredores, ou seja, também servia de moeda de troca. Margarida Mendes de Souza narra a seguir como era o trabalho e a produção no mato para trocar por “fatias de pirarucu”.

Nessa época, tinha um português muito importante. Na cidade, então ia e conhecia muita gente importante, diziam que ele andava só com gente que sabia das coisas mermo, tinha muita terra, quase que a ponta de baixo do Itanduba e o furo, era quase tudo dele, aí ele pagava pra gente trabalhar nas terras dele, cortar seringa no verão, E juntar azeite no inverno, ele pagava pra nós no monte (...), mas filha (...) nunca dava dinheiro. Quando dava pro pirarucu, ainda era bão, que se comia uma boia diferente (Margarida Mendes de Souza. 89 anos. Moradora da localidade de Itanduba- 07-07-2017).

Verifica-se, assim, que a relação social se encontrava entre os extremos, quem detinha algum poder aquisitivo geralmente eram os comerciantes que também tinham influência ou comandavam a política das localidades da região onde viviam as mulheres seringueiras. Nesse caso, além das mulheres, os homens, geralmente, também tinham a tarefa de contribuir com a sua força de trabalho, mediante as atividades conhecidas como “trabalho braçal”.

As mulheres que praticavam os trabalhos extrativistas no meio das matas, tinham tais ações como atos de práticas de sobrevivência e até mesmo de resistências. Segundo Monica Lage (2010) “as mulheres surgiram numa pluralidade de possibilidades colocando e expondo seu cotidiano no mundo dos seringais”. Considera-se então que elas tiveram a ousadia de se fazer presente e de modo decisivo em uma época em que seus direitos eram baseados em deveres e com uma dinâmica de saber e experiências, aparecer e constar dentro de um trabalho, que até o presente momento considerado para os homens fortes (LAGE 2010).

Neste sentido, este estudo teve como proposta analisar as diferentes formas da presença feminina na ação extrativista relacionado a seringa na ilha de Itanduba, assim como as diversas atividades atreladas ao seu cotidiano, tendo como foco principal o produto seringa, como base do seu sustento. Assim, as primeiras análises feitas a partir dos dados obtidos para o presente estudo, verifica-se que trata de mulheres muito forte, que desenvolvem diferentes artimanhas em prol da sua sobrevivência e dos seus. Mulheres que iam fazer todo o processo direcionado ao corte da seringa. E desta forma, assumiam a responsabilidade de cumprir toda a tarefa preparatória para o processo de extração da seringa, um trabalho feito manualmente

tendo como base a força física, equilíbrio e precisão. Dentro de suas obrigações estavam: ir até o barranco (margem de rios e igarapés) para retirar o barro, processo que exigia conhecer o tipo certo de material, “catar” ou coletar nas praias o crustáceo, conhecido como uruá, cujas cascas eram utilizadas como vasilhas para aparar o leite (látex) que escoava da seringueira, sendo que estas, primeiro eram deixadas por alguns dias, isto é, um período de até 03 dias, para secar, nos troncos ou “pé” das seringueiras para só então começar a outras etapas de trabalho, como construir a escada, feita com varas e amarradas com cipós, para ser utilizada quando for necessário fazer cortes e colocar com barro as cascas de uruá nas partes mais alta da árvore. Eram atividades que delimitavam tempo e eficácia, pois fazia parte da base de todo o processo no ato extrair o leite da seringueira.

Quando eu ia pra praia, tinha que ir procurando só o uruá grande ...pra não dificultar nosso trabalho. Se fosse do Zinho inchia logo de leite e gastava, as vezes, estava pra outra seringueira mais afastado, não via pra tocar e se perdia aquele corte. O mermo era o barro, se fosse com tijuco, não grudava de jeito nenhum...A escada, então, fia, se fosse de vara fraca, quebrava com a gente, aí era pior, porque a gente ficava batido, sofrendo na mão do puxador pra ficar bão logo (Maria José Nunes Sacramento, 72 anos. Moradora da localidade de Itanduba. 11/ 07/17).

A partir desses preparativos iniciava-se o processo de ir todos os dias para o mato portando, para cortar a seringa. Desta forma, seus materiais de trabalho nesta etapa incluíam; pairé cheio de barro, escada e machadinho, ferramenta utilizada para ferir a seringueira. É importante ressaltar que cada uma mulher carregava o seu material de trabalho, por mais que estivesse em grupo.

Além do processo de corte, essas mulheres tinham que armazenar, de segunda à sexta-feira, o leite coagulado da casca de uruá, que chamam de salambi ou sarmambi, não deixavam desperdiçar nada, pois a produção resultava das diferentes etapas e formas de trabalhos que faziam. Sem falar que no meio do mato enfrentavam vários desafios, perigos para os quais precisavam de destreza para se proteger de: picada de insetos, animais peçonhentos, além acidentes com as ferramentas cortantes, queda da escada e outros.

No mesmo sentido, várias mulheres enfrentam vulnerabilidade diante de alguns comportamentos abusivos por parte de alguns homens, que pensava estar diante de mulheres frágeis, indefesas, e que embora estivessem atentas às atitudes machistas, desenvolvendo habilidades de defesa, eram vítimas de vários tipos de violências.

Ao analisar as histórias de vida destas mulheres verifica-se que suas tarefas não eram fáceis, seus relatos deixam transparecer que não frequentaram escola, pois viviam em uma

localidade afastada da cidade de Cametá, onde não havia escola. Daí porque todas as entrevistadas se consideram semianalfabeta ou analfabeta, já que dizem não possuir nenhum grau de ensino formal. Algumas se alfabetizaram com seus filhos e netos no decorrer de suas vidas. Contudo, o saber ler e escrever não as deixaram menos capaz nos seus fazeres, podiam não entender de leitura e escrita ou dominar as normas da língua portuguesa, mas tinha hábeis conhecimentos sobre matemática, que lhes tornaram donas de seus negócios diante dos balcões e balança, na hora de negociar a sua produção.

Estas mulheres, além de se auto identificarem como seringueiras, também se definem como “solteira”; “amante da própria sorte”; “casada”, e ainda há aquela se intitulam de “viúvas de marido vivo”. Nas falas daquelas que se definem como “solteiras”, observa uma certa inquietação com essa situação do passado, tal situação fez várias “arrumarem um homem” para companheiro, por algum momento da vida. Porém, dizem que era devido as cobranças da sociedade na época para se ter um marido, o que muitas vezes forçou que mulheres se “juntasse” com alguém apenas para constar diante dos olhos alheios, que tinha marido. Na maioria das vezes, eram mulheres que já tinham vindo de alguma outra relação, já tinham filhos, daí porque a cobrança da sociedade da época era bem maior.

Da mesma forma, a partir de seus relatos e história de vida, observa-se que outras mulheres seringueiras também se auto definem como “viúvas de marido vivo”, definição que tem haver justamente devido os companheiros participarem das suas vidas apenas como ajustes social, já que elas eram donas de suas vidas pessoais e profissionais. Dentre estas, existiam aquelas mulheres que enfrentavam, na maioria das vezes, uma vida conturbada com violências domésticas, desrespeitos e abusos. Mas por terem impregnados uma tradição de “mulher casada” tentavam de todas as formas manter uma aparência inexistente, o que as tornava ainda mais resistentes, por terem que administrar todo um contexto de infelicidade em meios as turbulências e aparências.

Enquanto a “amante da própria sorte”, eram as mulheres que nunca foram casadas ou pelo menos amasiadas, tinham suas vidas guiadas por seus destinos e não se intimidavam ou se sentiam inferiores as outras. Se auto identificarem dessa maneira, alegam que não sabiam viver dependo de homem, viviam sem grandes modestas, como ressalta dona Marias das Graças: “ Não apreciava ser ordenada por ninguém, tive meus filhos com pai só pra fazer, mais criei tudo, graças à deus”. (Marias das Graças Gomes- 61 anos. Moradora da localidade de Itanduba 07-07-2017).

Estas eram as mulheres que viviam e conviviam com o silêncio da paternidade de seus filhos, quando engravidavam, não contavam quem era o pai, apenas apelavam aos santos de sua devoção para a auxiliar os momentos de necessidade. Tais mulheres permitiram-se se impor enquanto agente de suas próprias histórias, diante de preconceitos e dificuldades. Pois, devido serem “descompromissadas”, conforme relata dona Maria das Graças, os donos de terras iam no “meia” do corte da seringa do seu seringal, dos seus terrenos para acedia-las, por serem consideradas as “amantes da própria sorte”, só eram chamadas para trabalhar, caso não houvesse ninguém disponível para atender a demanda, visto que elas eram mal vistas e interpretadas pelas esposas dos referidos homens:

Nunca gostei de ninguém administrando minha vida, coisa que eu não apreciava era ser ordenada por homem. Meu pai morreu não conheci. Pra viver tento que restar obediência. E de vez apanhar, como eu cansei de ver e saber que acontecia, [...] minha filha, preferi viver descompromissada. Ia pro mato [...] cortava minha seringa, quando era verão [...] no inverno juntava e tirava azeite [...] fazia meu marisco pra ajudar na despesa de casa, ê [...] era feliz com meus filhos (Marias das Graças Gomes- 61 anos. Moradora da localidade de Itanduba 07-07-2017).

Dona Maria José Nunes, é uma das entrevistadas que se auto identifica como “casada”, mas alega que por diversas vezes, tinha que ficar atenta nos afazeres da casa, no intuito de não esquecer de nada relacionada a organização do seu lar, pois observava que seu marido não gostava de chegar em casa e encontrar, “a casa fora de ordem”, como ela mesmo afirma. Exercia atividades que eram vistas nessa época como função de mulher, e que as mulheres casavam para também atender todas as necessidades doméstica, como: cozinhar, lavar, limpar casa, dispensar cuidados aos filhos, que tinham que está sempre limpo e bem nutrido, tinha função de esposas. Mulheres esposas, que também era extrativista, viviam entre as árvores, cortando seringa, se expondo ao perigo, assim como as outras mulheres da mata:

Nos tinha um grupo de mulherada que cortava seringa, pus zotro, porque nós num tinha terra, era eu comadre, Maria das Neves, minha irmã, mamãe, nos cortava sempre nos terrenos do zotro. Nos se acordava cedo [...], antes do sol, nos morava no furo¹³, chegava ainda escurinho, já com todos nossos materiais, levava numa lata o bandeco [...], nosso cumpanheiro (cachorro) pra ir espantando as coisas do caminho, fazendo barulho, latindo (risos), e aí minha filha com a boia e água a vontade no garapé, a gente ia até o cair sol (Maria da Gloria dos Santos, 68 anos. Moradora da localidade de Itanduba. 08 -07-2017).

¹³ Rio estreito, um pouco mais largo e mais profundo que um igarapé, localizado em meio a ilha de Itanduba, interligando de uma extremidade a outra. Conhecido como furo do Itanduba.

Desta forma, defini-las como fracas, nada mais é do que uma injustiça, para quem lutou a vida toda para se enquadrar em um meio social, baseado em boas maneiras, pudor e ordem religiosa com normas pré-estabelecidas. Contudo percebe-se que estas mulheres não queriam se igualar a nada, apenas tinham um estilo de vida diferente, viviam de acordo com a sorte boa, ou, às vezes, não tão boa. Enquanto, outras almejavam ser aceitas para não serem questionada ou desprezadas, era justamente esse proposito que os levavam a manter um casamento onde sua luta, força e equilíbrio ia além dos desafios dos seringais. Atualmente, ao revisitarem suas lembranças, muitas vezes riam, emociona-se, deixam nítido que se o tempo fosse outro, sua vida certamente cursaria um rumo diferente do passado:

Se a gente não tivesse um marido, já era má vista pela boca do povo que, num perdurava. Só queria um pé [...] demais se já tivesse um filho, tudo mundo se achava de limpar a língua. De vez quando que tinha os juntamente, daqui do são benedito da barra, só podia acompanhar os acontecimentos da arvorada...da noite...de rezas, quem se apresentasse, assim...como assim ...de família. [Maria das graças Gomes, 61 anos. Moradora da localidade de Itanduba. 07 -07-2017].

A vida social dessas mulheres se resumia em trabalho no meio do mato, mediante todo um processo difícil e rotineiros, nada mais assertivo, que elas disponibilizassem algum momento de distração, para contrapor com um dia a dia cheio de percalços onde, suas forças eram direcionadas com a intensidade de quem precisava pensar primeiros em seus filhos ou parentes e depois, bem depois, em suas próprias necessidades. Segundo Perrot (2015), os grupos sociais não são e nunca foram cautelosos com os demais, principalmente quando o intuito é excluir ou diminuir o “outro” no caso a “outra”, o que fazia essas sujeitas se enclausurarem em um mundo de inquietação e invisibilidade.

Elas atuam em família, confinadas em casa, ou no que serve de casa. São invisíveis. Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. [...]. Que a mulher conserve o silêncio, diz o apóstolo Paulo. Porque primeiro foi criado o Adão, depois a Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão (PERROT, 2015, p. 17).

Nestas condições, seria esse o pensamento que tornava essas mulheres invisíveis diante de uma sociedade que insistia em apresentar-se como não era, mostrar que era formada apenas belas casadas e bem vista e de forma bem suscita, esnobar a que julgaria infiel e incapaz de ser cristão (BEZERRA NETO, 1995).

Assim como, existem relatos de mulheres, que por não serem casadas, sofriam algumas restrições, principalmente de grupos religiosos, devido não poder mandar batizar os filhos, ou então por não poder ser madrinha de batismo dos filhos de algum parente ou

conhecido, da mesma maneira que não podiam pleitear função como por exemplo dentro da igreja católica, como pode observar a fala de Margarida Mendes de Souza, “ quem num era casado, num fazia batizado na comunidade lá do são Benedito da barra, também servia o casamento pra ajudar de vez, nos fazeres de lá da igreja”. Esse pensamento, também fez parte do período da comercialização da borracha, no Pará e certamente se estendeu até Cametá, adentrando nas comunidades ribeirinhas, como a ilha de Itanduba.

Desta forma, observa-se a partir dos relatos destas mulheres que a forma de pensar, de cada uma é capaz de definir as formas como se percebiam, de como eram tratadas ou vistas, no seu meio. É notável o inconformismo com certa atitude que enfrentaram, mas é a partir dessas definições, com base nas suas falas, nas suas lembranças, que se tentará registrar neste estudo parte de suas histórias, memórias e formas de trabalhos no seringal, como bem define dona Benedita Macia de Melo: “o que importa é que eu fiz o que tinha que fazer, vivi como eu tinha que viver”. Sabias palavras, que norteiam o curso desta viagem em prol do conhecimento.

CAPITULO II:

A MEMÓRIA E A VOZ NA TRADUÇÃO DE EXPERIÊNCIAS E SABERES DAS MULHERES SERINGUEIRAS DE ITANDUBA

2.1- Vozes da memória na definição de histórias

Ouçõ vozes do passado, mulheres que marcaram seu tempo. Viveram numa época em que a cultura valorizava o homem, conferindo-lhes poderes de decisão e controle sobre a vida da mulher (GONÇALVES, 2000, p. 90).

As memórias de mulheres extrativistas participante deste estudo foram construídas a partir das atividades que as mesmas protagonizaram entre as árvores de seringa e das palmeiras (açai, buriti) existentes na localidade de Itandunba, daí porque este trabalho busca valorizar as memórias de tais mulheres. Assim, para aqueles que não conhecem a importância histórica de seus feitos terá a oportunidade de visibilizá-las, a partir de seus próprios relatos. Momento esclarecedor, no que tange às nossas próprias convicções sobre gênero, e também a respeito da vida de mulheres na região Tocantina, pois

As histórias contadas, pelos mais velhos, ressaltam casos de mulheres que, além de gerenciarem o lar, se enquadravam numa ceara onde não havia escolha de trabalho. Não é sem razão que as suas descendentes não pestanejam em afirmar que a mulher é muito mais forte, [...]. Na tentativa de assegurar a sobrevivência de suas famílias, as mulheres dos povoados rurais da região do Tocantins, jamais deixaram de ser “camaradas dos seus companheiros e junto fazem de tudo na vida para criarem seus filhos”. Isso quando é possível contar com a presença masculina; caso contrário, elas sempre assumiram sozinhas suas proles, que constantemente variam em torno de cinco e dezoito pessoas. (PINTO, 2010, p. 79).

A memória tem em seu pressuposto a importância dessas mulheres relembraem seu passado, as ocorrências dos fatos por elas vivenciados, que de alguma maneira marcaram sua existência. E dessa maneira, de acordo com suas falas, podemos tentar desenhar através deste contexto histórico a “retratação de seu mundo”. Sem deixar de ressaltar que as imagens vivem somente nos imaginários de quem fez e viveu determinado momento, visto que para quem ouve as lembranças do vivido resta no momento ser tomado pela descrição, e tentar tecer a trama juntando retalhos das memórias que se insurgem do passado para o presente. Embora este passado já se faça presente em nossa imaginação, mas sem uma real definição, até mesmo por desconhecer tal contexto.

Nesse sentido, a forma que as mulheres seringueiras aderiram e se impuseram diante das dificuldades se transformaram em diversas estratégias, desenvolvidas por quem jamais se pensou como sexo frágil. Parafaseando dona Margarida Mendes de Sousa, de 89 anos, quando em umas de nossas conversas, relata que o trabalho no mato não era perigoso por causa dos bichos que viviam lá, mas sim, por causa dos “bichos que iam para lá”. Pois, de certo modo, elas não tinham a oportunidades nem para contar seus “receios”. Se o fato é

invisível ou desconhecido, logo não se pensa em problemas, ainda me oportunizando da fala de Margarida, quando entre seus risos silenciosos segreda: “era, ...sem fato e sem boatos ou boatos má contados”. Referindo-se aos atropelos que viveu nos seringais, entre as raízes das seringueiras, esta seria então a única forma que esta mulher encontrava para confidenciar, denunciar e nos ajudar compreender hoje episódios de um passado dolorido, momento em que relata e também revisita sua memória para algo que há muito tempo fez questão de deixar obscuro, emudecido no passado, mas que agora faz um esforço para arrancar com as lembranças, para com as própria palavras relatar e, ao mesmo tempo, exercita ouvir episódios de momentos da sua própria história de vida, que o machucaram até as fimbrias, mas que também o protagonizou.

Segundo Thompson (1999), a memória ou o uso dela traz com mais eficácia a forma de se repassar acontecimentos, dados em um determinado contexto histórico e presenciado por uma geração ou um grupo de pessoas. As mulheres seringueiras que viveram grande parte de suas vidas em um ambiente e em uma sociedade com formas de pensar diferente da qual temos hoje dispõem de memórias, que aforam a partir dos seus relatos que, sem dúvidas, influenciaram o estilo de vida da geração atual. Sempre com profundos conhecimentos e sabedorias, frutos da construção das suas experiências e vivências acumuladas, anos após anos, buscam por compreensão dos seus estilos de vida, desafios, prazeres, lutas, resistências e saudade. Assim, se busca com este estudo entender, através da oralidade, como era a vida das mulheres extrativistas e, assim, de alguma forma, fazer com que seus relatos tenham ecos com condições de ser perceptível aos ouvidos de muitos.

Mulheres que diante dos meus olhos de pesquisadora e descendente de seringueiras são consideradas como protagonistas, heroínas de suas próprias histórias de vida. Isso porque quando fazem o exercício de buscar nas raízes de suas lembranças, revivem e descobrem emoções que ficaram escondidas, esquecidas, lá no passado, devido o cotidiano tão intenso, que abafava os sentimentos, as silenciando em um mundo individual de cada mulher seringueira. As sensações de atos e atitudes boas e ruins voltam nas lembranças dessas mulheres e hoje com um olhar mais profundo e até mesmo crítico chegando até a se emocionar.

Donas de conhecimentos da natureza são guardiães de narrativas que só elas são capazes de expor, sendo que seus papéis na constituição de suas histórias de vida demarcam suas atuações nessa localidade. Estes são elos importantes para que possamos entender suas vivências que ultrapassam tempos, cujos silêncios de alguns momentos podem se transformar

em sorrisos estonteantes de outros, os quais se fazem presentes nas narrativas que insistem contar marcas e segredos, as colocando na desenvoltura de papéis de protagonistas de suas vidas. Dessa forma, os saberes dessas mulheres são originários de seus antepassados, de mulheres e homens que, através de suas lutas e conquistas marcaram suas próprias histórias e dos locais onde viveram.

O conviver destas mulheres com as dificuldades e facilidades da floresta faz parte de hábitos e costumes que os diferenciam de outras. Nessa perspectiva, dominar a natureza de acordo com seus ensinamentos faz parte da resistência e força das mulheres ribeirinhas que nas matas e margens do rio Tocantins seguem pontes, vielas e emaranhados de caminhos que tecem as tramas das suas trajetórias de vida.

Os papéis que as mulheres seringueiras da ilha de Itanduba protagonizaram nas atividades extrativistas, embora não tivesse o devido reconhecimento, sempre tiveram participação atuante no período de extração da borracha na região da Amazônia Tocantina. Nesse sentido, o presente estudo ressalta as atividades exercidas por tais mulheres no corte, coleta e comercialização da seringa. E, assim, ao analisar, através da oralidade, suas memórias, buscando entender como se configurava a presença destas. Observa-se, exemplos de força, lutas, resistências e capacidade para administrar suas vidas pessoal e profissional. Visto que conduziam suas vidas, na maioria das vezes, de acordo com as ações da natureza, tentando buscar explicações para o cotidiano dentro e fora do mato, envolto em vários saberes, como por exemplo, além da labuta diária em prol da sobrevivência, se incluía as técnicas de manejo com folhas, cascas, frutos, raízes, óleos e sementes que curam seus males.

O saber lidar com os fenômenos naturais era sinal de sucesso e prosperidade no dia-a-dia, daí o saber de nunca desafiar a natureza, sempre seguir seus contornos e aderir seus ensinamentos. Eram ritmos que faziam parte da rotina da mulher seringueira, de nunca contrariar os espíritos que, segundo as mesmas, “viviam de proeza no meio do mato”. A experiência atrelada aos saberes eram forças vitais dessas mulheres, concretizados em gestos força, perseverança, solidariedade aos outros, e respeito pelo que a natureza lhes proporcionava.

Por outro lado, o modo de vida dessas trabalhadoras foi muito importante para o desenvolvimento econômico, cultural e social das localidades, onde o látex extraído das árvores de seringueira era um dos únicos meios que tais mulheres podiam contar para obter uma renda que garantia o sustento dos seus filhos. Visto que, sem um alto grau de escolaridade e devido à ausência de outras oportunidades financeiras que pudesse lhes

disponibilizar outra forma de viver, a extração da seringa auxiliava no orçamento doméstico dessas mulheres, assumiam também as responsabilidades, definida na época como “dever da mulher”; eram esposas, mães de famílias, cuidavam dos filhos e dos trabalhos domésticos.

As vozes das mulheres que participaram deste estudo, após o revisitar lembranças de outros tempos, em muitas ocasiões soavam tremulas, não mais tão tímidas, para revelarem em fragmentos suas histórias, exercitando sempre o ato de falar e gesticular como se tivesse em uma atividade de reconhecimento do meio. Vozes que afirmam ter cumplicidades com a “mãe natureza”, como dizem, pois, desta viviam de extrair, o que era possível para viver, além dos contos encantatórios, as lendas ou ditos populares, enfim, as entidades da natureza com todos os seus mistérios, aos quais culturalmente delegam respeito e reconhecimento, que na ausência dos devidos respeito e credibilidade poderia afastar ou até mesmo espantar as mulheres dos seringais, ao contrário atuam como proteção e esperanças.

2.2- Experiências, saberes e religiosidade de mulheres seringueiras

“Acredita-se, que nos povoados da região Tocantina, que aquelas pessoas que não buscam proteção, não prestam reverência, não acreditam ou duvidam da existência de entidades encantadas e espirituais estão constantemente propensas às investidas” (PINTO, 2010, p. 175). No processo que se iniciava as atividades do corte, existia todo um ritual a ser cumprido pelas mulheres seringueiras, os quais jamais poderiam ser ignorados, visto que de tal trabalho dependia a produção de um ano todo do tão importante sarnambi. Tudo começava alguns dias antes do dia 1º de maio, quando era aberto o pico (caminho) no mato, posteriormente era feita a escolha das cascas de uruá, a construção da escada e se tecia o pairé, onde era carregado o barro. Estas etapas eram pensadas tudo com muita cautela, como afirma dona Maria José Nunes, “quando era dia primeiro de maio, as cascas eram amontoadas no pé de cada árvore. Minha filha, se não fizesse isso, o trabalho não rendia.”

Na localidade de Itanduba a religiosidade era muito presente no dia-a-dia da população ribeirinha, cujas crenças e ritualizações cotidianas ganham relevâncias em todas as atividades realizadas por homens e mulheres, ensinados na prática, na vivência cotidiana para as crianças. Assim, todos os feitos desta população intercalam-se em crenças, vivências e saberes, isso porque as mulheres seringueiras tinham relações ainda mais com esse universo

místico, já que viviam transitando nas cabeceiras de rios e igarapés no meio do mato, alguns destes locais muito temidos e respeitados por ser considerados como moradas, refúgios de encantarias.

O respeito era evidenciado pelo entendimento direcionado aos “mistérios da natureza”, que nos seus entendimentos lhes proporcionavam algum tipo de ajuda sem cobrar nada em troca. Desta forma a natureza era como uma mãe que distribuía o bem, só pedia respeito e momentos de gratidão. As mulheres que viviam entre rios e mato buscavam relacionar-se com os encantados, como teias de proteção que iam desde os espíritos protetores das matas aos espíritos protetores das águas. E, nessa dinâmica de vida imbricada em muita religiosidade e respeito aos seres das florestas, das matas e rios se acirravam práticas de curas, se aprendia dosar diferentes tipos de plantas, raízes, folhas e cascas de plantas e ervas medicinais que iam se aprimorando através das experiências e nas crenças que existiam e ainda existem, dos que eram de “boas convivências e outros que nem tanto”. Conforme menciona Pinto (2010. p. 137):

O seio sombrio da floresta e as profundezas misteriosas das águas de rios e igarapés são povoados e compartilhados por espíritos desencarnados e encarnados ou caraúnas benéficos, aqueles que incorporam nas portadoras de dom para fazer o bem; e os maus, causadores de infortúnios, dor e sofrimentos, dos quais teme-se a fúria, ou simpatia, por causarem doenças como: mau-olhado ou “flechada de encantados”, gravidez inexplicável, febre, dores pelo corpo, “mundiação” ou encantamentos, possessão, depressão, angustia, paixões alucinantes”.

As mulheres seringueiras de Itanduba foram criadas com crenças reais em saberes que fazem parte da natureza, cujas regras asseguradas é de nunca contrariar as divindades superiores desta, pois, segundo acreditam, sabem e tudo vê, não havendo a menor oportunidade de qualquer tipo de “tramoia”. Dessa forma, observa-se, a partir dos relatos orais que estes eram os únicos seres capazes de impedir que tais mulheres deixassem de agir conforme suas próprias vontades ou teimosias, visto que os encantados da natureza eram “respeitado mais que pai e mãe”, como afirma Margarida M. Souza, uma das entrevistadas que narra como era sua vida respeitando o que “não via, mas sentia e sabia que tinha”, por isso jamais iam de encontro aos ensinamentos herdados de suas ancestrais, pois conforme acredita, “se a natureza tem vida ela tem uma proteção, no mundo nós não estamos só”.

Em um dos seus relatos, sobre as feitorias dos encantados, Margarida M. Souza, diz lembrar justamente uma das estripulias que fez, mas faz questão de deixar claro que foi completamente sem sua vontade, tudo culpa da sua total ignorância.

Naquela época, nos mocinhos nova não tinha o entendimento que tem essas piquenas de hoje. Nossa mãe quando tava naqueles dias [menstruada], num trocava roupa perto de nós, mais só via assim de traz da casa um pano estendido, mas nós nem se importava, porque num se questionava pai e mãe. Dia de então fomo pra ponta do mato que meu pai dava pra nós, e me deu uma grande dor de barriga lá no mato. Fui assim meio afastado [...], tinha sangue na minha carça. Minha filha fiquei com medo, quando eu via que tava forte, corria e pulava dentro do igarapé. Foi minha pior perdição a caruara¹⁴ malinou comigo (Margarida Mendes de Souza, 89 anos, entrevista realizada em 12/ 07/ 2017).

A menstruação era em tempos passados um tabu imposto às mulheres ou meninas moças, conhecida entre as pessoas mais velhas como: “doença de barriga”, “regra de todo o mês” ou ainda “bode”, condição fisiológica que acontece com as mulheres, contudo, conforme relatam as entrevistadas neste estudo, a elas eram impostas determinadas barreiras para conseguirem algum tipo de esclarecimento a respeito do assunto. Certamente, a partir da fala da entrevistada, o que ela devia estar sentindo naquele momento eram cólicas menstruais, que por não ter esclarecimento de como lidar com a situação e de nem saber como se proteger das investidas de entes de encantarias, como por exemplo, alguns caruanas que, tem atração por sangue menstrual e do pós-parto, lhes causaram grandes transtornos de saúde. Sendo preciso a intervenção de um benzedor para contrapor o mal e recuperar a sua saúde. Conforme narra, devido ter contraído uma febre muito forte acompanhada de delírios que, se não tivesse contado com o auxílio de um benzedor poderia ter morrido. Pois, além da febre, sentia dores muito intensas nas pernas, conforme acredita, tudo provocado por energias negativas e forças consideradas como do mau. Força esta que somente evocando “os espíritos bons podia se afastar, função essa da benzedeira” (Margarida Mendes de Souza, 12/ 07/2017).

Na obra *Filhas da Mata*, Pinto (2010) fala a respeito das malinesas dos encantados, ao analisar quais são as doenças para médico e doenças para encantado, ressalta quais são as funções das mulheres parteiras, curandeiras e benzedeiras da região do Tocantins, aptas na elaboração de rituais em busca da recuperação da saúde da sua gente:

As práticas ou funções dessas mulheres são exercida de forma ritualizadas. Invocar “santo advogado”, guias ou companheiros, pronunciar rezas consideradas mágicas, fazer manobras de parto e remédios caseiros significa processar curas ou “ajudar a nascer”, através da canalização de energias vindas de poderes sobrenaturais, que ao transcender a ordem natural, as transformam em especialista qualificadas para identificar e curar a doença das pessoas, cujo meio ela, também pertence, comunga, e nele é dignificada (PINTO, 2010, p. 171).

¹⁴ Segundo afirmações de Pinto, na Região do Tocantins os caruanas são conhecidos como entes “encantados invisíveis capazes de produzir tanto o bem quanto o mal. Eles fazem parte de duas correntes: a do fundo (caruanas que habitam rios, furos e igarapés) e da mata (caruanas ou encantados que se escondem entre as raízes, os galhos e as folhas das árvores)” (PINTO, 2010, p.124).

No mesmo sentido, as benzedadeiras ou os benzedores na ilha de Itanduba eram justamente pessoas consideradas especiais para os espíritos bons, faziam suas rezas, sempre munidos de seus guias protetores, e tinham função muito respeitada entre as famílias, já que as mulheres seringueiras não disponibilizavam de recurso financeiros para irem em busca da medicina oficial com médicos especializados, então apelavam para a medicina tradicional para curarem seus males.

Na ilha de Itanduba, conforme relatam as pessoas entrevistadas, por se trabalhar no corte da seringa, e assim em muitas ocasiões cruzar por espaços propícios a encantarias, as mulheres extrativistas estavam mais vulneráveis aos espíritos do mato. Assim, os cuidados durante o período menstrual era priorizado entre estas mulheres, tudo era muito delicado, o ter que está no mato para poder tirar o sustento para seus filhos as obrigava a ultrapassar limites proibidos ou temidos durante seus períodos menstruais, por isso se protegiam como podiam, como exemplo, andavam com dentes de alho amarrado no cós da saia, com folhas de arruda presas no cabelo, ou então, de catinga de mulata, que funcionavam como amuletos de proteção para afugentar as encantarias do mal.

Estratégias, segundo os seus ensinamentos que aprenderam com suas ancestrais, utilizadas para proteção. Entre os espíritos ou encantados mais atrevidos, segundo conta a informante Benedita de Nazaré, estava o boto, porque “ele não era do bem...”. E para evitar suas investidas, a mulher menstruada não tomava banho no porto. Assim como, durante esse período, o barro que utilizavam para grudar a casca de uruá na seringueira, era armazenado em “cima do jirau”. Eram cuidados essenciais para não correr o risco de ser vítima do “homem de branco”, como o boto encantado é conhecido na região.

Nessa relação de encantados, proteção e protegidos suscita o respeito pelas divindades, que se dava principalmente pelas experiências de se transitar em lugares, como matos e igarapés, considerados como moradas de diversas formas de espíritos ou encantados, quando o saber no manejo da cura vinha de pessoas capazes de dialogar com entes encantatórios, que conseguiam proteger e livrar as pessoas de “determinados enrosco”, ou seja, das malinesas de encantados que só esperam um tropeço para se aproximarem.

Nestas condições, se observou entre as mulheres seringueiras, aquelas que além das suas funções na extração do leite da seringa, também entendiam a linguagem de espíritos e encantados dos matos. Estas se titulavam como “filhas de santos”, devido serem intermediadoras de espíritos e encantados, entenderem suas linguagens. Contudo, também

mencionam que por isso eram maldosamente chamadas de “feiticeiras”, pois para executarem o processo de benzeção eram capazes de incorporar entidades espirituais ou encantadas.

Neste sentido, Margarida Mendes de Souza, 89 anos, relatou uma disputa que existia entre ela e sua vizinha por uma “boa seringueira leiteira”, que ficava na divisa do terreno onde cortava seringa, sendo que do outro lado trabalhava a vizinha, com quem por alguns motivos, não se davam bem. A partir de tal disputa Margarida Souza diz ter sido vítima de um “trabalho maldoso”, no intuito de impossibilitá-la de cortar seringa. Porém, está acredita que, por mais que estivesse fraca, já que estava se recuperando de um parto muito complicado, quando passou por dias bastantes difíceis o mau não lhe atingiu por inteiro. Contudo, lhe rendeu sequelas que se fazem presentes até hoje:

Era um dia normal trabalho, de véspera de desenterrar o salambi pra levar pro ajuste de conta, e também era dia de cortar de cima e tirar o de baixo. Num prestei tenção...só quando um bicho me pulou... num instante, no momento, minha vista falha, num vi mais nada. Gritei por ajuda...os pessuá vieru, quando dei por mim...tava em casa. Com muita dor na mão, só na mão, me alembrei da maniva do viado, mais não tinha em casa. Se eu tivesse bebido, num tinha sofrido tanto. Que até hoje, em noite de lua cheia, esse meu dedão parece que vai espucar de tanta dor. (Margarida Mendes de Souza 89 anos. Moradora da localidade de Itanduba. 12/07/2017).

Observa, assim, que o acidente que aconteceu há muito tempo, conforme acredita a entrevistada, lhe resulta em dores que se fazem presentes até os dias atuais. É importante mencionar que enquanto a entrevistada faz questão de mostrar o dedo no qual ainda sofre as dores, demonstrando sua revolta, não pelo fato de ter sido vítima de uma, “má feitoria”, como diz, pois, para ela, não era novidade alguém fazer algo de ruim para o outro, principalmente, quando se trava de disputa por algo, nesse caso uma seringueira muito leitosa, mas sim, pelo fato de não ter forças de reagir devido está ainda convalescendo de um parto complicado, e por isso se encontrar em desvantagem em relação à outra pessoa, ou seja, não estava “com o corpo fechado”, capaz de inibir o importuno do ato. Contudo, diz agradecer muito a “mãe Mariana”, seu guia espiritual, cuja ajuda foi fundamental para que ela sobrevivesse a tal episódio.

As lembranças intercaladas com revolta apresentam uma vivencia que fazia parte das armas de defesa, proteção ou ataque aos quais tais mulheres poderiam ser submetidas. Consideradas sábias entre uns, feiticeiras entre outros, eram as suas crenças e rezas que lhe auxiliavam nos momentos de desespero. Com conhecimento de rituais que advinham da religiosidade afro-indígenas mescladas ao catolicismo popular, seus processos de curas eram baseados em: benzeção, defumação, invocação de espíritos e de demais rituais realizados em

terreiros de umbanda. Para tanto, que em momento de desespero em algumas famílias, estas “filhas de santos” eram chamadas, por dominarem rituais de evocações, e dessa forma curavam adoentados. E em troca dos seus esforços ou trabalhos não cobravam valores em dinheiro, mas sim, contribuições ou agrados, que eram em forma de alimentos, ou então com algum animal ou “xerimbabo do terreiro”, como: galinha e pato.

Dona Maria José Nunes, 72 anos, afirma que as forças advindas dos espíritos bons sempre lhe ajudaram nos momentos de dificuldades, principalmente na hora de fazer seus partos, crentes nos saberes de parteiras, relata que gerou, pariu e criou seus filhos com ajuda das energias de seus guias. Conta que desconfiava que estava “prenha”, logo fazia suas recomendações aos santos protetores para não sofrer nenhum tipo de acidente durante suas tarefas na extração da seringa e demais atividades domésticas, como: “queda” ou “batida de bicho”. Por isso, conforme relata, durante todo o período da gravidez, o trabalho da seringa ocorria normalmente, seus acompanhamentos eram feitos pela parteira, que no “puxar a barriga”, verificava se a criança estava na posição certa para nascer, caso não estivesse sabia as manobras para endireitar, coloca-la a posição.

Tive meus filhos, meu orixá não permitia que nada má chegasse até mim. Só não parí no mato, mais cansei de senti a primeira dor, com a machadinha no cós da saia. Tive um dos meus filhos, que fui a mãe d’água que me ajudou...Tava vindo trazendo pelo igarapé, trazendo o casco cheio de salambi, já pra vender né... e nesse sufoco, não me deu dor. No porto já, guardando tudo, que me deu um friu...pensei que era que tava muito tempo de mulho n’água...fui que subi no miritizeiro e há...já tava era em trabalho de parto. Fui subir, beber um gole de café e teve o Zinho, sem parteira mermo. Não teve tempo (Maria Jose Nunes Sacramento, 72 anos, moradora de Itanduba, entrevista realizada em 11/07 / 2017).

Observa-se a partir do relato desta entrevistada que tudo acontecia dentro de suas crenças e devoções, por isso tinham explicações viáveis. Apesar das dificuldades que enfrentavam ao trabalhar grávidas, passando por situações insalubres e de alto índice de estresse, essas mulheres demonstram um nível de vigor, sem explicações aos olhos de quem desconhecia ou desconhece seus rituais de fé e suas lutas por sobrevivência.

Desta forma, entre crenças e devoções, destaca-se São Benedito, como um santo protetor que foi bastante mencionado entre as mulheres seringueiras, em cujas falas aparecem “São Benedito da Barra”, padroeiro da ilha de Itanduba. Estas mulheres acreditam que era São Benedito que lhes dava muitos livramentos, proteção dos perigos e das maldades humana, além de alegrar suas vidas, quando por algum motivo, sentiam o coração estava angustiado. Dona Maria das Graças Gomes, 61 anos, conta que desde mocinha foi acostumada a pedir benção e proteção para São Benedito, e que sempre era atendida em seus pedidos. E em

agradecimento ela organizava a festividade, que acontecia mês de agosto, em honra a este santo. Para esse fim, durante todo o processo de negociar as quantidades de seringa que extraia, a partir do mês de junho, começa a reservar um pouquinho de salambi, para vender durante as festividades desse seu santo protetor. Ela conta que era nesta época, que “trocava o couro” dela e dos filhos, ou seja, era neste momento que podia comprar roupas novas, perfumes e outras coisas, para se sentir feliz na festa de São Benedito.

Ah!... mas quando se aproximava a festa do padroeiro era uma alegria só. Agente, que gostava de acompanhar desde o círio, as noites de novena e até a véspera, nos se organizava. Tinha o taberneiro que já sabia, quando era no mês de julho, já tinha na prateleira dele, lindos cortes, tudo em metros enfeitado, que aí já dava pra fazer puns-quanto filho. A gente já tinha reservado a borracha da seringa, nos vendia em troca do pano. Quem mandava fazer mandava...quem fazia, fazia...tanto é que nesse período nos trocava o couro. [Entre risos completa], nos ia tudo bonito pro barracão do são Benedito, cheirando de perfume (Maria das Graças Gomes, 61 anos, moradora da localidade de Itanduba, entrevista realizada em 09/07/2017).

Verifica-se assim, que era durante o período de festa que se quebrava a rotina da vida diária. Visto que, na programação da festa do santo padroeiro, se incluía da fé, lazer e alegria, atrelados durante o momento de devoção e prazer, algo diferente das atividades rotineiras. A possibilidade de comprar um par de roupa para ela e para os seus, era tido como momento de satisfação para estas mulheres, que passavam a maior parte do seu tempo trabalhando para granjear o sustento dos seus filhos no mato, entre o corte de uma e outra seringueira. E para isso, a economia feita nas porções do salambi era capaz de lhes proporcionar um pouco de diversão, sem grandes desfaltar nas despesas de casa. E em busca deste momento de diversão juntamente com a família, não se negar a possibilidades dessas mulheres trabalharem um pouco mais além durante o período da reserva do produto, acreditando que recompensa de passar os dias de festividades do seu padroeiro de acordo com suas crenças, fazia toda a diferença na vida destas e suas famílias.

E que também não deixava de ser um momento de agradecer pela safra, que durante o mês de agosto é mais intensa, como era o fervor de sua fé. E, desta forma, durante a noite de novenas, as mulheres seringueiras que se identificavam como católicas, tinham suas noites de rezas ou mordomagens, isto é, nesse dia da festa elas que eram responsáveis pelos fogos, ofertórios para o bingo, além da feitura do chocolate de cacau puro com ovo batido e farinha de tapioca, que era oferecido aos devotos de São Benedito, após a reza daquele dia de novena. Todos os gastos provenientes da compra da despesa utilizada nas noites de rezas, danças e bingos eram de responsabilidade destas mulheres, quando responsável por um dia de festa, as quais acreditavam está devolvendo em forma de gratidão a São Benedito, por tudo o que este

santo lhes ajudava com suas famílias e no trabalho do corte da seringa. É importante ressaltar aqui, que não existia uma noite para as mulheres seringueiras da localidade, mas sim para aquelas mulheres que tinham mais afinidade e devoção com a referida festividade.

Nestas condições, as mulheres seringueiras da localidade de Itanduba, que foram entrevistadas neste estudo tinham o seu trabalho atrelado à fé, devoção, lutas, resistências e forças, sem as quais, conforme dizem, jamais suportariam as demandas do mato. A religiosidade e crença as quais atribuem proteção, paz e conforto da alma, é também refúgio utilizado por estas mulheres das matas para tornarem seus dias mais esperançosos. A fé também é cultivada pela necessidade de se viver entre árvores, sob proteção de espíritos e encantados bons, e sendo vigiadas por espíritos não tão bons, que alicerçam o respeito que estas mulheres desenvolvem pela natureza e pelas forças que nela se fazem presente. É uma relação que difunde experiência, sabedoria, respeito, cumplicidade e proteção entre as mulheres seringueiras, seres também muito especiais que transitam entre palmeiras, as árvores de seringa, rios, igarapés e matas da região.

2.3- No eco das sapopema, o silêncio e as resistências das mulheres seringueiras de Itanduba

Nós mulherada que tudo dia ia, né, cortar seringa, tinha um acordo que era, se caso tivesse argo errado, correr para perto da sapopema e bater pra avisar, pra socorrer a gente, porque nos cortava sempre em terreno alheio (Maria da Glória, 68 anos, moradora da localidade de Itanduba. Em 08/07/2017).

Busca-se fazer aqui uma reflexão a respeito da vida de mulheres extrativistas e seus afazeres entre árvores de seringa, na ilha de Itanduba, mediante auxílio dos seus próprios relatos, tão pertinentes a nossa compreensão, de como elas eram vistas e tratadas na sociedade de então. Em um contexto, conhecido como a “bela época”, mulheres viviam à margem de toda e qualquer política pública voltada para o reconhecimento e valorização dos seus papéis sociais. Ao fazer uma reflexão sobre os pensamentos que eram direcionados para a educação e afazeres destas mulheres nesse período, verifica-se nos dias de hoje, que suas memórias oportunizam oferecer permissão para que possamos ouvir suas falas, seus gritos, suas dores, angustias e revoltas, ainda silenciados, pois ninguém fez questão de saber e não tiveram oportunidade de falar em público, desta forma sofreram, resistiram e viveram entre as árvores de seringa, mas ao seu modo, através de seus feitos deixaram suas marcas, a dinâmica de suas

vidas de mulheres ribeirinha extrativistas, que através de suas lutas e resistências em prol da sobrevivência foram transformando as dificuldades enfrentadas cotidianamente em possibilidades de viver melhor.

Herdeiras e, em muitos casos vítimas da subordinação masculina, advinda de um machismo ainda arraigado, estas mulheres sempre articularam suas rotinas difíceis e perigosas com o que a natureza podia lhes oferecer, e assim, iam construindo as transformações culturais, sociais e ideológicas a seu benefício, mas para isso fizeram das sapopema¹⁵, das árvores suas cúmplices de silêncios, ou então espalharam através delas seus ecos de resistências, firmando elos de cúmplicidades entre mulheres e árvores.

Visto que, culturalmente a prática de cortar seringa fazia parte do universo de saberes e costumes de tais mulheres, que no mato, entre as árvores de seringa, executando formas de trabalhos, cujos processos eram passados de geração para geração, através do aprender com a prática e a oralidade.

Na época, não era rara a ideologia que se vendia de que as mulheres tinham como único dever procriar e cuidar de seus afazeres domiciliares, com atenção prioritária destinada ao marido como um ser perfeito, mesmo diante de qualquer imperfeição, além de atender os ensinamentos religiosos, de se viver contrito a Deus e aos seus mandamentos.

Os doze mandamentos ensinados pelo bispo paraense às moças e senhoritas da boa sociedade, forjavam muito mais do que uma série de regras comportamentais. D. Marcelo Costa, na verdade, definia uma determinada representação da identidade feminina, através da sujeição das mulheres à família, à instituição eclesiástica e à figura masculina. (BEZERRA NETO, 1995,121)

Essa forma de entendimento de tais ensinamentos destinados às mulheres do período, não era prioridade só das mulheres que pertenciam à alta e mista sociedade, tais atitudes puritanas se espalhavam em todo os espaços onde tinham “pensamentos” semelhantes (BEZERRA NETO, 1995). Mas para quem executava atividade no mato, esse tal “pensamento” era motivo de cuidados, visto que, na maioria das vezes, as mulheres seringueiras só tinham como aliada a proteção dos Deuses de suas devoções e a cúmplice de quem os tinham como referência divina. Pois, viver e conviver com os perigos da natureza era mais um exemplo de resistência, de quem buscava nos seus propósitos maneiras ou modos de superar os obstáculos inculcados em um meio quase desprotegido.

¹⁵ Espécie grandes raízes, cuja parte aérea de formato achatado é chamada na região de sapopema, sustenta grossos troncos de árvores como a Sumaúma ou Sumaumeira, árvore da família das Bombáceas.

Nestas condições, trata-se neste estudo com muito cuidado e delicadeza algumas situações enfrentadas pelas mulheres seringueiras, conforme trazem em seus relatos, que passaram por diversas situações de vulnerabilidade e desrespeito. Pois eram “elas entre elas”, como dizem as protagonistas deste estudo, que humildemente se caracterizam com as mulheres que dependiam das árvores, que as protegiam e lhes respaldavam dignamente. Visto que era entre as seringueiras e as sapopemeira (Sumaumeiras), duas árvores gigantes das matas amazônicas, que buscavam cumplicidades com o outro ser vivo que os dependia.

A seringueira, que era considerada como “árvore mãe” debulhava-se em leite, matéria prima do látex, como produção propícia a comercialização que essas mulheres tinham para sustentar a sua prole, as quais com soberania, trabalho e resistências participaram da construção de suas próprias histórias, até aquele momento foram relegadas às margens da sociedade. Enquanto as raízes profundas e frondosas das seringueiras e demais árvores entre as quais tais mulheres cruzavam em suas fainas diárias, adentrando a terra, ou se esbaldando sobre o solo com sutileza e firmezas, parecem que tinham a missão de protegê-las, oferecendo parceria e cumplicidade através do poder dos ecos das suas raízes, as grandes sapopema, que deixavam soar sons muito fortes quando lhes eram deferidas quaisquer batidas, utilizadas pelas mulheres seringueiras, no intuito de comunicar-se com o outro ou com as outras, eram utilizadas como sinal de alarme, pedido de ajuda e proteção.

Ao buscar relacionar a função de mulheres e árvores com suas raízes ou sapopema convivendo nas matas, chama-se atenção para cumplicidade instalada entre ambas: as mulheres pela necessidade de adentrar na mata e transformá-la no seu local de trabalho, extraíndo da árvore seringueira, que se deixa ferir para derramar seu leite, que garante o sustento da mulher extrativista juntamente com a sua prole, enquanto a sumaumeira lhes oferecem suas raízes, as sapopema, que testemunham segredos ou ecoam ecos de histórias de vidas carregadas de desafios e resistências, de quem conviveu com os perigos considerados naturais e enfrentou e sobreviveu a falta de respeito de seres, chamados de “humanos”.

Desde a labuta pesada, mas encaradas por estas forças femininas, cujos obstáculos buscavam vencer dia após dia. Quase invisíveis entre as árvores, vulneráveis as intempéries da natureza e aos ataques injustos, eram julgadas pelos ditos “justos”, e assim, coerente em suas atitudes e vontades, se teciam as histórias de vida de quem sofria por ser mulher sozinha, sem marido ou companheiro, caminhando hora pós hora de “pé em pé de seringueira”. Conforme dizem, eram tempos de muito trabalho e esforço físico, além dos acidentes que insistiam fazer parte da vida de tais mulheres. Nesse ir e vir nos caminhos da mata, os ecos

das sapopema faziam toda a diferença na vida de quem chamava por socorro, como relata Maria da Glória Souza.

Já era tarde do dia, tava eu e minha sobrinha, que nesse período deveria ter um zoito anos. Tinha uma urtina seringueira que era demais leiteira, só que tava arto já a cintura dela. Botei a escada e subi, quando cheguei que me aplumei, o machadinho escapulio do cós da saia, que caiu na cabeça dessa pequena e ela desacordou. Mais eu bati...bati..., na raiz da sapupema. Quando o pessuá viram que era muito baque, fui bão que sem demora chegaram, era sangue, sangue que meu deus do céu, pensei que aquela criança ia morrer. (Maria da gloria dos Santos Souza. 68 anos. Moradora da localidade de Itanduba 05/ 07 2017).

Os acidentes durante o ato de extrair o salambi, quase que fazia parte da rotina dessas mulheres, quando na distância, o silêncio era interrompido com ajuda das árvores, cujas raízes emprestavam para fazer soar o alarme com pedido de socorro. A Presença de uma criança era de suma importância, como acompanhante, auxiliar ou ajudante, e não se tinha responsabilidade ou atitude culposa no envolvimento de criança no trabalho, até mesmo durante uso de ferramentas e utensílios de trabalho, visto que fazia parte de todo o processo que demandava habilidade no uso e manuseio, sendo que nestas situações acontecia o processo de observação de conhecimentos e que os saberes eram transmitidos. Conforme é relatado por estas mulheres, tanto uso do machadinho, quando da escada e outros instrumentos de trabalho poderia ocorrer algum tipo de “imprevisto” de acidente, que só poderia ser conhecido por outros através dos ecos produzidos pelas sapopema, quando eram batidas, tocadas sob pedido de socorro. Segundo regras combinadas entre as mulheres seringueiras, as sapopema funcionavam como meio de comunicação, destas mulheres com outras pessoas que poderiam estar no mato ou em casas.

As experiências e práticas de lutas destas mulheres servem de referências de vida para toda uma geração. Saber se apropriar de tudo o que estavam à sua volta, em seu benefício, diante da hostilidade do fazer-se, é próprio da autonomia de alguém que fez das dificuldades, das impossibilidades, do uso do eco, ou do som da sapopema sinal de alerta ao seu favor, em busca de proteção para sua integridade física e psicológica.

Alguns dos seus relatos nos apresentam fatos para os quais buscamos um raciocínio lógico na tentativa de entender a capacidade de seres, considerados “humanos”, que aproveitavam da vulnerabilidade de algumas mulheres, principalmente, aquelas que não possuíam maridos ou companheiros para praticar atitudes, que em contexto nenhum, as palavras mudam, e serão sempre “atos de pura maldade e covardia”. Nesse sentido, Simonian

(2001) também menciona caso de mulheres que foram tratadas nos seringais, como, mercadorias baratas e abusivas, além de ressaltar as inúmeras crueldades que sofriam:

Enquanto pouco se diz ou evidencia sobre os trabalhos das mulheres nos seringais, existem muitos testemunhos descrevendo-as enquanto vítimas de abusos sexuais e de crueldade por parte dos seringalistas ou dos seus prepostos (SIMONIAN, 2001, p. 79).

Em relação às mulheres seringueiras da ilha de Itanduba apesar da força, cumplicidade e disponibilidade das sapopema, algumas experimentaram situações que não dava tempo de lhe pedir por socorro. E, essas marcas de crueldade, fazem tais mulheres lagrimejarem, quando revisitam essas lembranças doloridas, “uma dor que não tem remédio”, como afirmou uma das entrevistadas, que por questões éticas não terá seu nome revelado, “não tem maniva de viado¹⁶ que dei jeito”. Em suas memórias esse tipo de corte, de ferimento ainda sangra muito, jorra entre rosto, molhando as pálpebras, se enroscando no nariz, amargando a alma. Em determinados momentos a voz some, a água não passa, o ar não é suficiente, e o abraço parece que consola.

São lembranças emergidas e dolorosas que relatam situações difíceis que foram enfrentadas por algumas mulheres seringueiras, por ocasião de desamparo, na prática da sua faina diária no meio do mato. Para esta pesquisadora, foram as escutas mais triste e revoltantes de serem ouvidas, mas também foi a partir destas falas que se teve conhecimento da importância de se estar ali, ouvindo denúncias de abusos cometidos contra mulheres trabalhadoras. Talvez esta tenha sido a primeira e a última vez, que tais mulheres tenham a oportunidade de falar a respeito destes momentos trágicos que algumas viveram com suas dores, revoltas e angústias. Nos dias de hoje, estas mulheres já se sentem encorajadas para relatar de alguma forma o que viveram e sofreram, sem se culparem pelo ocorrido, pelo contrário, se auto reconhecendo como vítimas:

[...] nós mulherada que tudo dia ia, né, cortar seringa, tinha um acorda que era, se caso tivesse caso errado correr pra perto da sapopema e bater pra avisar, pra socorrer a gente, porque nos cortava sempre em terreno alheio, nós não tinha terra. E isso não era bão porque tinha, filha, muito homem saliente, que ia procurar fazer mardade. As vezes a gente corria, gritava, dava tempo, as vezes não...e aí queira o não, a mulher não tem a força grande também... era triste (Por questões éticas o nome desta entrevistada não será revelado).

¹⁶ Dizem que o suco feito de uma erva denomina de maniva de viado é muito utilizado na região para espantar a presença de espíritos e encantados, além de evitar feitiços.

A fala desta entrevistada evidencia que a mesma, foi uma das vítimas da exploração sexual enquanto trabalhava na extração da seringa, fato que faz com que ela se tornasse uma “mulher arredia para homem”, contudo, a mesma tem consciência de que nessa época tinha “muito homem bão”, que serviram de referência para ela criar seus filhos. Por outro lado, diz que a maldade estava no coração de quem não aceitava ou não sabia ver uma mulher sozinha no mato. Afirma que por conta disso passou por todo tipo de humilhação e violência, embora fosse casada e tivesse filhos muito pequenos. Segundo conta, o marido trabalhava para um determinado comerciante violentador, exercendo a função de carregador de mercadorias e remador, uma vez não tinham terreno e nem casa própria. Por isso, pouco lhe ajudava na extração do leite de seringa, enquanto ela trabalhava no mato a convite da esposa do mesmo, justamente por ser uma mulher casada.

A entrevistada relata que, a mulher que ia fazer sua tarefa sozinha no mato sempre foi malvista, mas nem sempre tinha culpa do que acontecia. Diz lembrar que sua dor era mais terrível por ter que sofrer sozinha, silenciada, sem poder contar nem para seu marido, que diz ser um “homem impossível de entender”. Sem falar que, o marido corria o risco de perder o trabalho, pois “iria criar inimidade”. Mas, cercada de dor, conta que não resistiu mais, e contou tudo para seu companheiro, que imediatamente foi embora, a abandonando em “terreno alheio com crianças pra criar”:

Me alembro como se fosse hoje, a água tava seca na praia. Ele me distratou, falou cuisa que eu não era...butou a camisa no ombro...levou só o casco e o remo, e mais nada... foi embora. [...] A modo que fechô o zolho, e vejo ele, ia atravessando. Meu tio, que era vivo ainda, foi atrás dele depois de dias. Mais ele fui embora pro Tome-Açú (Por questões éticas o nome desta entrevistada não será revelado).

A partir deste relato, observa-se que a entrevistada vive angustiada, sofrendo, conforme diz, “pelo que ... não era culpada”. Mas, “a gente precisa aviar as cuisas da gente”. Ao revisitar suas memórias, a partir das lembranças faz uma espécie de reconstituição do momento em que foi violentada sexualmente, psicologicamente e moralmente, existem de fato muita dor, revolta, incompreensão e sofrimento, por gostar do seu companheiro, mas não ter sido ouvida, entendida e acreditada, pelo contrário, foi ofendida cruelmente e abandonada. A fala da entrevistada deixa muito evidente, que infelizmente, nestes casos as atitudes machistas ainda culpabilizam a figura feminina, justificando a atitude do violentador sob a alegação de que se a mulher quiser, tem como evitar ataques de tal natureza.

Desta forma, a vida desta mulher, suas angústias, dores, revoltas e sofrimento foi sempre intercrucada por um silêncio, que atravessou toda uma geração da sua família. Sem

ecos e pedidos de ajuda através das sapopema, resistiu para criar seus filhos, e depois ajudou a criar os netos, atualmente, diz se divertir com os seus bisnetos. Contudo, enclausurou em suas memórias e na sua história de vida as dores de suas lutas diárias, dos diferentes tipos de violências sofridas e dos abusos lhe marcaram até a alma.

Monica Lage (2010), ao tratar da vida de mulheres nos seringais do Amazonas, analisa processos criminais para tentar entender os tipos de violências vivenciadas por estas mulheres:

Os processos criminais relatam histórias de violências sofridas e praticadas por mulheres nos seringais, revelam momento em que a mulher traiu, enganou, seduziu e por isso foi vítima da violência masculina e revelam também, momento em que armou, planejou e praticou violência contra o homem. (LAGE, 2010, p. 17).

Com base nas afirmações de Lage, é possível perscrutar que talvez estas fossem as únicas formas que determinadas mulheres encontravam para resistir, protestar e se proteger, uma vez que os tipos de violências que sofriam eram cruéis, e sem chance de defesa. A reação violenta dessas mulheres era motivada pela contraposição, pela necessidade de se proteger devido a total insegurança que as rondavam entre as seringueiras, limitando seus espaços de trabalho e importunando suas vidas e de seus familiares. Como ocorreu com uma das mulheres que contribuíram com essa pesquisa, cujos relatos surpreende, mas não a torna com mais e nem menos méritos de quem sobreviveu as mazelas dos seringais da ilha de Itanduba.

Em um dos encontros de pesquisa, um tanto quanto descontraído, a entrevistada em questão confidenciou que, após sofrer inúmeros abusos sexuais durante a extração de seringa, sem poder contar com o apoio de ninguém, resolveu reagir em defesa própria:

[...], eu não aquentava mais, já tava com a fama de mulher largada. E precavi...esperei a oportunidade e meti o terçado nele. Cortei, cortei...pensei, tenho que me fazer de duida. [...], me arrependi. Mais hoje, não me arrependo mais. Graças à Deus ele não morreu, mas está até hoje velho, e com as marcas do meu terçado [Por questões éticas o nome desta entrevistada não será revelado].

Nestas condições, o ato de desterrar lembranças dolorosas do passado, rasgar o véu do silêncio para falar das violências e a da reação em prol da sua integridade foi uma espécie de alívio de alma para esta entrevistada. Pois, experimentou sensações de segurança para expor agruras, abandono e solidão diante das violências sofridas, cuja reação em defesa própria, parecia aumentar ainda mais suas angústias, pois lhe acrescentava culpas, abrandadas

na maturidade, na segurança e na certeza que deveria agir, resistir e protestar, “não morreu, mas está até hoje velho, e com as marcas do meu terçado”.

É importante ressaltar que, dentro das normas sociais e legais, jamais se busca fazer qualquer tipo de apologia ao crime neste trabalho, assim, não se nega que essa mulher seringueira, cometeu um crime. Mas, por outro, toda a espécie de violências, ignoradas e silenciadas, a que ela e outras mulheres foram submetidas enquanto labutavam nos seringais, não eram crimes ou tem outros nomes? Entende-se em uma situação de vulnerabilidade e descredito social, por parte de quem não tomavam conhecimento ou negligenciava as condições pelas quais passavam estas mulheres, que não foi ouvida, apoiada, defendida e compreendida por ninguém, que tais mulheres apenas se defendiam ou protegiam.

Viver de forma submissa a pessoas que se achavam superiores, sempre foi umas das grandes desvantagens de se cortar seringa na ilha de Itanduba. Condição que também ocorria em outras localidades, até mesmo em outra época, como relata Ligia Simonian ao escrever a respeito de mulheres seringueiras na Amazônia brasileira, menciona a opressão dominante e suas formas de resistências:

A opressão era de tal modo dominante e abrangente nos seringais, que raras devem ter sido as possibilidades de resistências dessas mulheres [...]. Muitas tentaram por exemplo o aborto, por ingerir drogas da mata. Outras podem ter reagido com violência a seus agressores, mais poucas devem ter conseguido seu intento, o que poderia incluir o assassinato. Francisca, uma jovem Mawé, encontra-se dentre estas (Rocha 1912). Ela foi processada pelo assassinato de seu patrão e algoz em 1871, em Santarém, mas foi absolvida quando mostrou ao júri as marcas do abuso (TOCANTINS, 1875 in HEMMING 1987: 289 apud SIMONIAM, 1995, p.104).

Observa-se a partir de tal análise a opressão e abusos os quais as mulheres seringueiras sempre foram submetidas, e quantos esforços e estratégias criavam para resistir e se livrar dos sofrimentos. Sem qualquer tipo de apoio algumas delas ainda se sentiam temerosas em expor certas situações, pois para quem as julgavam, pela condição de serem mulheres do mato, sem saber nada de suas vidas e necessidades, agarrava-se em justificativas, como por exemplo, “devem procurar mesmo serem agarradas”, culpando as vítimas pelas crueldades que sofriam, que passavam se considerar como amantes da própria sorte.

Inclusive havia algumas mulheres que se culpavam por trabalhar extraíndo seringa no mato, em determinadas situações por não ter marido, daí serem considerada como “mãe solteira ou amante da própria sorte”. E, assim, sofrendo e resistindo de diversas formas, diante de suas necessidades e seus limites, sustentavam seus filhos, mãe e pai, em muitos casos já

bem velhinhos, tendo como cúmplices as árvores de seringueira, das quais extraíam o leite, que depositados nas cascas de uruá se tornava o salambi, que era vendido aos comerciantes locais em prol da sobrevivência dos seus familiares.

Estas mulheres experimentaram dores ainda pulsantes nos dias de hoje, cujo tempo só se encarrega de transformá-las em angústias sem perdão, conforme dizem, ao rememorarem suas lembranças. Entender a revolta dessas mulheres, assim como, remover os panos que cobrem ferimentos, que ainda sagram no viver de cada uma delas, de alguma forma, também é uma tarefa difícil e muito dolorosa. As memórias vivas e latentes provocam arrepios, sofrimentos e revoltas. Contudo, busca-se analisar, por mais que queira se isentar das histórias e fatos narrados pelas mulheres seringueiras, não é exercício fácil, quando se desafia ao entendimento dos dois extremos que o ser humano sempre buscou para justificar, dentro de um pensamento um tanto quanto conturbado, ver a mulher, como a “virgem Maria”, que concebeu um filho mesmo pura e continuou pura por seguir as doutrinas celestiais, ou como “Eva,” que não resistiu o pecado e caiu em tentação, tornando-se impura e pecaminosa eternamente (PERROT, 1988).

Dessa forma, os relatos angustiados de uma das entrevistadas neste estudo, carregam histórias “parecidas”, pois, dores e amarguras ainda estão muito presentes, pairando com muita intensidade. A fala desta mulher soava ao ouvido desta pesquisadora com um tom tão grande de revolta, por não ter sido ouvida, compreendida e acolhida pelo marido, que trabalhava para o mesmo comerciante, violentador sexual, moral e psicológico de mulheres, dono do terreno onde haviam muitas seringueiras, que também comprava a produção destas mulheres. Trata-se de uma mulher forte, que diz guardar na memória, no peito e na alma dores e angústias, pois não consegue expor todas as suas inquietações.

As histórias de vida destas mulheres são permeadas por desafios e desenvolveram inúmeras estratégias de lutas para criar, em muitas situações, uma prole numerosa de muitos filhos, suas falas narram desafios e percalços nas suas lutas diárias em prol da sobrevivência:

Tava eu e Manoel, [Manoel filho] quando dava tempo eu apanhava o açaí, aí nos rachava com a dona do terreno. Sempre fazia isso. Nesse dia subi na arvore, e quando eu cheguei lá no cacho, tinha, mais um ninho de cauá. [...], não pensei, eu tive que me descer rápido, mais minha mão escapulio, e eu caí feio. [...], bati minha custela...não dei conta de andar. Meu filho bem que batia pra avisar, mais ...não foram ver o que era. Esperamo a água crescer no garapé. Aí me arrastei até ela, eu e meu filho varemo na casa do homem, quase de noite, pela água. Meu marido tava lá, buscando novidade minha, até então ninguém sabia contar, quando viu meu estado me levou embora. Minha gente, daí começou o sofrimento. [Margarida Mendes de Souza 89 anos. Moradora da localidade de Itanduba. 10/ 07/2017].

Observa-se neste relato o contexto em que estas mulheres trabalhavam, em funções que acumulavam, além dos acidentes, cujos riscos faziam tarde das suas rotinas de trabalho, sem nenhum tipo de seguranças. A entrevistada narra o momento do acidente e tudo o que passou a sofrer a partir dele sem deixar de mencionar sua revolta devido o desprezo do possível patrão, apresentado como sendo um “comerciante”, alegando que ao mesmo não mandou nem se quer um “bago” de remédio para acalantar sua dor. Conta ainda, que aquela situação se tornou ainda pior porque ela tinha um filho “verdinho” (um bebê recém-nascido), que também sofreu as impossibilidades da mãe:

Passarinho colocava ele no meu lado e segurava até ele teité, mamar, eu não aguentava segurar ele...era muita dor. Ele e meus filhos mais grandinhos. Não tinha quem ajudasse. Mais tinha que sai pra mariscar, a boia [comida]. O comerciante só aviava, quando eu levava o salambi. Como eu estava doente, nada era feito [...] (Margarida Mendes de Souza 89 anos. Moradora da localidade de Itanduba. 10/07/2017).

O ato de rememorar traz as angustias que essa mulher já havia eternizado em suas memórias, lembranças de uma vida difícil quando o abandono por parte do dono do terreno ecoa até o momento presente de forma revoltante para esta trabalhadora da seringa. Visto que, ela diz não esquecer um só momento, o que seu marido ouviu ao pedir ajuda na intenção de buscar melhoras para as dores dela, e acrescenta, “se eu fosse bem tratada, com um puxador, hoje eu não andava com o nariz no chão”. E, parece que na tentativa de justificar sua revolta, ela se levanta da cadeira para mostrar as marcas que carrega nas costas, a coluna torta, consequência daquela queda, daquele acidente. São marcas que estão nas costas, nos ossos, na memória e certamente na alma desta mulher, suas dores são maiores do que possamos tentar imaginar, me oportunizando apenas, hoje traduzi-las, buscando todas as formas possíveis dessas mulheres serem visibilizadas, pode até que não sejam entendidas, mas sim de alguma forma compreendidas.

CAPITULO III:

O CORPO COMO RETRATO DA HISTÓRIA NA DIMENSÃO DO VIVIDO

3.1- O corpo como registro da mulher seringueira

No presente capítulo busca-se fazer uma análise do corpo como memória, tendo como base de apreciação o resultado do passar do tempo, registros vinculados ao mesmo. Neste caso o corpo feminino como base de toda uma história e trajetória, que representa sua identidade enquanto mulher que cortava seringa. Contudo, ao fazer tal observação, na dualidade de tempo e memória, é necessário buscar compreendê-lo dentro de suas especificidades, seus vínculos.

Ao descrever aqui memória corporal, tenta-se, priorizando a materialidade, o fato, o real, definir tal imagem de acordo com o que é visível, pois este corpo tem registro de superação física, emocional e também cultural, dentro do seu espaço de persistência, de luta, de agir e de ser. No entanto, a vulnerabilidade vivida e a fragilidade também são fontes de referências históricas, ao perceber que existem situações em que a palavra se funde com as emoções e que os registros ficam cada vez mais escassos. Por isso, a importância de compreender de alguma forma tal corpo, como umas das fontes de análise, também preponderante, quando se busca contar história tendo como base relatos, lembranças e vestígios.

Ao me dispor adentrar em uma pesquisa de campo, onde se busca, através das histórias contadas, retratar a vida passada das mulheres que viveram um período de trabalho excessivo, o qual necessitava de muita força física e mental, e que os danos nos corpos, eram e são presentes e eminente em suas vidas, é ir muito além das audições, é ter uma percepção um tanto quanto ativa de tudo, entender o que esse corpo resistiu nos dias de trabalho exaustivo, fazia parte da rotina de suas vivências.

Para entender a memória corporal como registro vivo, busca-se nos detalhes observáveis de tais mulheres extrativistas, que contribuíram dentro de suas possibilidades, com dados para a pesquisa em questão, cada uma de acordo com suas especificidades. Análise, como a forma de olhar, de sentar, de andar ou até mesmo de se portar na busca em apreender o seu próprio corpo como símbolo de sua história. Hashiguti (2008), ao fazer análise sobre o corpo de memória, ressalta que:

Na relação com a memória discursiva, é importante observar como esse corpo de regularidades e sistematicidades é o corpo de memória e também de esquecimento (HASHIGUTI, 2008, p. 15).

Torna-se presente, em situações de atuação de rememorar através das sensações do corpo, quando ao lembrar, determinado fato, acontecido a tempos retrógrados, ligados a todo um sistema biológico, se manifesta, em forma de emoções, de vibrações ou até mesmo de reação, visto que por determinado período houve um certo relapso da memória corporal a dado acontecimento. Visto que este corpo se manifesta pelo olhar, mesmo que não esteja presente (HASHIGUTI,2008).

Contar uma história de vida, com marcas que são perceptíveis em meio um sentimento de angústia e impotência no rememorar embrulhados de emoções e sensações, me permito analisar uma fala de Margarida, na qual é perceptível a amargura que ainda faz parte de sua vida, “[...] as dores do meu corpo, vem de tanto trabalho, de forçar o corpo, até quando ele não aguenta mais [...]” (Margarida Mendes, entrevista realizada em 2017).

Os braços riscados e marcados por uma labuta onde os erros eram sinônimo de tragédia, além das mãos calejadas e aleijadas, pois sempre estavam empunho com machadinhos afiados, como afirma uma das mulheres entrevistadas, “nem sempre aplumado”, isto é, bem direcionado pelas suas usuárias. Como esquecer o corpo curvado, por uma coluna que não consegui suportar tanto peso, afinal sua tarefa era transportar ou carregar paneiro ou cestos cheios da sua produção, o resultado de tudo que lhes dariam possibilidade de uma vida com dignidade.

[...] .nu paneiro de corda, já vinha cheio, era lenha, o açaí, o urício de azeite que se via, já se trazia. De quando era época de cacau, já vinha também [risos]. Assim era...e tudo era pesado na costa. [...] (Maria das graças Gomes-61 anos – moradora da ilha de Itanduba-06/07/2017).

Esse peso nas costas são registros construídos desde bem novinhas, pois era necessário acompanhar sua mãe ou parentes, no momento a única forma que se tinha de viver. Pois, o ritmo ou estilo de vida ribeirinha nesse período era o trabalho basicamente de extrair seu sustento da natureza, como estamos nos referindo a saberes herdados e passados adiante por membros familiares. Diante de tal situação, a mulher seringueira organizava seus filhos para acompanhar sua labuta diária, hábitos que eram passados e entendidos como forma de proteção para com seus filhos.

As ações ou prática de se cortar seringa não existe mais em tal localidade, porém os vestígios são sempre expostos pelos corpos que faziam parte desse contexto, como forma de “lembranças”, quer seja entendida de forma positiva ou negativa. Contudo, a cada fato ou ação, uma reação a ser divulgada pelo tempo, sem se dá grande importância aos avisos dados

pelo corpo, pois o cansaço era superado no desenvolver da tarefa seguinte, onde este podia até pedir descanso, mas a rotina e a demanda diária não lhe permitam tal ato.

A memória do corpo, constituída pelos conjuntos dos sistemas sensório-motores que o hábito organizou, é, portanto, uma memória quase que instantânea à qual a verdadeira memória do passado serve de base. (BERGSON, 1999, p.39).

O Corpo, segundo Michelle Perrot, conta sua história de acordo com as mudanças do tempo, sendo vista de forma física, material e também política (PERROT,2015). Cabendo observar ou analisar as diferenças mantidas por determinações do tempo, quando cada mulher que participou deste estudo sofreu e sofre as consequências de seu tempo, esse que é específico para cada corpo, por mais que se esteja a relatar histórias parecidas, mais nunca serão idênticas no decorrer de suas vidas.

Pensar no corpo dessas mulheres, como memória é entender a história de vida ou as formas como elas viveram. É conhecer seus valores, suas culturas e, quem sabe até mesmo, seus credos. As marcas podem esconder nas suas entrelinhas, vestígios de conquistas, dramas ou desilusão, contudo, sempre tem uma experiência pronta para ser compartilhada e ensinada a quem busca até mesmo se entender enquanto parte de um grupo social ou de uma comunidade. Segundo Deleuze, “a intuição é o método que divide o misto de naturezas diferentes que há em nossas experiências, por exemplo: tempo e espaço, lembrança e percepção ou memória e matéria” (DELEUZE, 1999).

Contudo, não podemos esquecer as sequelas que o corpo carrega por motivo dos vícios ou hábitos, que estão presente na vida dessas mulheres, sendo perceptíveis através das doenças, agravando a saúde corporal e também a social. Por isso não podem ficar em ambiente fechado, pois, os pulmões estão sempre com dificuldades para manter-se, a respiração é sempre carregada por esforços físicos, pois sempre lhes faltam um pouco mais de oxigênio.

O cachimbo, o tabaco e o fósforo, itens essenciais no trabalho de corte de seringa, a fumaça que saía do tal objeto tinha função de repelente de insetos, como “carapanãs, maruim, caba, mutuca entre outros”, como afirma Margarida Mendes. Falas como estas foram importantes para que eu pudesse tentar reconstituir suas histórias de vida a partir do que elas sentem como donas de um corpo que sofre com as amarguras do costume ou vício em fumar.

Para as mulheres seringueiras o trabalho sempre foi um ato desafiador, mas necessário, obrigando na época o deslocamento da família quase que completa para o mato. Portanto, um processo de mão dupla, no qual as mulheres organizavam seus filhos para

ajudarem na extração da borracha, uma dinâmica corriqueira entre os ribeirinhos que vivem nesta localidade ou em outras, mas que são oriundos dessa mesma região, enfatizando que tudo acontecia quando os filhos já estavam “grandinho”, sendo que, não há relatos de mães conduzindo filhos bebês para o mato.

Um trabalho difícil, principalmente para as crianças que assim como os adultos, não disponibilizavam de preparos ou vestimentas e calçados adequadas para executar as tarefas. Já no mato as crianças se incumbiam de carregar os instrumentos de trabalho ou simplesmente serviam de companhia, pois as mulheres seringueiras não gostavam de ficar solitárias, conforme dizem que uma mulher ia sozinha para o mato em casos de extrema necessidade.

Um ambiente perigoso, pois o início do processo de extração acontecia no mês de maio, época de inverno na região Tocantina, quando há muitas chuvas, nos rios acontecem as chamadas marés altas ou “lançante”, conforme dizem os ribeirinhos, situação que exigia um pouco mais de esforço do corpo dos que trabalhavam na extração da seringa. No rememorar de suas atividades lembram das marcas, das sequelas, que carregam pela vida, como um elo entre o passado e o presente. Ao ouvir tais mulheres, se observa que em suas lembranças restam no hoje os vestígios de um tempo no qual se constituíam famílias grandes, em sua prole havia filhos rapazes, filhas moças e filhos pequenos, ainda de colo. Essa situação faz jus a uma época em que as mulheres não contavam com meios para gerir a quantidade de filhos que desejava ter, nem tão pouco para evitar uma gravidez. Narram que a tática mais viável era fugir de homem, controlavam o ciclo menstrual de acordo com o movimento da lua, pois sabiam que quanto maior fosse o número de filhos, dobravam suas preocupações, seu trabalho e a responsabilidade para sustentá-los:

Teve muito filho. Naquela época se ficasse prenha era sinar de mais trabalho. [Entre risos]. Tinha que se esquivar do homem (Margarida Mendes de Souza- 89 anos. Moradora da localidade de Itanduba, 10/07/2017).

Margarida, uma mulher sempre muito grata pelo que a natureza ou o “mato”, como se refere, lhe permitiu, conta que não guarda boas lembranças do ato de ter levado seus filhos para o mato para lhe ajudar a trabalhar ou como companhia para não ir sozinha, alegando terem adquirido certas consequências, que ocasionaram de certos vícios que hoje faz mal para a saúde, visto que por necessidade e falta de informação oferecia aos seus o cachimbo de fumo, um instrumento muito citado e usado pelas mulheres seringueiras, na prática de fumar. Sem falar das adversidades que tinham que enfrentar durante as fainas entre as seringueiras, que calejavam seus corpos, e em algumas situações ocasionaram até óbitos.

Narram, por exemplo, que ofereciam aos filhos o cachimbo pronto, com o tabaco e já aceso. Uma vez que para elas era necessário usar a fumaça do fumo para espantar os insetos que teimavam em aborrecê-los, durante seu trabalho nos pés das seringueiras. Por isso o tabaco era muito utilizado pelas mulheres seringueiras, sendo indispensável na lista que faziam no aviamento do comércio ou da taberna. Contam que na época o fumo era comprado a metro, o conhecido “tabaco de mole”. Após a compra deste, uma de suas primeiras tarefas era de “picar tudo”, isto é, cortá-lo em pequenos pedaços, como em um ritual de proteção que organizavam para realizar o trabalho do dia, era uma forma encontrada por tais mulheres para se protegerem, juntamente com os filhos, de insetos, pragas, enquanto executavam a labuta do dia a dia:

Há, não tinha outro jeito, quando era de manhã bem cedo, já ia acordando minhas crianças. Os piquenos maior, era pra ajudar nós a ganhar mais a uma renda zinha. Depois de fazer um cafezinho, já tava preparando na beira do fogão, acendendo com o tição, era... um cachimbo pra cada um. O cachimbo eu mesmo fazia. [...] Era pra encarar o mato, tinha muita praga...se não tivesse com o fumo na boca, não se cortava seringa. Quando ia apagando já ia acedendo, que era demais fumo que se usava. É de quando, que eles [filhos] passaram a fumar. Que tem gente que fuma muito até hoje (Margarida Mendes de Souza- 89 anos. Moradora da localidade de Itanduba.10/07/2017).

Se observa no rememorar de Margarida Mendes que o ritmo diário não causava desgaste, mas sim, a forma como o ato era realizado. E o que ela define nos dias de hoje como: “costumes de fumar”, que seus filhos herdaram, se tornaram cicatrizes dessas vivências, visto que infelizmente, a única forma encontrada para vencer as pragas que atrapalhavam no momento do corte da seringa, era através da fumaça advinda de seus cachimbos, de fumar tabaco. Dizem que na época não se tinha nenhuma informação a respeito dos malefícios do tabaco, produto que nos dias de hoje é responsável por causar inúmeras doenças, até mesmo incuráveis, de acordo com o mistério da saúde. Contudo, naquele tempo, as mães seringueiras contam que ofereciam a seus filhos como forma de proteção, e que atualmente lamentam, se culpam, como relata Margarida Mendes, devido à perda de um filho e por ainda ter na família filhos que não conseguem viver sem o “fumo de todos os dias”. Tais mulheres fazem parte de uma cultura baseada no exercício prático diário de resistir para sobreviver, jamais teriam uma atitude maldosa ou impensável sobre o uso do cachimbo, pois, este por muitas vezes, foi responsável por descaracterizar até a fome, “*o cachimbo fazia o tempo passar e até a fome ia simhora.*” (Margarida Mendes)

É perceptível o arrependimento de suas atitudes em relação ao fumar, porém suas angústias não provem de exigências da parte de seus filhos, mas sim, trata-se de cobrança

destas mulheres, como é o caso de Margarida, que sofre ao lembrar a perda quase simultânea de dois filhos, pois ouviu o “*doutor dizer que era por causa do cigarro*”, a fala do doutor cava lembranças, vai do presente para o passado acarretando uma culpa que certamente não é sua. Mas sim, de uma época de pura tormenta, no qual resistiam das formas que podiam, buscavam as estratégias possíveis para criar seus filhos, manter sua prole.

Para Margarida, além das dores emocionais devido à perda dos filhos pelo uso excessivo do tabaco, no seu corpo também há danos, marcas, que não estão só no físico, mas na voz, sempre muito rouca, nos pulmões, que “são fraco”, na dificuldade em “*respirar como todo mundo*”. O falar baixinho e sempre com a mão em frente à boca, reflete o cuidado dessa mulher em não mostrar os dentes, assinalados pelos danos do vício que atualmente lhe roubou a “risada barulhenta”, que alega ter tido outrora. Outra marca que diz lhe envergonhar, e que faz questão de aparecer em seus lábios, é o sinal do “taquari”, um cipó fino que servia de elo entre o cachimbo e a boca de quem o usava.

[...] os de hoje (os jovens), só se vicia em fumar se quiser. Tu sabe que esse meu jeito de falar, de vez eu te repito, de visto que minha fala é assim, baixinha, se te cuntar, (respiro longo) ... num dá pra falar mais arto. Sê te cuntar, que até quando vu mergulhar num dá mais, se te dizer que parece que meu pumão tá fraco, puxo o folego cansada, num é iguá a tudu mundo.Ê.... meus dentes...tenho acanhamento deles, num deixo verem, assim...e também eles dói...dói muito..., Num sei se era do taquari ô do fumo mais quebru dente na minha buca. Do taquari é também essa marca nu meu beço, [indica o local] ficu meio torto. Por quer de vez o cachimbo tinha que ser grande pra dura bem acesso[...]. [Risos] (Margarida Mendes de Souza-89 anos. Moradora da localidade de Itanduba.10/07/2017).

Apesar dos vestígios do passado, que envergonham e constroem algumas destas mulheres, Benedita de Nazaré e Maria José Nunes afirmam que ainda são fumantes ativas, dizem que não conseguem parar de fumar, já tentaram algumas vezes, mas sem êxito. Caracterizam o cachimbo como uma companhia de vida, alegam não conseguir mais viver com a ausência do fumo. Aliás, todas as mulheres que fizeram parte deste estudo, dizem que fumavam bastante, as que não se “distraem” mais nos dias de hoje com o cachimbo, contam que conseguiram deixar tal costumes ou vício devido terem mudado de religião. Mas todas são mulheres de personalidade forte, arredias que falam tudo o que pensam, e aquelas continuam fumando ativamente, como Benedita de Nazaré, declara que, “se não fumar durante a noite, eu não durmo”. No seu corpo existe a dependência do “tabaco”, cravando marcas que o tempo já provou que não consegue apagar.

O uso do álcool, em forma de pinga (cachaça) ou vinho aliado, acrescido aos frutos da região, como ginipapo, jacaicá, cajú do mato, também era muito utilizado pelas mulheres

seringueiras, que tinham o “costume de bebê”, como dizem. No uso da bebida alcoólica buscavam uma espécie de alento para fazer o corpo resistir e suportar as labutas do dia-a-dia. Da mesma forma, que ocorria com a utilização do tabaco, o álcool nesse período não era entendido como prejudicial à saúde, ao contrário, fazia parte da difícil faina diária, servindo tanto para dar vazão aos momentos difíceis do trabalho entre as seringueiras, quanto para alegrar os momentos dessas trabalhadoras, que a partir da mistura da cachaça ou do vinho faziam grande variedade de bebidas dos mais diversos sabores, conforme é possível se observar no relato de Benedita de Nazaré:

Nos também, nu inverno, nos fazia nossa bebida pra esquentara a gente. Nos tinha que trazer da taberna a pinga ou o vinho. Se fusse a pinga nos quando passava pelo debaixo do ginipapo, [risos], já trazia a fruta, podia se de conde, nos juntava jacaicá, caju do mato certo é, que nos fazia, batida e levava. [...]. Mais a nossa bebida do dia de inverno tinha que ter [risos] (Benedita de Nazaré Macia de Melo, 71 anos – 07-12-17).

Assim como, maceravam, deixavam de infusão em bebidas alcóolicas, folhas, raízes e cascas de plantas medicinais, produzindo seus próprios remédios, indicados para curar suas enfermidades. Contudo, segundo afirmam, o hábito de ver a mãe ou outro parente consumindo essas bebidas, as crianças também passavam a ingerir álcool muito cedo, tal costumes se tornava práticas corriqueiras em suas vidas. E por se tratar de um produto que gera dependência, há relatos que mencionam casos de homens e mulheres, filhos e filhas de mulheres seringueiras que atualmente sofrem com problemas decorrentes do alcoolismo.

Glorinha, por exemplo, conta que perdeu uma irmã, que ingeriu muita “cachaça” após um dia de trabalho no mato, devido ter ficado muito embriagada caiu no igarapé e morreu afogada. É importante ressaltar que as mulheres que se propuseram falar a respeito da relação que tiveram com o álcool no passado, dizem que não fazem mais uso de bebidas alcóolicas, pois dizem trazer grandes marcas desse passado na família.

Outros registros, também fazem parte da vida dessas mulheres, como nos lembra Maria da Gloria, ao recordar sua vida sobre os mandos da natureza, nos relata que certos hábitos, ainda estão presente em suas vidas, como por exemplo, os horários, sempre tendo o cantar do galo, como sua referência de horário do trabalho. Relata que “o primeiro cantar do galo é entre as 02 e 03 horas da manhã, e o segundo é a partir das 04 horas, daí segue até de manhã. Nunca tinha como errar, era sempre por onde eu me orientava”. Às vezes, quando o galo cantava a primeira vez, ela afirma que nem tinha dormido, resalta que, “era de bom grado, esperar um pouco mais na quentura de sua rede, mais isso não podia acontecer sempre,

porque o trabalho não podia esperar”. Dessa forma, sua rotina era sempre intercalada com o som de seu aliado.

Nós se orientava pelo cantar do galo. De madrugada quando iniciava a cantoria já tinha que ir me aplumando na rede, pra começar tudo de novo. Não tinha maré feia, eu tinha muito filho, a vida, o sustento era difícil. Nosso horário quem determinava era o galo. (Maria da Gloria, 68 anos. Moradora da localidade de Itanduba).

O galo é uma figura ativa na vida das pessoas nos interiores do município de Cametá, o que faz a presença dessa ave importante durante o processo de extração da borracha nessa localidade, onde o tempo da natureza podia ser demarcado pelo canto do galo, pelo gorjear de determinados tipos de pássaros, sem levar em consideração o tempo cronológico, demarcado pelos relógios. Tornando-se o cantar do galo, o contar das horas partir de um saber presente também na vida dessas mulheres, era um aliado em cujos ritmos dos cantos se orientavam para não perderem a hora de enfrentar o caminho das seringueiras, que eram feitos a pé ou em canoa à remo. Maria da Gloria afirma que até nos dias de hoje não consegue amanhecer dormindo, seu sono vai embora, mas não levanta mais cedo, só a partir do segundo cantar do galo, fica esperando os primeiros sinais do dia para levanta-se.

As marcas do passado refletem nas suas atitudes, nos seus sentimentos, devido às perdas que sofreu, preferem silenciar o passado, devido às representações de uma época em que as informações quando chegavam eram incompletas. Se culpa por não imaginar que as ações vividas naquele período poderiam ser tão prejudiciais para seus filhos e para a sua própria vida, como é o caso do fumo, que ainda tem uma influência bastante ativa. Margarida Mendes, diz que sente dó, culpa-se por ver sua filha tão magrinha, com dores no peito, sendo preciso ir ao médico em busca de tratamento.

Tudo faz parte de uma cultura, um estilo de vida que traduz uma época de necessidade e falta de informação para essas mulheres, desde o ensinamento do uso do tabaco, para espantar as pragas, durante o processo de cortar e coletar a seringa, até o uso excessivo do álcool. Assim como, o hábito de não conseguir adaptar-se aos novos horários, ao tempo do relógio, uma vez que seus costumes se enraizaram no tempo da natureza em detrimento ao tempo cronológico.

Costumes que foram internalizados por toda uma vida, foram atrelados aos seus saberes. Dessa forma, é quase impossível influenciar nas decisões de quem sempre gerenciou a sua vida, a sua cabeça. E por ter pensando que tudo que fazia era certo, dizem que até podem sentir algum tipo de remorso, contudo, jamais deixaram que os atropelos encontrados

pelos rumos da vida se tornassem impossibilidades. O fato de seu corpo e sua mente se encontrarem atrelados ao passado, os registros da memória trazem-lhes a certeza de que carregam em suas vidas, marcas, costumes, hábitos e resistências que foram gerados a partir dos trabalhos que executam nos pés das seringueiras. Por isso, há necessidade de se entender suas vidas, de buscar nas entrelinhas das lembranças de suas histórias, vestígios que tragam informações desse corpo feminino, com suas bases de resistência para sobreviver em meios sociais e culturais tão diversos e complexos.

3.2 Eles falando a respeito delas: “mulherada trabalhava pra espantar qualquer macho”

O propósito deste estudo é fazer uma análise histórica sobre o trabalho das mulheres seringueiras da localidade ribeirinha na ilha de Itanduba. Um estudo voltado para valorizar os relatos dessas mulheres, suas histórias e memórias intercaladas no silêncio do tempo, que passa com muita ligeireza, pois os que se instalaram em suas almas, formaram as bases de suas vidas, são maquiadas por esse tempo, que dilacera, transforma, faz histórias.

Durante todo o processo de pesquisas, dialogando com as mulheres seringueiras, surgia de forma muito consistente a presença masculina: ora como companheiro de vida; ora como vilão; ou então com grande amor, que faz parte de uma história para compor ou não a vida familiar, diante de imposição da sociedade, hierarquizada por uma cultura tradicional, machista. As falas com relação ao comportamento masculino desse período atiçaram curiosidades, fiquei “cuíra”, para tentar verificar o que os homens dizem em relação aos trabalhos realizados pelas mulheres seringueiras.

Visto que, estas mulheres nos dias atuais possuem um olhar diferente do passado, fazem suas próprias críticas, suas falas e posições que atravessaram gerações. Pois, viveram momentos de grandes aprendizados e ao serem questionadas a respeito da função desta pesquisadora entre elas diziam que pesquisava as “mulheres poderosas”. No entanto, em um determinado momento elas observaram que os homens também estavam sendo entrevistados, o que gerou certa indagação da parte de alguns delas, que perguntavam: “você não disse que ia pesquisar apenas as mulheres poderosas? ” Neste sentido, houve a necessidade de esclarecer para elas que, naquele momento era preciso saber o que os homens pensavam e

falavam a respeito dessas “mulheres poderosas”. Conforme destaca Micheli Perrot (1988), os resultados de pesquisas feministas contribuem para a reavaliação do poder das mulheres:

Em sua vontade de superar o discurso miserabilista da opressão, de subverter o ponto de vista da dominação, ela procurou mostrar a presença, a ação das mulheres, a plenitude dos seus papéis, e mesmo a coerência de sua “cultura” e a existência dos seus poderes (PERROT, 1988, p. 169-170).

É a respeito dos poderes, dos feitos, das resistências, da presença e ações das mulheres seringueiras, na tentativa de reconstituir vestígios de suas histórias de vida e experiências, que se propôs ouvir as falas masculinas. Não como referência de verdades, mas sim, devido à busca por entendimentos da representação feminina a partir da visão masculina a respeito dos diferentes tipos de atividades realizadas pelas mulheres seringueiras. As falas masculinas fazem constatações e até mesmo elogios aos afazeres femininos, contudo, em determinados momentos emergem argumentações machistas.

Em busca destes relatos masculinos efetuou-se o primeiro contato, que foi com o Raimundo Lopes, 67 anos, filho, irmão e marido de mulheres seringueiras, o qual diz que “depositou sua vida tudo no mato”. Conta que quando era criança participou do corte de seringa como ajudante da mãe:

Minha filha, as mulheradas trabalhavam pra espantar qualquer macho. Me alembro desde de curumizinho, que se num fosse minha mãe em casa pra ajudar meu pai[...] a fome era ainda pior. Os dois se viravam junto. Quando era de manhã ela logo separava quem ia com quem, digo; se nosso pai fosse fazer alguma tapagem ou lancear camarão na praia...essas coisas assim, tinha que levar algum de nós com ele. Papai bebia muito, a veis trocava o peixe com bebida. Mais tu sabe que nunca vi ela brigando! Com ela [mãe], também tinha que ir algum de nós, pra ajudar no processo do mato...mais ela não se fiava no meu pai. Sempre dava um jeito de apanhar um açai, pegar um curua de poço, já pensando na boia em casa. Por mais que tivesse cansada... mais difícil, era chegar em casa com a mão abanando (Raimundo Lopes 67 anos, morador da ilha de Itanduba, 08/12/2017).



Imagem 13: Raimundo Lopes, 67 anos. Fonte: Farias, 2017.

Raimundo Lopes, 67 anos, morador da localidade de Itanduba, ao se posicionar sobre o trabalho das mulheres no processo do corte, coleta e comercialização da seringa, retira a partir das mais remotas lembranças da sua vida de menino, os desafios cotidianos de quem viveu uma infância marcada, em companhia da mãe, cujas atitudes eram de uma mulher forte, resistente e ardilosa. Porém, se observa através do seu relato, a figura de um pai que por beber muito, não gerenciava seu lar, deixando as responsabilidades para a companheira, que parecia se conformar, não interpelar a atitude do marido, ao trocar o peixe, que deveria ser destinado à alimentação dos filhos, por bebida. Parecia não se indignar com tal situação, já que Raimundo Lopes afirma vivamente: “*tu sabe que nunca vi ela brigando!*”. Contudo, a aparente conformação feminina, se transfigura em mando, quando esta mulher passa a gerir sua casa, tomando para si toda responsabilidade para cuidar da sua família e garantir a sobrevivência dos filhos.

Observa-se o valor da mulher como provedora do lar, situação muito difícil de ser aceita pelos maridos, mas a maioria das mulheres entrevistadas lideravam seus lares, e com os frutos das suas fainas diárias nos seringais garantiam a sobrevivência dos filhos. Quando o

entrevistado enfatiza que sua mãe não brigava ou questionava, certamente, este reafirma a capacidade que sua mãe tinha em conviver com os problemas que “aparentemente” não existiam. Sua fala evidencia o silêncio desta mulher, repetindo a idealização da “mulher perfeita porque não reclama”. Contudo, parece não estranhar o comportamento do pai, que parece fazer algo “normal”, em uma época em que a sociedade cobrava para se “ter homem na casa”, fazia parte de costumes herdados do pensamento machista, muito presente nesse período.

O entrevistado lembra ainda das dificuldades enfrentadas por sua mãe, que eram semelhantes de outras mulheres, trabalhavam dia após dia no mato extraíndo seringa, muitas vezes com fome, sem ter a oportunidade de se alimentar bem, “parecia que elas só viviam cansadas”. Embora, o produto lhes pertencesse, pois o “sarnambi era delas”, elas pouco iam fazer compras na taberna (pequeno comércio). Reconhece que os tempos eram outros, e que se a mulher quisesse ou não, tinha que render obediência a alguém, no caso a uma figura masculina, que poderia ser o companheiro, pai ou irmão mais velho.

Os dias não eram fáceis, a sobrevivência era exercida dia após dia, para além das adversidades das matas, rios, praias e igarapés, a ausência de se ter o que comer era um fardo presente na rotina das famílias, pois muitas tinham o que levar e outras não, passava no mato esperando apenas encontrar uma fruta, como um cacau, um miriti que servisse para se alimentar. Raimundo Lopes diz ainda lembrar quando via sua mulher levantar cedo, para fazer o mingau de farinha de mandioca e deixar pronto para as crianças, também levar para merendar no mato:

Em casa, não deixava faltar camarão, pois era o que ela levava pro mato, numa lata já ia o mingau pateta pronto, pra tomar com camarão, chegava lá era só fazer um furguinho ela esquentava o mingau. Com isso ela se aguentava até tarde. Tinha vez que faziam convidado, iam trabalhar longe da casa, não dava pra vim em casa e voltar de novo (Informante Raimundo Lopes - 08/12/2017).

Em meios às tribulações diárias frutos de uma desigualdade social histórica, que atropelava também o emocional de tais mulheres, observações estas que faz por conhecer o interior do mato. Raimundo Lopes, ao rememorar tais histórias, deixa emergir outras preocupações que tinha com sua mãe, pois sabia das dificuldades vivenciadas nos pés das seringueiras, das angustias, medos e solidão, porém, conforme afirma o entrevistado, elas buscavam disfarçar. O que poderia não ser um disfarce em si, mas formas de estratégias que adotavam para vencer as dificuldades enfrentadas dia após dia, tanto para cuidar e proteger os filhos e demais familiares, quanto na execução das difíceis tarefas que exerciam para extrair o

leite da seringueira, além de se ocuparem das atividades intermediárias voltadas para o bem estar da família, como: apanhar açaí, estilar azeite, criar “xerimbabo”, tecer paneiro, fazer carroceira e peneira, cujos saberes e desenvoltura aprenderam com suas mães, como é possível se observar na fala de Raimundo Lopes a respeito de suas irmãs, que aprenderam a trabalhar no corte da seringa com sua mãe.

Elas não eram como essas muças d’agora. Mas elas namoravam também. Mas minha mãe era esperta, só ia pro mato com ela. Sabiam apanhar açaí, estilar azeite, cortar seringa, criar xerimbabo, tecer panero, fazer carroceira e peneira, também sabiam fazer cumida...aí tinham que saber...mãe falava que tinha que se aprender de tudo um pouco [risos], para não levar panelada do marido. Mas, a mamãe comprava as águas de cheiro delas...pois elas também ajudavam no mato (Informante Raimundo Lopes - 08/12/2017).

Raimundo, ao falar a respeito das “moças de agora”, descreve a força de uma educação de cunho patriarcalista, no qual a mulher era obrigada a adquirir aprendizagens primordiais a serem postos em prática, principalmente quando casava, para ser boa esposa. Contudo, nos relances de suas afirmações, este entrevistado parece ter consciência, que essa obrigatoriedade para ser uma esposa perfeita é desnecessária nos dias atuais. Ao comparar tempos passados com presente internaliza em sua fala o mando masculino como forma de constar na família e orgulha-se por ter vivido esse tempo, criticando certos comportamentos femininos de tempos atuais.

Ao falar do trabalho da sua companheira no processo de corte da seringa, o entrevistado afirma que ela também cortava seringa, e por ficar muito tempo no mato trabalhando nas atividades de extração do leite de seringueira, às vezes, era preciso procurá-la. O esforço desta mulher é semelhante o de outras da região, cujo trabalho se inseria nas lutas diárias para poder criar seus filhos, manter suas famílias, um processo que começou com suas mães, passou para suas irmãs, com propósito de aprender fazer-se para a vida.

Raimundo Lopes conta que ajudou por muitos anos sua companheira no processo de extrair a borracha. Mas, posteriormente, como a seringa já não estava dando grandes lucros, foi procurar outro serviço, que tivesse ganho maior, por isso teve que mudar para outro município em busca de melhores condições. Contudo, a esposa ficou na ilha de Itanduba com três filhos e sem nenhum auxílio para sustentá-los, a não ser o corte da seringa:

Teve uma época que fui embora pro Tome-Açú. Já tinha 03 desses meus filhos, nesse período, ela ficou segurando as pontas aqui até eu arrumar as cuisas pra mandar pra ajudar. Se não fosse a seringa, eles tinham passado muita fome, porque eu fui, como a de ser, primeiro trabalhar, depois intão que ia receber o dinheiro. Ela

sustentu os piqueno aqui. Mesmo depois, eu mandava e ela trabalhava, até eu vim embora de vez (Informante Raimundo Lopes - 08/12/2017).

E nessa condição, a labuta diária feminina ia além de cortar seringa era acrescida também as atividades de pesca, a roçagem ou limpeza das estradas de seringa, apanhavam açaí, estilavam azeite de andiroba, executavam tecelagem de paneiro, peneiras, tipiti, tupé e criavam animais domésticos, como: pato, galinha e porco, visando o sustendo dos filhos. Assim como, fazia parte, em certos períodos do ano, de convidados para roçar ou fazer limpeza de terrenos de vizinhos e amigos, uma prática bastante rotineira realizada entres famílias e amigos. Raimundo Lopes menciona que as mulheres enfrentavam muitos perigos nos seus trabalhos, indo desde acidentes graves, como: cair do açazeiro, mordida de cobra, até se cortar com machadinha, um dos principais instrumentos de trabalho no corte de seringa, e ainda outras doenças que eram encaradas pelas mulheres no traçar do dia-a-dia, com seu conhecimento em lidar com as raízes, folhagem e cascaria, servia como teia de proteção para todos das famílias e de entorno. Conforme afirma o entrevistado: “*mas num tinha pricisão de hospitar, se arrumavam lá mermo*”, contudo não eram só as mulheres que se cuidavam por lá mesmo, sua sabedoria era de grande valia para todos, incluindo os homens.

Adicionadas a rezas, gestos, “puxações”, benzeções e sessões de pajelança, praticadas por parteiras, benzedeiras, “puxadeiras” e curandeiras da Região do Tocantins, enquadram-se as suas “porções mágicas”. Plantas ervas e outros elementos naturais possuem valores significativos nas práticas dessas mulheres, que as utilizam para o preparo dos mais variados tipos de remédios, que são indicados gratuitamente à sua clientela. Com os banhos e chás de casca de pau, raízes e folhas de ervas as crianças são curadas dos aborrecimentos e dos quebrantos. Assim, como as mulheres são curadas dos seus males, os homens, também, são tratados de impotência sexual com chá de ervas, como marapuama e broto de sapé ou assapé, “prego de macaco e prego de quati seco. (PINTO, 2010, p. 262).

Embora o entrevistado fale de quanto eram intensas as lutas e os esforços destas mulheres para criar seus filhos, garantir a sobrevivência das suas famílias, não deixa de evidenciar história muito frequente desse período, quando a figura masculina fazia aumentar ainda mais o sofrimento dessas mulheres, pois muitas vezes por ciúmes, desconfianças praticava violências graves contra suas companheiras. Afinal, conforme destaca Marcondes Filho (2001), a violência contra mulher, no ponto de vista histórico brasileiro, também é herdeira de uma cultura com raízes em uma sociedade escravocrata, patriarcal construída a partir de um modelo que se aí instalou.

Infelizmente, essa cultura machista fazia parte do ser mulher extrativista, o mato ou o que acontecia nele, era sinônimo de desconfiança para determinados homens. Visto que se

fossem contrariados em suas vontades ou autoridade dentro de casa poderia ser entendido como ofensas a sua moral, por exemplo, o fato da mulher rejeitar o homem na casa, era justificativa que tinham para dizer que estavam sendo traídos, que “*tivesse outro no mato... eu nunca fui biscuitar minha mulher no mato, mais tinha marido que ia ... não sei se via, mais ia*”. Raimundo Lopes afirma ainda que a desconfiança por traição poderia custar a própria vida da mulher, que na maioria dos casos era “*espancada por motivo de ciúme do seu marido*”, que não acreditava que a mulher ia para o mato só cortar seringa, jamais levava em consideração que a recusa feminina poderia ser resultado de muito cansaço, após um longo dia de trabalho em diversas atividades.

Na verdade, ele não prestava, tinha o mardito vicio de beber todo dia. O oficio dele era, fazer remo, vendia e bebia. Me conta, quem era a mulher teité, que ficava o dia inteiro no mato, granjeando as coisas para a casa, quando chega encontra um porre. [Ele questiona]. Ela ia ter estômago pra isso? Por aí a senhora tira (Informante Raimundo Lopes - 08/12/2017).

Ao analisar essa fala, nos remete a questões relacionadas a identidade da mulher seringueira, que em alguns casos só tinha um companheiro por imposição social, devido referências comportamentais do contexto no qual ela estava inserida, pelo fato de viver pelo “título de ter um marido em casa”. Contudo, devido este marido não assumir a obrigação de gerenciar e sustentar a família, a mulher se torna responsável pela administração desta, desenvolvendo todas as táticas possíveis para criar os filhos, apesar das acusações e das violências a que é submetida, ela empreende formas de resistências até mesmo recusando o companheiro.

Desta forma, se verifica que em relação à venda da produção obtida a partir dos trabalhos da mulher, quem fazia a venda era o homem, mas que tudo levava da taberna para a casa era seguindo as ordens dela. O entrevistado Raimundo Lopes, por exemplo, conta que quando sua companheira precisava de alguma coisa que “*eu não sabia trazer ela ia comigo*”. A presença da mulher nas decisões, por mais que houvesse situação ou uma imposição dada pelo modo deste homem pensar e agir, a mulher sempre encontrava meios de se impor, além da renda financeira advinda do seu trabalho, ela se fazia presente nas demandas de dentro da casa, pois, no silêncio do “aceitar”, que poderia soar como uma forma de submissão, ela se insurge, na administração e distribuição do que precisa dentro da sua casa.

Outro entrevistado da pesquisa foi o senhor Manoel Serrão de Moraes, 91 anos, que não mora mais em Itanduba, diz que se mudou há 03 anos, por motivo de doença. Defensor de suas próprias convicções culturais, sociais e religiosa, parece que internalizou seus conceitos

de “certo ou errado” de uma formação machista, de cujas memórias surgem lembranças alarmantemente discriminatória em relação aos papéis da mulher na sociedade, principalmente, no que diz respeito às mulheres seringueiras, como se fosse um treinamento realizado para sempre pensar a mulher como alguém inferior, mesmo sendo completamente dependente de uma mulher, a sua esposa.



Imagem 14: Manoel Serrão de Moraes, 91 anos. Fonte: Farias 2018.

Mulher num cortava muita seringa, demais se fusse só pro mato. Porque era assim olha: Eu fazia assim, cumu era nu nosso pedaço de mato, eu cuntratava por estrada. Cada estrada era 50 seringueira limpa (No caso o terreno tinha que está limpo). Duas ou três estradas. Pra cada estrada 07 bolas de barro... tu sabe que barro pesa...tinha que ser nu paneiro de costa...demais tinha a casca do uruá, escada. Ê.ê.ê, num davam conta. Caiam... quando era de muitas...gustavam de um disque me disque... trabalhavam de vagar...tinha que ter sempre um homem[...] (Informante Manoel Serrão de Moraes - 10/ 12/ 2018).

A fala deste entrevistado é eivada de uma aparente fragilidade, incapacidade feminina, seu posicionamento sobre o trabalho das mulheres para extrair o látex da seringueira no mato é reflexo da formação voltada completamente para inferiorizar a importância e o valor destas. Se observa na sua fala características arraigadas de machismo, se permitindo de forma automática definir o sexo oposto como inferior, com pensamento prepotente, por ter sido possuidor de estradas de seringa, se vangloria como uma autoridade diante do que tinha como propriedade, afirmando que as mulheres não davam conta, “*trabalhavam devagar...Tinha que ter sempre um homem*” para acompanhá-las.

Se auto afirmando como alguém que domina, se ver como dono de verdades absolutas, convicções que sempre foram base de seus “valores”, principalmente de costumes herdados. Na matemática que faz, os objetos pesados e as dificuldades de acesso também fazia parte da realidade da labuta diária das mulheres seringueiras, mas é inaceitável para o entrevistado, que mulheres faziam tudo isso: “*duas ou três estradas. Pra cada estrada 07 bolas de barro... tu sabe que barro pesa...tinha que ser nu paneiro de costa...demais tinha a casca do uruá, escada... num davam conta*”. Contudo, na sua própria fala se observa, que por ser o proprietário dos seringais, caso estivesse cerrado as estradas de seringa, ele não entrava no terreno, só andava por ali se estivesse limpo, e eram elas (as mulheres) que iam “roçando e cortando”, além de realizarem todas as atividades indispensáveis para a extração do leite da seringueira.

Se observar uma grande dificuldade para o entrevistado em falar ou reconhecer que a mulher era capaz de realizar determinadas atividades como o homem fazia. Enquanto, a companheira, que compartilhava a vida com esse homem, possivelmente, também herdeiras de uma cultura de submissão, talvez entendesse o dito do marido pelo lado da “proteção”, não o questionasse frontalmente, pois o questionar feminino poderia ser caracterizado como falta de valor, de respeito perante a figura masculina do período, já que o pai, os irmãos mais velhos e o marido ou companheiro eram uma espécie de tutor, a quem a mulher deveria render obediências. Contudo, certamente desenvolviam estratégias para superar determinadas situações, já que entre as mulheres que participaram deste estudo é recorrente em suas histórias de vida as diferentes atividades que realizavam, tanto em casa, cuidando dos filhos e realizando afazeres domésticos, quanto no mato, onde além da extração do látex da seringueira, pescavam, apanhavam açaí, roçavam, tiram talas e cipós para tecer paneiros, peneiras, tipitis, tudo para o bem estar da sua família, para garantir a sobrevivência dos seus filhos, delegando aos seus companheiros o papel de coadjuvante, que apenas ajudavam suas

companheiras, alguns até saíam para outros lugares para trabalhar e ajudar suas companheiras, mas eram as mulheres que na prática do dia a dia gerenciam suas famílias. Segundo afirma DRUMONT, (1980, p. 81), “o machismo é definido como um sistema de representações simbólicas, que mistifica as relações de exploração, de dominação, de sujeição entre o homem e a mulher”.

Nesse sentido, quando o senhor Manoel Serrão de Moraes é indagado sobre o desprendimento de seu trabalho no mato, cortando a seringa sem a presença feminina por perto, ao responder, acata por não negar a ausência da mulher, pelo contrário, diz que ele não sabia cortar a seringueira, era preciso ter prática, ficando a cargo da sua companheira esta função, enquanto ele só ia grudando as cascas de uruá nas seringueiras, ou seja se tornava o ajudante da mulher:

[...]. Não...eu não ia. (Sozinho para o mato) porque tu sabe? (Risos) que eu num sabia fazer o corte na árvori (seringueira). Era sim. [...], tinha tudo uma prática. Por isso, que ela fazia o corte e eu só ia grudando a casca na seringueira. Eu era ligero pra passar o Barro...eu tinha uma prática... era demais rápido (Informante Manoel Serrão - 10/ 12/ 2018).

O entrevistado não nega a importância da prática, do saber fazer da sua companheira, mas em nenhum instante fala da importância das funções que a mesma executa. Infelizmente, atitudes como esta ainda povoa o universo masculino, costumes que podem muito bem ser caracterizados como violência psicológica. Visto que para a organização mundial da saúde, o termo violência é também utilizado para designar abusos psicológicos “[...]. Sendo que para pessoas que agem tomando posse dessa ideologia, se entende e se ver sempre como o centro da perfeição, sem permitir que a “outra” se intitule como importante (OMS, 2002) ”. Desta forma, as afirmações do entrevistado soam como afrontas diante da desenvoltura das mulheres seringueiras, cujas histórias saltam a negação dos diferentes papéis que desenvolveram juntamente com seus companheiros, mesmo ela estando lá, resistindo e realizando os trabalhos até mais difíceis e desgastantes, ainda são constantemente silenciadas.

Ao rememorara episódios da sua história de vida a respeito das suas pendências financeiras, o entrevistado Manoel Serrão de Moraes faz questão de se destacar na família como o mais importante, “o cabeça da casa”, “o galo da casa”, a referência evidenciando seus costumes e a forma como a sua mulher o percebe dentro da sua casa, visto que as vontades desta, na condição de “a canela” nunca era reconhecida, o que imperava era entendido por “ordem”. Evidenciando uma espécie de fragilidade feminina perante a este homem, que se mostra superior à figura feminina. Por desconfiança ou ciúme o mesmo

afirma que sempre acompanhava a mulher no mato para a extração da seringa, quem sabe para se certificar de “*que ela num ficava se esbarrando em homem no mato*”:

Quem ia vender era eu. Por que eu era o cabeça da casa. Tu sabe, o homem é o cabeça e a mulher a canela. Se numa casa num tiver um que use a cabeça, a canela quebra, é fraca. Eu sabia tudo o que se tinha preciso de casa. Se ela fusse...rum...só pra me fazer ir de nuvo. Na minha casa? Quem mandava era eu...num tinha esse negócio de mulher gritar não...eu era o galo. E tinha ordi... Mulher de casa, num ficava se esbarando em homem no mato...num ia só. Por que tu sabe, ela só quer um pé pra praticar o que num presta. E era sim, era costume, se tinha mando. O padre mermo explicava na missa...era...As mulherada iam pra igreja...sê te falar de certo, o tempo era outro, se tinha mando (Informante Manoel Serrão - 10/ 12/ 2018).

A presença e a referência da igreja, com seus ensinamentos baseados na submissão da mulher para com o marido, buscando sempre justificar a sua superioridade, delegando a condição mais baixa do que a “costela” do homem, ela viria da “canela, da perna”, para reforçar o seu pensamento machista, a ponto de se apropriar de ensinamentos religiosos como marcas de verdades absolutas, temerosas, submissas. Diante disso tudo suscita a indagação: O que leva este entrevistado afirmar categoricamente que as mulheres seringueiras se “esbaravam” em homem no mato?

Nas entrelinhas do seu discurso se insurge a resistência da mulher seringueiras, que se tenta ocultar, mas está lá agindo. Embora a fala masculina o caracterize como “fraca”, é a mulher que sangra a seringueira para extrair o látex, pois o homem não consegue fazer o “corte” na seringa, é preciso a habilidade da companheira que já possui prática neste tipo de atividade. Da mesma forma, era a mulher que subia e descia a escada, que carregava o barro, com qual se grudava ou colava a casca de uruá na seringueira para aparar o leite. Ela possuía a destreza suficiente para se equilibrar em cima de uma escada, feita de varas, amarrada com Envira ou cipó qualquer tirado do mato. Nesse sentido, se percebe que quando a “canela” (condição feminina na visão do entrevistado) quebrava “a cabeça” (o estatuto de superioridade atribuído ao homem) também não conseguia se locomover, sair da inércia. Isso só nos permite enfatizar a partir das falas das mulheres seringueiras que participaram deste estudo, que por mais que “o galo” cante ou “grite”, quem chocava os ovos para garantir a sobrevivência da sua prole era a mulher, “a galinha”, “a canela”, para quem a ordem masculina servia de subterfúgio para se acreditar que a figura masculina mandava, era superior, enquanto mostrava na prática da sua vivência cotidiana quanta força, poderes e formas de resistências desenvolviam para sobreviver e criar os filhos. Contudo, parece que o tempo não foi capaz de mudar certas convicções masculinas de cunho machista, inseridas na individualidade de determinados indivíduos, que se não se permite humanizar-se, para se

transformar, para acompanhar as mudanças pelas quais a sociedade vem passando, assegurando direitos femininos com respeito e valorização das diversidades.

3.3 A violência na história de vida da mulher seringueira

A violência contra a mulher, infelizmente é histórica. Vozes de vítimas que trazem em seus relatos formas de indignação, contudo, na vida dessas mulheres extrativista a resistência sempre foi sua bandeira de luta. Pois, quando preciso enfrentava a sociedade, está que se limitava a ver a mulher como um sujeito passivo a realidade, ou dependente de uma determinada situação ou agressão. Por isso, mostrar as diferentes formas de violência que fizeram parte da vida das mulheres seringueiras, histórias que contextualiza a aferto da mulher que tinha o extrativismo como parceiro de sobrevivência, sendo inúmeras as formas de submissão a situação de desconforto e agressão pois, tudo o que oprime ou que buscam aprisionar é uma violência contra o exercício da cidadania (SOIHET,2007). Abusos contra o ser feminino podem ser caracterizados de diversas formas como ressalta a autora ao escrever sobre o corpo feminino como lugar de violência, onde o objetivo era “examinar as formas de violência entre os gêneros que incidem sobre o corpo das mulheres”.

É também lugar de violência – quer a violência física, espancamento, estupro, etc., tão bem conhecida, quer aquelas outras formas de violência sutis, engenhosas, entre as quais a chamada violência simbólica, que igualmente contribuem para a manutenção de desigualdade (SOIHET, 2002, p. 270).

O que se colhe no rememorar das mulheres em estudo é que todos esses tipos de ataques sofridos deixaram marcas em sua história de vida, por mais que, diante de todas as formas de enfrentamento, desenvolvendo estratégias, articulando-se com a natureza, apesar de tudo, essa mulher padecia, e hoje, esse mesmo corpo vive todos os dias com tais vestígios, e quando essas marcas físicas são enxergadas a cada dia por essa mulher, renasce uma revolta pelo que não foi feito e nem dito, sendo assim, o espancamento, o estupro, dói sempre de formas diferente, por vários anos. A violência psicológica, ocasionada principalmente pelo abuso sexual e moral sofrida pelas mulheres, um fardo muito ardo de se conviver ano pós anos, o silêncio era uma forma se aliviar, de uma dor que interferiu por toda a vida dessa mulher, e que o fez em determinada situação um ser humano diferente, até mesmo incapaz de acreditar no outro, tornando-se solitário.

Algumas mulheres Itandubense, além de cumprir todos os dias dupla jornada, ainda tinham por obrigação acatar os anseios de um ser considerado “homem”, como provedor da casa, sendo vítima de uma violência, que atingia desde a sua liberdade de escolha, até o seu direito de ser livre. Dessa forma, torna-se alarmante, determinadas falas masculinas neste estudo, quando busca analisar o valor da mulher na sociedade, a forma violenta e abusiva de defini-la traduz a herança de uma cultura, que sofreu em seu interior enormes influências religiosas, internalizado pelo tradicionalismo machista.

A violência contra mulher está, primeiramente, na manutenção de relações históricas de subjugação, que acabam por produzir nos homens sentimentos de poderes sobre as mulheres. Conseqüentemente, a violência é um problema maior do que se possa imaginar, quase sempre inerente aos poderes dos homens que, muitas vezes, para afirmá-los, fazem uso da violência contra suas companheiras, seja física e/ ou psicológicas. Tais violências são justificadas por diversas dimensões, como no poder de macho, de provedor do lar, de mantenedor da honra e mesmo como uma atividade física ou para alívio mental (SILVA, 2010, p. 22).

A violência contra a mulher é uma atitude completamente cruel, um exercício do machismo capaz de reprimir, sabendo que tais atos são constrangedores e desumanos na vida das mulheres que buscavam seus sustentos para sobreviver, essa atitude era feita com a certeza de tal impunidade, pois existia esse “poder do homem”, que tentava cercar o livre-arbítrio das mulheres extrativistas.

A informação errada da religião era cúmplice de toda essa tortura, psicológica e física, alimentando uma ideologia de submissão do homem para com a mulher. Esses argumentos são neste, elencados pelas falas de um dos entrevistados nesse estudo, onde o papel do padre (homem) era pregar o papel da esposa, da mãe ou da filha como responsável pela manutenção do caráter do homem ou do seu papel na família.

A mulher casada, que alega em seu relato a importância de “ter intimidade” com seu marido, mesmo cansada, porque era sua “obrigação de esposa”, ela sofreu violência sexual, visto que não lhe era permitido optar por “sim ou não”, é como se seu corpo não lhe pertencesse, suas vontades não eram tidas como importante. E nesses casos, ocorriam também os abortos, a gravidez que não tinha nenhuma programação e nem espaço na vida dessa mulher, que se desdobrava entre tantos deveres, afazeres e violência, agora comete mais uma sobre seu próprio corpo, que é o de coibir tal gravidez, uma dor causada pela falta de possibilidade de se prevenir, por mais que fosse com suas maneiras e saberes, estes também, tinham enfrentamento.

Se hoje, buscar ajuda é para muitas mulheres sinônimo de constrangimento, imagina para quem conviveu com esse fantasma há 30,40 ou 50 anos, onde não existia nenhum amparo para proteger tais senhoras, o parceiro violento, era aquele que sempre tinha razão de tudo, mesmo que ela não dependesse financeiramente desse marido. E a mulher no mato era ainda mais vulnerável a cultura do machismo cruel.

3.4 Vivências e encontros em meios às seringueiras

Nós que vivia, o dia inteiro no meio do cheiro forte do salambi molhado, podia até não recender bem. Mas, nos era muças bonita. Tanto é que eu conheci esse meu marido, foi cortando seringa. Ele era bem-apanhado e eu também (Benedita Prazeres dos Santos, 77 anos- Moradora da localidade de Itanduba .16-07-2017).

Muitas foram as dificuldades que as mulheres seringueiras de Itanduba vivenciaram para que hoje pudessem, através das suas memórias, nos presentear com seus exemplos de superação e persistência. Uma vez, que as conquistas das mulheres nunca foram fáceis em nenhum momento da história, principalmente quando se discute a questão de gênero no Brasil. Conforme afirma Pinto:

Da vida dessas mulheres, suas histórias, lutas, experiências e saberes só emergem através do processo de esquadrinha mento e da reconstituição de uma memória quase que surda, bastante fragmentada, já quase esfacelada pelo tempo. Mas que teima em insurgir da surdez do passado para o presente no exercício das lembranças e relembanças, e das histórias de vida de seus descendentes (PINTO, 2014, p. 28).

E nessa insurgência de memórias, histórias de vida, experiências cotidianas, resistências e lutas em busca da sobrevivência, que também surgem lembranças das suas dores, angústias, sofrimentos, alegrias e amores, ou seja, da sua vida privada. Na ilha de Itanduba, por exemplo, Benedita Prazeres dos Santos, uma mulher seringueira, faz questão de trazer para o presente, e praticamente íntima está pesquisadora a lhe ajudar partilhar, não só as dificuldades enfrentadas nas estradas de seringa para colher o látex, mas também suas paixões, a história do seu amor, do seu bem querer. Conta que já se entendeu com a machadinha na mão, ora cortando ou ferindo a seringueira, ora cortando a “munheca do cacho de açai”, e assim foi aprendendo a respeitar seu pai e a sua mãe, se tornou seguidora dos seus conselhos e ensinamentos.

E entre uma empreita e outra cortando seringa em companhia de uma “parente”, em uma grande propriedade de terra, conheceu um rapaz que lhe chamou atenção. Mas sua mãe se mostrou logo desconfiada por ter tanta seringueira perto “desse muço”:

Pra mim, falar de vez em quando com ele, gente começava a cortar as arvores que era de linha de lado. No decorrer da linha uma hora a gente prozava um bucadinho. Minha mãe, desconfiada e com muito medo do meu pai, logo se espertou, pra aquele negócio. Me puxu, cabelo do tutiço, me proibindo de corta seringa perto desse muço. (Benedita dos Santos – 16/07/2017)

Benedita dos Santos narra que o pior aconteceu quando chegaram em casa, a mãe se sentiu no dever de participar o fato para o marido. Este surrou a filha com um galho de cueira (árvore que tem seus frutos grandes e redondo, muito usado pelos ribeirinhos para fazer cuias e para depósito de água, também é conhecida como árvore-de-cuia ou *Crescentia Cujéte*), e ainda acusou a mãe de cúmplice, e depois proibiu que a filha permanecesse nessa “empreita”. Mas, devido ser muito grande a área de mato, onde tinha as estradas de seringa e sua mãe não der conta de terminar seus pleitos no seringal sozinha, no dia seguinte convenceu o marido para permitir a ida da filha para lhe acompanhar, sob a promessa de não permitir mais o contato da filha com o dito rapaz.

O fato de ter comunicado ao marido pode ser entendido como uma forma total de obediência, de buscar a confiança e até mesmo cativá-lo, tentando eximir-se de qualquer responsabilidade caso algo viesse acontecer com a “moral” da filha, que poderia manchar a honra da família, principalmente do pai. Pois, a mesma estava representada pelo caráter da filha, jamais era permitido que uma moça se comportasse como uma “amante da própria sorte”. O meio em que viviam, era completamente arredo, temia que uma menina moça trouxesse filhos para o pai criar. Já que esse fato ocorresse, dificilmente encontraria um bom casamento.

E dessa forma, elas se tornam mulheres independentes, assumem as rédeas de suas vidas. Mas, antes enfrentavam todo um processo de rejeição e angústia, que começava na própria família. Na época era necessário muito cuidado para se manter uma filha dentro dos padrões estabelecidos por uma sociedade pensada pelo homem e para o homem. Benedita Santos conta que sua mãe conseguiu a liberação do marido para que a filha pudesse acompanhá-la durante os trabalhos de extração do látex, contudo, ela não conseguiu a liberação de sua mãe para se encontrar com o jovem pretendente. Trabalhava sempre lado a lado, sem permitir grandes distâncias entre mãe e filha. Mas, Benedita dos Santos, alega que

era “tinhosa” e que diante de tanta dificuldade para se comunicar, encontraram meios, entre seus aparatos de trabalho.

Quando eu via, bulinha de barro, caia na minha ilharga. Numa das horas me atentei, [entre risos], pois era o Zé. Ele me acenava e ia embora, se escondia da mamãe. Daí o trabalho ia indo pro centro do mato, o povo ia se conversando e eu dava um jeito de enrolar mais um bucadinho por ali. Só, pra eu falar com ele, sem minha mãe perceber, de longe (Benedita dos Santos, 16-07-2017).

A entrevistada conta que uma das grandes desvantagens que enfrentava era por não saber ler e escrever, pois fazia parte das exigências de seu pai, “*não ir para escola, para não aprender escrever carta pra macho*”. Afirma que achava tão bonito quando ia na taberna com sua mãe e o taberneiro anotava seus pedidos ou sua compra: “*achava tão lindo...a letra parecia que pulava da lapiseira do homem*”.

É importante mencionar que nesse período os homens tinham a liberdade para ir à escola, enquanto para as mulheres o saber ler e escrever eram negados. No transcorrer da pesquisa coletei relatos de mulheres que afirmavam que os pais da determinada localidade, se reunia para mandar fazer o casco grande com vela e remo, para os filhos irem estudar na escola, que as vezes era em outra ilha. Enquanto que para filhas não havia quaisquer incentivos, sob a alegação de que ia muito homem no transporte. A entrevistada Lindalva Caldas Soares reitera afirmando, que “*não ia mulher no casco, porque eles não deixavam*”. Por isso que grande parte dos homens tinha domínio da leitura e da escrita.

Benedita dos Santos, prosseguindo na narração da história do seu bem querer, conta que um dia recebeu uma carta do seu amado, mas infelizmente não sabia o que estava escrito. E diz que teve vergonha de mandar alguém “*entender o que dizia*”, e sem saber o conteúdo da carta, rasgou. O tempo passou, se aproximou uma festa, da localidade, Benedita afirma que trabalhou a semana inteira direitinho para conseguir a liberação do seu pai para ir nessa festa. Mas, o pai não deixou, então apelou para sua mãe, que também não permitiu:

Meu pai era muito brabo. Minha mãe, quando ele falava não pra ela, nem adiantava insistir. Eu acho que ele fez de caso pensado, chegou quase de buquinha da noite, e me mandou amassar açai. Terminei rápido, corri pra cachinguba, pra tirar o leite e limpar a mão. Quando, na hora ele disse que não-não-mermo. Fiquei, e mandei dizer por uma parente minha que não tive licença de ir. Essa desgraçada, levantou alêve de mim. Fui dizer que tava de bucho, por isso não fui, tinha apanhado muito (Informante Benedita dos Santos, 16-07-2017).

A partir deste episódio, Benedita dos Santos conta que no outro dia quando chegaram no mato para cortar seringa, não recebeu mais a atenção do seu Zé. Tempos depois, descobriu que a pessoa que fez intriga, havia se interessado por ele e se casou com o mesmo. Diante da

situação que vivia a entrevistada afirma que nunca pode fazer nada para convencê-lo do contrário. Mas, conforme os meses foram passando, ia ficando evidente a mentira, pois não existia gravidez alguma de Benedita dos Santos, contudo a impostora passou a convencer o Zé de que tinha ocorrido um aborto, e que este então seria motivo ausência do dito filho.

Se autodenominando como mulher de coragem e persistência, a entrevista relata que se casou com outra pessoa, mas jamais esqueceu o Zé, seu bem querer que conheceu em meios as seringueiras da ilha de Itanduba. Mesmo morando em localidades próximas, nunca mais fomentou amizade com a mulher que tirou o seu amor, a qual chama de “parente”.

Após se casar, assumiu a sua vida, teve seus filhos e algum tempo depois se separou, sob a alegação de não permitir que seu companheiro lhe tratasse como o seu pai a tratava. Mãe de 04 filhos criou estes sempre com o trabalho realizado entre as seringueiras. Devido a escassez do leite da seringa, foi arrumando outras estratégias para poder sobreviver com os filhos. Contudo, afirma que durante muito tempo não suportava olhar para a mulher, a intrusa, que tinha destruído sua história. Nunca aceitou ter sido vítima de tal covardia, porém, percebia quando as encontrava o Zé na taberna, na igreja durante as missas ou quermesse, sempre lhe lançava um olhar “descontraído”. Até que um dia por sorte do destino, ela se aproximou novamente do seu bem querer, pois, vivendo em outra fase de sua vida, resolveu conversar com o mesmo por algum momento, decidiu não se importar com o passado e pegar o seu homem de volta:

Meus filhos já tava tudo criado, eu não gostava da mulher dele. Descobri que ele não vivia bem com ela depois de 25 anos, eu tomei ele dela. Na verdade, quem me tomou ele, foi ela, eu só peguei travez. Vivo com ele até hoje, não tenho pai e nem mãe, quem me serve de companhia é ele (Informante Benedita dos Santos, 16-07-2017).

A partir das falas da entrevistada, se observa que uma história de amor que começou em meios as adversidades dos seringais e a concepção puritana da sociedade, onde o simples fato da mulher ir à escola era entendido como uma afronta a moral e a ordem familiar. Ao persistir em viver essa história, mesmo após muitos anos, só reforça a resistência e a determinação da mulher extrativista, entre as diferencia de caráter e respeito, entre o viver por amor ou por egoísmo. Benedita dos Santos fez questão que a sua história de amor fosse contada neste trabalho, com a proposta de que a pesquisadora deixasse claro neste estudo, que a mulher seringueiras também era cortejada, amava e era amada. Na concepção desta e de outras entrevistadas, as mulheres seringueiras viviam de forma simples, não desproviavam de luxos, mas, eram e são lindas, não usavam os melhores perfumes mais tinham seus

atributos para chamar atenção do homem, pelo qual se sentiam atraídas. Sabiam seduzir e ser seduzidas, por mais que fosse com um pequeno pedaço de barro, ou com uma fala rápida entre uma seringueira e outra, ou ainda um olhar que o tempo não foi capaz de calar, a memória é a validade da história de amor de Benedita Prazeres dos Santos, hoje com 77 anos, esposa de seu José de Freitas, com 78 anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo, buscou analisar a história e memória das mulheres seringueiras, ribeirinhas que durante muitos anos tiveram suas vidas entrelaçadas nos saberes culturais sociais e religioso do trabalho no mato. O que se aspirou sempre nessa caminhada era achar como se configurou a participação de mulheres extrativista no contexto histórico e cultural durante a extração da Borracha na ilha de Itanduba, tendo sempre como base de análise, os relatos dessas mulheres que nortearam a procura por obras que embasaram as informações aqui colhidas.

Desses autores, como Thompson (1992), por exemplo, me possibilitam condições teóricas, para que soubesse lidar com as informações do momento histórico relatados por essas mulheres, quando pude entender que seus convívios com tantos saberes, foram primordiais para suas formações através das experiências vividas diariamente na localidade de Itanduba, fazendo dessas mulheres hoje, um elo fundamental no processo de entender tal atividade dentro desse processo histórico.

Ao ir a campo, no processo de construção desse trabalho, a cada encontro, novos desafios, se materializavam diante de meus olhos e ouvidos, desde as diferentes formas em que era recebida por cada mulher, entre suas falas ou seus silêncios ao se posicionarem, ao narrar suas histórias, na atitude de se ver mulher pertencente a um meio social. O que me fascinava a cada vez mais em entender a história oral, também como um processo de rememorar suas identidades, ao visitar detalhes de sua memória.

Diversas obras foram essenciais na busca por entender o papel da mulher ribeirinha, cortadeira de seringa como uma agente construtora de sua vida, entre outras, destaco Wolff (2001). Um dos primeiros estudos sobre mulheres extrativistas, articulando gênero e sustentabilidade. Simonian (2010), que escreveu “mulheres da floresta Amazônica entre o trabalho e a cultura”. Pinto (2010), onde trata das práticas e saberes de mulheres quilombola na Amazônia Tocantina.

Para com as mulheres seringueiras da localidade de Itanduba, o primeiro desafio era conseguir a confiança das mulheres e da comunidade em geral, em aceitar a falar de algo até então adormecido no passado. Isto é, como fazer alguém que não me conhece, debruçar-se em relatar atos, nunca mencionados nem a amigos ou familiares. Cativar alguém com personalidade tão forte, mulheres sempre com respostas pronta, sem medo de quebrar qualquer protocolo, mas ao mesmo tempo arredias, desconfiadas e questionadoras.

No ancorar do meu casco em cada porto, eis que surgia uma nova conquista, uma nova história, uma nova personagem, outro relato, outra experiência construída entre as árvores leiteiras. Diante de tantas informações e formações, principalmente humana, como ser porta-voz dessas mulheres que nunca ninguém chamou a falar, a contar suas angústias, suas conquistas, suas alegrias, suas festas, suas crenças, suas estratégias de sobrevivência, tudo sempre muito cativante e silenciado.

No rememorar de cada mulher, então pude perceber sua importância na pesquisa, pois, mesmo contra toda uma sociedade que ocultava e seus direitos, elas buscavam na batalha diária resistir seus desafios e conquistar sua autonomia de ser mulher, mãe e responsável por seus atos. Contudo, sua participação acontecia de diversas maneiras, sendo de forma econômica, onde o resultado de seu trabalho era um dos fatores responsáveis pelo orçamento familiar, pois o processo da seringa, mesmo após o auge da compra e venda da borracha aqui na região da Amazônia Tocantina, está continuou por muitos anos sendo a base orçamentária do povo que morava nessa ilha.

Estes que estavam sempre entrelaçados com suas raízes e vivências, herdados de seus familiares, que durante toda sua vida, articulou-se com o que podia se tirar do mato e dos rios, contudo, além de gerar oportunidade de trabalho para elas, também injetava no município renda e imposto, só com a produção a base da machadinha, fundamental na história econômica da nossa região, que ficou conhecida como a “era da machadinha”. Pois, era dessa forma que acontecia a coleta do sarnambi das inúmeras árvores de seringueiras.

Ao contar sua participação, nesse momento histórico que vivenciou nossa região, elas fazem questão de elencar seus saberes como reconhecimento de sua cultura, seu estilo de vida, até mesmo a forma que elas encontravam de vencer os desafios no meio do mato. Todas as senhoras que fazem parte desta pesquisa, vieram de famílias bastante humildes, algumas oriundas de outras localidades, trazendo nessa bagagem a identidades como, a indígena e a identidade negra, sempre donas de uma sabedoria que permeia sobre suas relações com a natureza de forma incomparável, sendo esses conhecimentos primordiais no ato de desenvolver do seu papel enquanto mulher seringueira.

O ir para o mato, mesmo quando ainda menina, era uma atividade normal em suas vidas, pois elas iam para o mato cortar seringa, não como um passatempo ou um esporte, mas sim como possibilidade de se ter uma renda. Pois, ao se permiti um pouco de diversão no caso, ir à festividade do padroeiro da Localidade, tinha toda uma programação financeira que demandava tempo, para que não viesse a fazer falta no seu orçamento.

O olhar para dentro de casa, era o que movia essas mulheres, cada uma construiu sua história da forma que a vida ia lhe estabelecendo, como solteiras, estas lutavam sozinha para criar seus filhos, muitas vezes tinham mãe, pai ou irmãos que também dependiam do seu esforço no mato. Mulheres que por necessidades, ou situação social local, viam na prática herdada de cortar e coletar a seringa meios de sobrevivência.

Outras, que por imposição do período até se “arriscava”, como elas mesmo os definem, ter um homem dentro de casa, ocupando o lugar de marido. Mas esta mesma mulher, não se via e nem se ver, como dependente de tal homem, mas sim de uma obrigação social da época. Por mais que, se questionasse, o homem como alguém capaz de “moralizar uma mulher”, elas sempre souberam e desempenharam muito bem seu papel na construção de suas histórias e com muito valor. As mulheres casadas aqui mencionadas, também cortavam a seringa, representando hábitos e costumes desde sua vida de solteira, antes na obrigação de ajudar os pais, agora na obrigação de ajudar o marido no sustento de sua nova família.

Entre, tantas participações e construções de personalidades de mulheres diversas, um dos achados dessa pesquisa, foi as mulheres que se auto identificaram no tecer desse trabalho, como “amante da própria sorte”. Sorte está de ser feliz sem se preocupar com o que pensam sobre sua forma de viver a vida, ou ainda, amante de uma felicidade sem compromisso com ideologias ou valores alheios. Estas mulheres conseguiram, mesmo diante e perante uma coletividade com culturas patriarcalistas, revista em uma redoma de preconceito, de comportamentos e pensamentos machistas, escrever sua história extrativista de maneira diferente, com amores e achegos que a vida lhe presenteava. Não viam a importância de ter um homem na casa como algo fundamental na definição de se ser mulher, o que se buscava era liberdade de escolha de vida, de prazer, de ser feliz sem buscar nas opiniões ausentes motivo da sua liberdade.

A pesquisa analisou através do ato de ouvir as histórias dessas mulheres, suas memórias como algo, que marcou sua vida em diversas maneiras, dentro dessa análise nem sempre a fala foi usada como instrumento de informação, pois as lembranças também se manifestaram em silêncio. Cada mulher, por mais que rememore uma parte da história vivida por outras também, cada uma teve experiências diferentes e são essas vivências que as fazem grandes e protagonistas de suas vidas. Pois, o que chama bastante atenção era o valor dado por elas, a cada processo do corte da seringa, tudo muito de acordo com os saberes que lhes foram passados, verdadeiros rituais que iniciava com o começo da atividade da extração da

seringa, isto é, com mês e dia definido em calendário, até a busca por matérias ou instrumento e tudo mais necessários para cortar a seringa.

A memória construída através de suas histórias permitiu que elas, ao se ouvirem contar o que viveu no meio do mato, é perceptível uma autovalorização, uma importância que ainda não tinham se presenteado, durante toda uma trajetória vivida. Ao contar seu passado, no pausar de sua voz, é como se enxergasse em retratos, suas experiências não registradas. A forma que elas encontraram para vencer os desafios, até mesmo por ser mulher extrativista, desempenhando um trabalho até então dito, masculino. Ao notar da importância que tinha em seu cotidiano, o respeito com as divindades, os espíritos que faziam parte de todo um processo de existência humana na natureza, sempre muito prestigiadas por elas como símbolo de conquistas advindo do seu labor.

E no rememorar de uma mulher seringueira, eis que a dor da violência, do abuso, da magoa se faz presente nessa pesquisa. Como aliada uma raiz, um som..., é a resistência da mulher extrativista, seringueira e ribeirinha, eis aqui o ecoar do silêncio que elas nunca falaram a ninguém, um momento bastante tenso, desafiador eu me atrevo a chamar de inesperado, na construção dessa pesquisa. Não que a violência contra as mulheres seja algo novo, pois esse crime faz parte de uma das mais cruéis formas de machismo e covardia, infelizmente, histórica. Mas sim, pelo fato de mulheres que convivem muitos anos, uma vida inteira sem falar sua dor, sem contar sua angústia, seus medos e porque não, suas fragilidades, sentiram a confiança a de nos confidenciar tal agonia.

Essa, que também fez dessa mulher ainda mais forte, e muito mais importante nesse estudo, pois com o sua força e resistência nos faz entender um contexto histórico social e cultural com valores baseados em pensamentos de submissão e desprezo. Pois é observável na fala de alguns homens que fizeram parte desse processo, do corte das seringas e também dessa pesquisa, a imposição do machismo como uma herança história, baseada em crenças religiosas e também numa cultura embasada no viés patriarcalista. Dessa forma, a participação de tais mulheres no corte da seringa, nessa localidade, foi sempre baseada na luta feminina como forma de sobreviver as diferenças socialmente internalizadas historicamente.

Contra toda a forma de intimidação, elas trabalhavam, negociavam, vendiam, compravam, amavam, brigavam, buscavam na soberania do universo cosmológico meios de ataques e defesas, mas elas estavam lá e para nos ensinar a vencer, nos contar como resistiram elas também estão lá.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, R. **Amazônia, Pará e o mundo das águas do Baixo Tocantins**. Rev. Estudos avançados 24 (68), 2010.

ALMEIDA, Maria R. **Imagens Negras, Espelhos Brancos: Um estudo das mulheres negras ao final do século XIX em Belém do Pará**. In: ALVARES, Maria Luiza Miranda. D'INCAO, Maria Angela. (ORG). **A Mulher existe? Uma contribuição ao Estudo da Mulher e Gênero na Amazônia** /. __Belém: GEPEN,1995

ALMEIDA, Aldenira F. de. **O trabalho feminino em seringais do Acre (1960 -1980)** / Aldenira Ferreira de Almeida. 2016.

BEZERRA NETO, J. M. “ **O Asylo Lyndo e Protetor**”: **Práticas e Representações Sociais sobre a educação feminina- Belém (1870- 1888)**. In: ALVARES, Maria Luiza Miranda.

D'INCAO, Maria Angela. (ORG). **A Mulher existe? Uma contribuição ao Estudo da Mulher e Gênero na Amazônia** /. __Belém: GEPEN,1995

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

BONDÍA, Jorge Barrosa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. In: Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, nº 19, Jan/fev. /Mar/abril, 2002, (p.20-28). Disponível em <http://www.br/pdf/rbedu/n19/> [data de acesso 05/09/2016]

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins, fontes, 1999.

CARROZZA, Guilherme; DOMINGUES, Andreia S. **Tempos históricos**. Volume 17. 2º semestre de 2013. P 141- 161. (Versão eletrônica). Endereço: e-revista.unioeste.br/index.Php/ tempohistoricos/article/view/9883/720/.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. V.1, 1999.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Rio de janeiro: editora. 34, 1999.

DRUMONT, M.P. **Elementos para uma análise do machismo**. Perspectiva, São Paulo, 3: 81-85, 1980.

GONÇALVEIS, T.N. **Escutando a voz das Mulheres**. In: STREY, Marlene Neves. MATTOS, Flora. FRENTERSEIFER, Gilda. WERBA, Graziela. (ORG). **Construções e perspectivas em gênero**. __São Leopoldo: UNISINOS, 2000

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GUIA DO ESTUDANTE - Ciclo da Borracha: **Paris tropical**, texto de Luciana Zenti. Novembro,2006. Disponível em <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/cicloborracha-paris-tropical-434959.shtml> [data de acesso 20/09/2006.

H ASHIGUTI, Simone. **Corpo de memória/** Simone Teime Hashiguti. - Campinas, SP [s.n.] 2008.

LE GOFF, Jacques, 1924. **História e memória**; tradução Bernardo Leitão... [et al.] -- Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LAGE, M. L. **Mulher e seringal: um olhar sobre as mulheres nos seringais do Amazonas (1880-1920)**. Monica Maria Lopes. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.

LAGE, Mônica M. L & MORGA, Antônio. E. **Mulheres nos seringais do Amazonas: Sociabilidade e Cotidiano**. Revista Latino Americana de Geografia e Gênero. Ponta Grossa. V,6. N, 1. P, 91- 104. Jan/ Jul. 2015 / <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article>.

LUDKE, M e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagem Qualitativa**. São Paulo: EPU, 1986.

MARX, Karl. **O capitalismo: Crítica da economia política**: Livro / São Paulo: Nova cultura, 1999. 2 vols.

MORAES, Rinaldo Ribeiro. **A navegação regional como mecanismo de transformação da economia da borracha**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.
SILVA, Graça [et all]. Cartografias e métodos: outros traçados. In: MARCONDES, Maria Inês; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno; TEIXEIRA, Elizabeth. **Abordagens teóricas e construções metodológicas para a pesquisa em educação**. Belém: EDUEPA, 2011. (P. 59-78)

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: Operários, mulheres e prisioneiros**; Tradução Denise Bottman _ Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. Impresso no Brasil em 2010. (Oficinas da história).

PERROT, Michelle. **Minhas histórias de mulheres**/ Michelle Perrot: [tradução Angela M.S. Corrêa]. 2. ed. 2ª reimpressão. _ São Paulo: Contexto, 2015

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho: Algumas reflexões sobre a ética na história oral**. Projeto história. São Paulo, 1997. Disponível em: [https:// revista.pucsp.br/index.php/article](https://revista.pucsp.br/index.php/article).

PICOLI, Fiorelo. **O capital e a devastação da Amazônia**/ Fiorelo Picoli—1. ed.—São Paulo: Expressão Popular, 2006

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Filhas das matas: Práticas e Saberes de Mulheres Quilombola no Amazonas Tocantina** / Benedita Celeste de Moraes Pinto. _ Belém: Açáí, 2010

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Nas veredas das sobrevivências: memórias, gênero e Símbolos de poder feminino em povoado Amazônico**/ Benedita Celeste de Moraes Pinto. _ Belém: Paka- Tatu, 2014

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n, 3, 1999, p 3-15. Disponível em: / www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/ -Memória-esquecimento- Silêncio. Pdf- acesso em: 05- 04- 2017.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade Social**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n. 10, 1992, p. 200- 212. Disponível em:/ www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/ -Memória-esquecimento- Silencio. Pdf- acesso em: 05-04-2017

RIBEIRO, H.P. **Meio a violência do trabalho no capitalismo: Dimensões e complexidades**. Projeto-História, São Paul (23), nov, 2001. (Versão eletrônica).Revista.pucsp.br/revph/article.

SIMONIAN, Ligia T. L. **Mulheres Seringueira na Amazônia: Uma vida de trabalho Silenciado**. In: ALVARES, Maria Luiza Miranda. D'INCAO, Maria Angela. (ORG). **A Mulher existe? Uma contribuição ao Estudo da Mulher e Gênero na Amazônia /** __Belém: GEPEM,1995

SIMONIAN, Ligia T. L. **Mulheres da Amazônia brasileira: entre o trabalho e a cultura/** Ligia T. L. Simonian. _ Belém: UFPA/ NAEA, 2001

SILVIA, Claudia. M. O. G. **Violência contra as mulheres: A lei Maria da penha e suas implicações Jurídicas e sociais**. MS: UFGD, 2010. 182f

SOIHT, Raquel. **O corpo feminino como lugar de violência**. In projeto história & cultura. Revista do programa de estudo pós-graduação em história e do departamento de história da puc, SP. Educ- Nº 25. Pág. – 269 a 479.

THOMPSON, Paul, 1935- **A Voz do passado: história Oral /** Paul Thompson; Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1992

VEIGA-NETO, A. **Cultura, culturas e educação**. Revista Brasileira de Educação, n. 23, 2003. Disponível em: www.sicelo.br/pdf.

WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850- 1920**. São Paulo, Hecitec / Edusp. 1993

WOLFF, Cristina Sheibe. **A construção da sustentabilidade nos seringais em crise: uma questão de gênero. Alto Juruá, Acre/Brasil:1912**. Proj. História, São Paulo, 23, novembro, 2001

ANEXOS

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/UFPA-CAMETA
CENTRO DE PESQUISA DO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS

TERMO INDIVIDUAL DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAR
COMO ENTREVISTADO DE PESQUISA

Título da pesquisa: MULHERES DA MATA: A PRESENÇA DA MULHER EXTRATIVISTA NO CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DO CICLO DA BORRACHA NO INTERIOR DA AMAZONIA TOCANTINA

Pesquisador (a): MEURYGREECE CALDAS FARIAS

Orientador (a): Prof.^a. Dr.^a. Benedita Celeste de Moraes Pinto

Você está sendo convidado (a) para participar como entrevistado (a) da pesquisa MULHERES DA MATA: A PRESENÇA DA MULHER EXTRATIVISTA NO CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DO CICLO DA BORRACHA NO INTERIOR DA AMAZONIA TOCANTINA. É importante que você entenda o significado deste trabalho para decidir se você deseja ou não participar. A referida pesquisa tem como objetivo investigar como se configurou a participação da mulher ribeirinha na atividade do corte da seringa durante a economia da borracha no interior da região da Amazônia Tocantina, no município de Cametá-Pará, visando reconstituir as memórias das mulheres seringueiras que atuavam na prática do corte, coleta e comercialização da seringa nesta ilha. Você foi informado/leu, teve suas dúvidas esclarecidas. Se você aceitou este convite: concorda/autoriza divulgar sua entrevista ou trechos da mesma em todas as etapas da pesquisa, inclusive no produto final da mesma? Da mesma forma, permite a divulgação de sua imagem (fotografia) e de seus familiares no trabalho? Caso positivo, por favor, assine abaixo. Caso você esteja, por algum motivo, impossibilitado de assinar este acordo e/ou autorização, mas deseja participar, duas testemunhas firmarão (assinarão) a rogo (a seu pedido e/ou consentimento).

Data: 06/12/14 Local: Itanduba - Presidente da comunidade.
Assinatura: Maria do Socorro Gomes Melo

Assinatura de Testemunhas a rogo:

Testemunha 1: _____

Testemunha 2: _____

Motivos de não assinatura:

- () Problemas provisório de visão.
- () Cegueira definitiva.
- () Não tateia no mundo da leitura e da escrita.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/UFPA-CAMETA
CENTRO DE PESQUISA DO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS

TERMO INDIVIDUAL DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO
COMO ENTREVISTADO DE PESQUISA

Título da pesquisa: MULHERES DA MATA: A PRESENÇA DA MULHER EXTRATIVISTA NO CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DO CICLO DA BORRACHA NO INTERIOR DA AMAZONIA TOCANTINA

Pesquisador (a): MEURYGREECE CALDAS FARIAS

Orientador (a): Prof.^a. Dr.^a. Benedita Celeste de Moraes Pinto

Você está sendo convidado (a) para participar como entrevistado (a) da pesquisa MULHERES DA MATA: A PRESENÇA DA MULHER EXTRATIVISTA NO CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DO CICLO DA BORRACHA NO INTERIOR DA AMAZONIA TOCANTINA. É importante que você entenda o significado deste trabalho para decidir se você deseja ou não participar. A referida pesquisa tem como objetivo investigar como se configurou a participação da mulher ribeirinha na atividade do corte da seringa durante a economia da borracha no interior da região da Amazônia Tocantina, no município de Cametá-Pará, visando reconstituir as memórias das mulheres seringueiras que atuavam na prática do corte, coleta e comercialização da seringa nesta ilha. Você foi informado/leu, teve suas dúvidas esclarecidas. Se você aceitou este convite: concorda/autoriza divulgar sua entrevista ou trechos da mesma em todas as etapas da pesquisa, inclusive no produto final da mesma? Da mesma forma, permite a divulgação de sua imagem (fotografia) e de seus familiares no trabalho? Caso positivo, por favor, assine abaixo. Caso você esteja, por algum motivo, impossibilitado de assinar este acordo e/ou autorização, mas deseja participar, duas testemunhas firmarão (assinarão) a rogo (a seu pedido e/ou consentimento).

Data: 06/12/17 local: Escola M.E.F. Joaquim Basto.
Assinatura: Valdeci de Lima Maciel.

Assinatura de Testemunhas a rogo:

Testemunha 1: _____

Testemunha 2: _____

Motivos de não assinatura:

- () Problemas provisório de visão.
() Cegueira definitiva.
() Não tateia no mundo da leitura e da escrita.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/UFGA-CAMETA
CENTRO DE PESQUISA DO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS

TERMO INDIVIDUAL DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAR
COMO ENTREVISTADO DE PESQUISA

Título da pesquisa: MULHERES DA MATA: A PRESENÇA DA MULHER EXTRATIVISTA NO CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DO CICLO DA BORRACHA NO INTERIOR DA AMAZONIA TOCANTINA

Pesquisador(a): MEURYGREECE CALDAS FARIAS

Orientador(a): Prof^ª. Dr^ª. Benedita Celeste de Moraes Pinto

Você está sendo convidado(a) para participar como entrevistado(a) da pesquisa MULHERES DA MATA: A PRESENÇA DA MULHER EXTRATIVISTA NO CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DO CICLO DA BORRACHA NO INTERIOR DA AMAZONIA TOCANTINA. É importante que você entenda o significado deste trabalho para decidir se você deseja ou não participar. A referida pesquisa tem como objetivo investigar como se configurou a participação da mulher ribeirinha na atividade do corte da seringa durante a economia da borracha na ilha de Itanduba, interior da região da Amazônia Tocantina, no município de Cametá-Pará, visando reconstituir as memórias das mulheres seringueiras que atuavam na prática do corte, coleta e comercialização da seringa nesta ilha. Você foi informado/leu, teve suas dúvidas esclarecidas. Se você aceitou este convite: concorda/autoriza divulgar sua entrevista ou trechos da mesma em todas as etapas da pesquisa, inclusive no produto final da mesma? Da mesma forma, permite a divulgação de sua imagem (fotografia) e de seus familiares no trabalho? Caso positivo, por favor, assine abaixo. Caso você esteja, por algum motivo, impossibilitado de assinar este acordo e/ou autorização, mas deseja participar, duas testemunhas firmarão (assinarão) a rogo (a seu pedido e/ou consentimento).

Data: 05/07/17 Local: Itanduba
Assinatura: _____

Assinatura de Testemunhas a rogo:

Testemunha 1: JOANA dos SANTOS

Testemunha 2: Adelino da Mata

Motivos de não assinatura:

- () Problemas provisório de visão.
() Cegueira definitiva.
 Não tateia no mundo da leitura e da escrita.

Cametá 05 de julho de 2017



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/UFPA-CAMETA
CENTRO DE PESQUISA DO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS

TERMO INDIVIDUAL DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAR
COMO ENTREVISTADO DE PESQUISA

Título da pesquisa: MULHERES DA MATA: A PRESENÇA DA MULHER EXTRATIVISTA NO CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DO CICLO DA BORRACHA NO INTERIOR DA AMAZONIA TOCANTINA

Pesquisador(a): MEURYGREECE CALDAS FARIAS

Orientador(a): Prof^ª. Dr^ª. Benedita Celeste de Moraes Pinto

Você está sendo convidado(a) para participar como entrevistado(a) da pesquisa MULHERES DA MATA: A PRESENÇA DA MULHER EXTRATIVISTA NO CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DO CICLO DA BORRACHA NO INTERIOR DA AMAZONIA TOCANTINA. É importante que você entenda o significado deste trabalho para decidir se você deseja ou não participar. A referida pesquisa tem como objetivo investigar como se configurou a participação da mulher ribeirinha na atividade do corte da seringa durante a economia da borracha na ilha de Itanduba, interior da região da Amazônia Tocantina, no município de Cametá-Pará, visando reconstituir as memórias das mulheres seringueiras que atuavam na prática do corte, coleta e comercialização da seringa nesta ilha. Você foi informado/leu, teve suas dúvidas esclarecidas. Se você aceitou este convite: concorda/autoriza divulgar sua entrevista ou trechos da mesma em todas as etapas da pesquisa, inclusive no produto final da mesma? Da mesma forma, permite a divulgação de sua imagem (fotografia) e de seus familiares no trabalho? Caso positivo, por favor, assinie abaixo. Caso você esteja, por algum motivo, impossibilitado de assinar este acordo e/ou autorização, mas deseja participar, duas testemunhas firmarão (assinarão) a rogo (a seu pedido e/ ou consentimento).

Data: 06/07/17 Local: _____,

Assinatura: _____

Assinatura de Testemunhas a rogo:

Testemunha 1: Edvaldo Freitas Nunes

Testemunha 2: Josias F. Nunes

Motivos de não assinatura:

- Problemas provisório de visão.
 Cegueira definitiva.
 Não tateia no mundo da leitura e da escrita.

Cametá, 06 de julho de 2017

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/UFPA-CAMETA
CENTRO DE PESQUISA DO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS

TERMO INDIVIDUAL DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAR
COMO ENTREVISTADO DE PESQUISA

Título da pesquisa: MULHERES DA MATA: A PRESENÇA DA MULHER EXTRATIVISTA NO CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DO CICLO DA BORRACHA NO INTERIOR DA AMAZONIA TOCANTINA

Pesquisador (a): MEURYGREECE CALDAS FARIAS

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Benedita Celeste de Moraes Pinto

Você está sendo convidado (a) para participar como entrevistado (a) da pesquisa MULHERES DA MATA: A PRESENÇA DA MULHER EXTRATIVISTA NO CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DO CICLO DA BORRACHA NO INTERIOR DA AMAZONIA TOCANTINA. É importante que você entenda o significado deste trabalho para decidir se você deseja ou não participar. A referida pesquisa tem como objetivo investigar como se configurou a participação da mulher ribeirinha na atividade do corte da seringa durante a economia da borracha no interior da região da Amazônia Tocantina, no município de Cametá-Pará, visando reconstituir as memórias das mulheres seringueiras que atuavam na prática do corte, coleta e comercialização da seringa nesta ilha. Você foi informado/leu, teve suas dúvidas esclarecidas. Se você aceitou este convite: concorda/autoriza divulgar sua entrevista ou trechos da mesma em todas as etapas da pesquisa, inclusive no produto final da mesma? Da mesma forma, permite a divulgação de sua imagem (fotografia) e de seus familiares no trabalho? Caso positivo, por favor, assine abaixo. Caso você esteja, por algum motivo, impossibilitado de assinar este acordo e/ou autorização, mas deseja participar, duas testemunhas firmarão (assinarão) a rogo (a seu pedido e/ou consentimento).

Data: 15/12/17 local: _____
Assinatura: Benedita Celeste de Moraes Pinto


Assinatura de Testemunhas a rogo:

Testemunha 1: _____

Testemunha 2: _____

Motivos de não assinatura:

- () Problemas provisório de visão.
- () Cegueira definitiva.
- () Não tateia no mundo da leitura e da escrita.


SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/UFP-CAMETA
CENTRO DE PESQUISA DO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS

TERMO INDIVIDUAL DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAR
COMO ENTREVISTADO DE PESQUISA

Título da pesquisa: MULHERES DA MATA: A PRESENÇA DA MULHER EXTRATIVISTA NO CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DO CICLO DA BORRACHA NO INTERIOR DA AMAZONIA TOCANTINA

Pesquisador(a): MEURYGREECE CALDAS FARIAS

Orientador(a): Prof^ª. Dr^ª. Benedita Celeste de Moraes Pinto

Você está sendo convidado(a) para participar como entrevistado(a) da pesquisa MULHERES DA MATA: A PRESENÇA DA MULHER EXTRATIVISTA NO CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DO CICLO DA BORRACHA NO INTERIOR DA AMAZONIA TOCANTINA. É importante que você entenda o significado deste trabalho para decidir se você deseja ou não participar. A referida pesquisa tem como objetivo investigar como se configurou a participação da mulher ribeirinha na atividade do corte da seringa durante a economia da borracha na ilha de Itanduba, interior da região da Amazônia Tocantina, no município de Cametá-Pará, visando reconstituir as memórias das mulheres seringueiras que atuavam na prática do corte, coleta e comercialização da seringa nesta ilha. Você foi informado/leu, teve suas dúvidas esclarecidas. Se você aceitou este convite: concorda/autoriza divulgar sua entrevista ou trechos da mesma em todas as etapas da pesquisa, inclusive no produto final da mesma? Da mesma forma, permite a divulgação de sua imagem (fotografia) e de seus familiares no trabalho? Caso positivo, por favor, assine abaixo. Caso você esteja, por algum motivo, impossibilitado de assinar este acordo e/ou autorização, mas deseja participar, duas testemunhas firmarão (assinarão) a rogo (a seu pedido e/ ou consentimento).

Data: 06/07/17 Local: _____,

Assinatura: _____

Assinatura de Testemunhas a rogo:

Testemunha 1: Raimundo Gomez

Testemunha 2: Bena Cruz

Motivos de não assinatura:

() Problemas provisório de visão.

() Cegueira definitiva.

Não tateia no mundo da leitura e da escrita.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/UFGA-CAMETA
CENTRO DE PESQUISA DO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS

TERMO INDIVIDUAL DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAR
COMO ENTREVISTADO DE PESQUISA

Título da pesquisa: MULHERES DA MATA: A PRESENÇA DA MULHER EXTRATIVISTA NO CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DO CICLO DA BORRACHA NO INTERIOR DA AMAZONIA TOCANTINA

Pesquisador(a): MEURYGREECE CALDAS FARIAS

Orientador(a): Prof.ª. Dr.ª. Benedita Celeste de Moraes Pinto

Você está sendo convidado(a) para participar como entrevistado(a) da pesquisa MULHERES DA MATA: A PRESENÇA DA MULHER EXTRATIVISTA NO CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DO CICLO DA BORRACHA NO INTERIOR DA AMAZONIA TOCANTINA. É importante que você entenda o significado deste trabalho para decidir se você deseja ou não participar. A referida pesquisa tem como objetivo investigar como se configurou a participação da mulher ribeirinha na atividade do corte da seringa durante a economia da borracha na ilha de Itanduba, interior da região da Amazônia Tocantina, no município de Cametá-Pará, visando reconstituir as memórias das mulheres seringueiras que atuavam na prática do corte, coleta e comercialização da seringa nesta ilha. Você foi informado/leu, teve suas dúvidas esclarecidas. Se você aceitou este convite: concorda/autoriza divulgar sua entrevista ou trechos da mesma em todos as etapas da pesquisa, inclusive no produto final da mesma? Da mesma forma, permite a divulgação de sua imagem (fotografia) e de seus familiares no trabalho? Caso positivo, por favor, assine abaixo. Caso você esteja, por algum motivo, impossibilitado de assinar este acordo e/ou autorização, mas deseja participar, duas testemunhas firmarão (assinarão) a rogo (a seu pedido e/ ou consentimento).

Data: 16/12/17 Local: _____,

Assinatura: _____

Assinatura de Testemunhas a rogo:

Testemunha 1: Rosimete Gonçalves

Testemunha 2: Claudio Nunes

Motivos de não assinatura:

- () Problemas provisório de visão.
() Cegueira definitiva.
(x) Não tateia no mundo da leitura e da escrita.

Cametá, 16. de Dezembro. de 2017

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/UFPA-CAMETA
CENTRO DE PESQUISA DO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS

TERMO INDIVIDUAL DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAR
COMO ENTREVISTADO DE PESQUISA

Título da pesquisa: MULHERES DA MATA: A PRESENÇA DA MULHER EXTRATIVISTA NO CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DO CICLO DA BORRACHA NO INTERIOR DA AMAZONIA TOCANTINA

Pesquisador(a): MEURYGREECE CALDAS FARIAS

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Benedita Celeste de Moraes Pinto

Você está sendo convidado(a) para participar como entrevistado(a) da pesquisa MULHERES DA MATA: A PRESENÇA DA MULHER EXTRATIVISTA NO CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DO CICLO DA BORRACHA NO INTERIOR DA AMAZONIA TOCANTINA. É importante que você entenda o significado deste trabalho para decidir se você deseja ou não participar. A referida pesquisa tem como objetivo investigar como se configurou a participação da mulher ribeirinha na atividade do corte da seringa durante a economia da borracha na ilha de Itanduba, interior da região da Amazônia Tocantina, no município de Cametá-Pará, visando reconstituir as memórias das mulheres seringueiras que atuavam na prática do corte, coleta e comercialização da seringa nesta ilha. Você foi informado/leu, teve suas dúvidas esclarecidas. Se você aceitou este convite: concorda/autoriza divulgar sua entrevista ou trechos da mesma em todas as etapas da pesquisa, inclusive no produto final da mesma? Da mesma forma, permite a divulgação de sua imagem (fotografia) e de seus familiares no trabalho? Caso positivo, por favor, assine abaixo. Caso você esteja, por algum motivo, impossibilitado de assinar este acordo e/ou autorização, mas deseja participar, duas testemunhas firmarão (assinarão) a rogo (a seu pedido e/ ou consentimento).

Data: 06/12/17 Local: _____,

Assinatura: _____

Assinatura de Testemunhas a rogo:

Testemunha 1: Marlene de Fátima Santos.

Testemunha 2: Marcos Santos.

Motivos de não assinatura:

() Problemas provisório de visão.

() Cegueira definitiva.

(x) Não tateia no mundo da leitura e da escrita.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/UFGA-CAMETA
CENTRO DE PESQUISA DO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS

TERMO INDIVIDUAL DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAR
COMO ENTREVISTADO DE PESQUISA

Título da pesquisa: MULHERES DA MATA: A PRESENÇA DA MULHER EXTRATIVISTA NO CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DO CICLO DA BORRACHA NO INTERIOR DA AMAZONIA TOCANTINA

Pesquisador(a): MEURYGREECE CALDAS FARIAS

Orientador(a): Profª. Drª. Benedita Celeste de Moraes Pinto

Você está sendo convidado(a) para participar como entrevistado(a) da pesquisa MULHERES DA MATA: A PRESENÇA DA MULHER EXTRATIVISTA NO CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DO CICLO DA BORRACHA NO INTERIOR DA AMAZONIA TOCANTINA. É importante que você entenda o significado deste trabalho para decidir se você deseja ou não participar. A referida pesquisa tem como objetivo investigar como se configurou a participação da mulher ribeirinha na atividade do corte da seringa durante a economia da borracha na ilha de Itanduba, interior da região da Amazônia Tocantina, no município de Cametá-Pará, visando reconstituir as memórias das mulheres seringueiras que atuavam na prática do corte, coleta e comercialização da seringa nesta ilha. Você foi informado/leu, teve suas dúvidas esclarecidas. Se você aceitou este convite: concorda/autoriza divulgar sua entrevista ou trechos da mesma em todas as etapas da pesquisa, inclusive no produto final da mesma? Da mesma forma, permite a divulgação de sua imagem (fotografia) e de seus familiares no trabalho? Caso positivo, por favor, assine abaixo. Caso você esteja, por algum motivo, impossibilitado de assinar este acordo e/ou autorização, mas deseja participar, duas testemunhas firmarão (assinarão) a rogo (a seu pedido e/ou consentimento).

Data: 10/07/17 Local: _____,

Assinatura: _____

Assinatura de Testemunhas a rogo:

Testemunha 1: MARIA DO CARMO MENDES

Testemunha 2: Tereza Mendes

Motivos de não assinatura:

() Problemas provisório de visão.

() Cegueira definitiva.

Não tateia no mundo da leitura e da escrita.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/UFPA-CAMETA
CENTRO DE PESQUISA DO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS

TERMO INDIVIDUAL DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO
COMO ENTREVISTADO DE PESQUISA

Título da pesquisa: MULHERES DA MATA: A PRESENÇA DA MULHER EXTRATIVISTA NO CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DO CICLO DA BORRACHA NO INTERIOR DA AMAZONIA TOCANTINA

Pesquisador(a): MEURYGREECE CALDAS FARIAS

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Benedita Celeste de Moraes Pinto

Você está sendo convidado(a) para participar como entrevistado(a) da pesquisa MULHERES DA MATA: A PRESENÇA DA MULHER EXTRATIVISTA NO CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DO CICLO DA BORRACHA NO INTERIOR DA AMAZONIA TOCANTINA. É importante que você entenda o significado deste trabalho para decidir se você deseja ou não participar. A referida pesquisa tem como objetivo investigar como se configurou a participação da mulher ribeirinha na atividade do corte de seringa durante a economia da borracha na ilha de Itanduba, interior da região da Amazônia Tocantina, no município de Cametá-Pará, visando reconstituir as memórias das mulheres seringueiras que atuavam na prática do corte, coleta e comercialização da seringa nesta ilha. Você foi informado/leu, teve suas dúvidas esclarecidas. Se você aceitou este convite: concorda/autoriza divulgar sua entrevista ou trechos da mesma em todas as etapas da pesquisa, inclusive no produto final da mesma? Da mesma forma, permite a divulgação de sua imagem (fotografia) e de seus familiares no trabalho? Caso positivo, por favor, assine abaixo. Caso você esteja, por algum motivo, impossibilitado de assinar este acordo e/ou autorização, mas deseja participar, duas testemunhas firmarão (assinarão) a rogo (a seu pedido e/ou consentimento).

Data: 01/01/17 Local: _____,

Assinatura: _____

Assinatura de Testemunhas a rogo:

Testemunha 1: Leocimar P. Santo

Testemunha 2: Adriana Melo Sá

Motivos de não assinatura:

- Problemas provisório de visão.
- Cegueira definitiva.
- Não tateia no mundo da leitura e da escrita.

Cametá 01 de julho de 2017